

PPGART 2007-2017: histórico e percurso

Nara Cristina Santos
Andreia Machado Oliveira
Organizadoras

Editora PPGART

PPGART 2007-2017: histórico e percurso

Nara Cristina Santos e Andréia Machado Oliveira (Org.)

ISBN: 978-85-93462-03-0

P894 PPGART 2007-2017 [recurso eletrônico] : histórico e percurso /
Nara Cristina Santos, Andreia Machado Oliveira (organizadoras). –
Santa Maria : Ed. PPGART, 2018.
1 e-book : il

ISBN: 978-85-93462-03-0

1. Arte 2. Arte contemporânea 3. Arte e Cultura 4. Arte e
tecnologia 5. Arte e visualidade 6. PPGART – História I. Santos,
Nara Cristina II. Oliveira, Andreia Machado

CDU 7.036
73/77

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.
Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi.
Santa Maria / RS
Telefones: 3220-9484 e 3220-8427
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

Design gráfico da capa: Cássio Lemos e Cristina Landerdahl

Projeto Gráfico/Editoração: Cristina Landerdahl

Revisão: Natascha Carvalho

sumário

APRESENTAÇÃO

Nara Cristina Santos e Andréia Machado Oliveira 07

HISTÓRICO

PPGART/MESTRADO EM ARTES VISUAIS 2007-2017

Nara Cristina Santos 11

PPGART LINHAS DE PESQUISA

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi 29

PERCURSOS

LINHA DE PESQUISA ARTE E VISUALIDADE 37

AÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA EM ARTES: MOMENTOS ESPECÍFICOS

Rebeca Lenize Stumm 39

GRUPO ARTE IMPRESSA

Helga Dutra Correa 49

LINHA DE PESQUISA ARTE E CULTURA 57

A CULTURA INSTAURADA NOS CORPOS EM PERFORMANCE ARTE

Gisela Reis Biancalana 61

**LABORATÓRIO DE ARTE E SUBJETIVIDADES:
PROPOSIÇÕES E AÇÕES**

71 *Rosa Maria Blanca Cedillo*

**ARTE E CULTURA VISUAL: RESISTÊNCIAS E INTER/AÇÕES NAS
I/MEDIAÇÕES COM AS VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS**

81 *Lutiere Dalla Valle*

91 **LINHA DE PESQUISA ARTE E TECNOLOGIA**

**ARTE CONTEMPORÂNEA E PESQUISA TRANSDISCIPLINAR EM
ARTE<>CIÊNCIA<>TECNOLOGIA - LABART 2007 - 2017**

93 *Nara Cristina Santos*

**ARTE E TECNOLOGIA EM PRODUÇÕES SINGULARES:
AÇÕES E MEMÓRIAS EM GRUPO**

105 *Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi*

**PPGART, LUGAR DE EXPERIÊNCIA E PENSAMENTO POÉTICO À
PARTIR DE UMA REALIZAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

119 *Darci Raquel Fonseca*

**LABINTER: PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA**

131 *Andréia Machado Oliveira*

143 **CONTRIBUIÇÃO**

**A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA NA ARTE E SEUS DESDOBRAMENTOS
NUM PROJETO ARTÍSTICO E NO ENSINO**

145 *Sandra Terezinha Rey*

PPGART 2007-2017: histórico e percurso

APRESENTAÇÃO

Nara Cristina Santos e Andreia Machado Oliveira

Esta publicação resulta do Encontro 10 Anos do PPGART, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Mestrado, um evento que congregou, em abril de 2017, os docentes, discentes, corpo técnico administrativo e convidados para compartilhar experiências e vivências nesta primeira década de atividades. O Encontro reuniu docentes que atuam e atuaram no PPGART, com menção especial as professoras convidadas do PPGAV/UFRGS, que contribuíram no período inicial do curso através da Associação Temporária durante 5 anos, apoiada pela CAPES. No período de 2007-2017, o PPGART consolidou em 15 pessoas o corpo docente e formou 82 mestres, contribuindo efetivamente para a formação na pós-graduação na área das Artes Visuais, no Centro de Artes e Letras, na Universidade Federal de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, com repercussão em todo Brasil e no exterior.

Portanto, esta publicação também reflete os objetivos do PPGART/Mestrado em Artes Visuais, o apoio à pós-graduação do CAL e o incentivo da UFSM aos cursos de pós-graduação para promover a construção do conhecimento e o debate crítico em todas as áreas do saber. Nesse sentido, valoriza o Encontro que buscou promover o debate entre professores pesquisadores, mestres e mestrandos do PPGART, para reconhecer e valorizar a pesquisa na pós-graduação no campo da arte contemporânea, e estabelecer uma troca importante de conhecimento e um produtivo entrecruzamento das atividades acadêmicas e profissionais no período de 2007-2017. A organização do evento através de mesas redondas propiciou a troca de experiências do percurso, valorizando as linhas de pesquisa, e fundamenta a estrutura do sumário desta publicação.

O PPGART tem como área de concentração Arte Contemporânea e três linhas de pesquisa: Arte e Visualidade, Arte e Cultura, Arte e Tecnologia. Estas linhas articulam projetos em poéticas visuais ou história, teoria e crítica das artes. Portanto, a publicação está estruturada inicialmente com um foco histórico, depois com foco para cada uma das três linhas de pesquisas e, para finalizar, um foco em contribuições.

HISTÓRICO

Nara Cristina Santos relata o histórico do PPGART, desde sua concepção, elaboração e início em 2007, até sua consolidação durante esses 10 anos. Ressalta a Associação Temporária com o PPGAV/UFRGS, dá ênfase ao corpo docente próprio da UFSM, com produção acadêmica madura em arte contemporânea. Valoriza o corpo discente de 82 egressos e sua respectiva produção. Comemorando esses 10 anos, Nara destaca a Revista Contemporânea do PPGART e a implementação da Editora PPGART/UFSM. Em relação às linhas de pesquisa do PPGART, Reinilda Minuzzi traça um panorama, com dados estatísticos. Nas linhas Arte e Cultura, Arte e Tecnologia e Arte e Visualidade, apresenta o número de docentes envolvidos; o tipo de participação docente; o número de orientações por docente; a área da produção científica gerada; sua representação na gestão do Programa; o número de orientações por docente; o número de dissertações defendidas; e, de forma aproximada, a situação atual dos egressos de cada Linha.

ARTE E VISUALIDADE. Ao tecer os percursos de cada linha, cada autor aborda sua produção dentro do PPGART. Na linha Arte e Visualidade, Rebeca Stumm apresenta **Ações do Grupo de Pesquisa em Artes: momentos específicos**, que teve início em 2011, e comenta algumas de suas produções: ocupação a Casa Manoel Ribas - 24 horas, Arte#ocupaSM e Residências artísticas. O **Grupo Arte Impressa**, conforme Helga Correa, surge em 2012 com o intuito de produzir livros de artistas, conjugando o universo gráfico e o universo do livro. Helga relata a produção do grupo em distintas exposições.

ARTE E CULTURA. Gisela Biancalana escreve sobre **A Cultura Instaurada nos Corpos em Performance Arte**, a partir da produção do grupo de pesquisa Performances: arte e cultura. Ela trabalha com o conceito de performatividade, suas relações com abordagens culturais, realizar laboratórios de criação e apresentar os desdobramentos teórico-

conceituais das investigações acadêmicas e artísticas. Rosa Maria Blanca aborda o **Laboratório de Arte e Subjetivações: proposições e ações**, para discutir arte contemporânea, a partir de uma metodologia experimental, com foco na construção da identidade do sujeito artista via práticas artísticas, bem como sobre práticas poéticas/colaborativas. Em **Arte e Cultura Visual: resistências e inter/ações nas i/mediações com as visualidades contemporâneas**, Lutiére Dalla Valle argumenta como certas narrativas visuais podem aportar determinadas posições críticas e inventivas. Ao trazer o termo *I/mediações* para suas reflexões, investiga ligações entre arte, cultura visual, espaços expositivos, processos de interação e mediação.

ARTE E TECNOLOGIA. Nara Cristina Santos apresenta *Percurso e Produção do LABART 2007-2017*, que visa o desenvolvimento de projetos na área da Arte Contemporânea, com ênfase na História, Teoria e Crítica da Arte, e abertura para Poéticas Visuais e seus diálogos com a ciência e a tecnologia. Tais projetos são realizados pelo Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq desde 2005. Reinilda Minuzzi escreve sobre **Arte e Tecnologia em Produções Singulares: ações e memórias em grupo**, partindo de um contexto da arte computacional chega à produção do Grupo de Pesquisa Arte e Design, que iniciou suas atividades em 2005. **PPGART, lugar de experiência e pensamento poético a partir de uma realização em artes visuais** é escrito por Raquel Fonseca que expõe aspectos importantes sobre a formação de alunos-pesquisadores em artes e fotografia, no PPGART. Andréia Machado Oliveira, no artigo **LabInter: pesquisa e criação em arte, ciência e tecnologia**, aborda a produção do laboratório, desde 2012, em seus aspectos teóricos e metodológicos, bem como os projetos desenvolvidos.

CONTRIBUIÇÃO

Com significativa contribuição para esta publicação, Sandra Rey trata **A noção de experiência na arte e seus desdobramentos num projeto artístico e no ensino**. A autora, inicialmente, menciona sua experiência no PPGART, ampliando, posteriormente discussões sobre a arte contemporânea, nas quais o Sujeito é agente e destinatário de trocas simbólicas.

Esta publicação, em modo e-book, traz um panorama dos 10 anos do PPGART/Mestrado em Artes Visuais, seus atores, suas pesquisas e suas contribuições para a área das Artes Visuais no país.

PPGART/MESTRADO EM ARTES VISUAIS 2007-2017

Nara Cristina Santos

RELATO E AGRADECIMENTO

Acompanho o crescimento do PPGART como quem realizou um sonho acadêmico. De fato, de quem no caminho da pesquisa passou por todas as fases, viveu a experiência de ser bolsista de iniciação científica, bolsista de Mestrado e de Doutorado Sanduiche, e escolheu a docência universitária, com aquilo que ela exige de dedicação exclusiva, não apenas ao ensino, mas, sobretudo à pesquisa e também à extensão, e ainda às tarefas administrativas para se colocar à frente da organização e coordenação de um curso de Pós-graduação, o PPGART. Neste percurso, depois de uma pesquisa de pós-doutoramento, e diante de um daqueles momentos tristes da vida, tive fôlego para assumir, com uma equipe dedicada, a presidência da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas) na gestão de 2015-2016. Creio que sintetizei rapidamente minha trajetória de pesquisadora.

Entrei na UFSM em 1984 para Licenciatura em Artes Visuais e em 1987 iniciei paralelamente o Bacharelado na mesma área. Neste período, tive a oportunidade de atuar na pesquisa como bolsista de IC (iniciação científica) FAPERGS e depois CNPq. Em 1993 comecei minha carreira docente junto ao DAV/CAL/UFSM. De 1995 a 1997 concluí o Mestrado e de 1999 a 2004 o Doutorado, ambos em Artes Visuais na UFRGS. Este último com Doutorado Sanduiche em 2001 na Paris 8, França. No retorno para a UFSM, preocupada com a falta de uma pós-graduação na área de Artes no CAL, idealizei e coordenei o Curso de Especialização em Arte e Visualidade, com a colaboração da Prof.^a Reinilda Minuzzi, que foi coordenadora substituta, e o trabalho conjunto de um grupo de colegas do DAV. A Especialização

teve edição única em 2005, porque já em 2006 iniciamos o projeto do Curso de Mestrado. Então, em 2007, estive à frente do projeto da abertura e coordenação do PPGART/Mestrado em Artes Visuais, com o apoio do Prof. Ayrton Dutra Correa, que foi coordenador substituto, e um grupo de docentes da UFSM e da UFRGS.

Passados 33 anos de UFSM, 24 anos como docente e, destes, 10 anos junto ao PPGART agora em 2017, me sinto recompensada pelas escolhas feitas e desafios aceitos, não sem alguns percalços, mas com muitas vitórias! É muito bom perceber a dedicação de colegas nesse processo de consolidação da Pós-graduação em Artes Visuais da UFSM, aos quais preciso agradecer: em especial ao Prof. Paulo Bayard Gonçalves, Pró-reitor da PRPGP na época, que acreditou o nosso projeto e o submeteu diretamente à CAPES que aprovou em meados de 2006, assim como a todos os pró-reitores de pós-graduação e pesquisa que assumiram na sequência, e seguem até hoje apoiando o programa; ao Prof. Clóvis Lima, reitor da UFSM no período, que propiciou condições de infraestrutura inicial ao PPGART de 2007 a 2009, e a cada um dos reitores que assumiram nesta década; ao Prof. Pedro Brum Santos, que no mandato como diretor do CAL, de 2011 a 2018, reconheceu a importância da implantação do PPGART, apoiou e estimulou a pós-graduação para o amadurecimento da pesquisa na área das Artes Visuais; às coordenadoras de área de Artes/Música da CAPES que dialogaram conosco e apontaram caminhos nesse percurso, Martha Ulhôa e Maria Beatriz de Medeiros; Antônia Pereira e Vera Siqueira; em especial a Milton Sogabe, que já em 2004 convidou-me para participar do Fórum de Coordenadores de Pós-graduação em Artes/Artes Visuais, para conhecer a realidade na área, quando o projeto do PPGART estava sendo gerado; aos colegas de todo Brasil que, nos Fóruns de Coordenadores, dividiram as angústias, mas sobretudo as conquistas para o fortalecimento dos Programas em Artes/Artes Visuais nas mais diferentes regiões do país; mas agradeço, especialmente, as docentes da UFRGS que se associaram ao projeto e a cada docente da UFSM que acredita no nosso Programa, que já atuou ou atua no PPGART com dedicação e qualidade acadêmica na pesquisa em Artes Visuais; e, a todos os discentes que valorizaram nossa iniciativa, pessoal, profissional e institucional, compartilharam das nossas dificuldades e conquistas e desenvolveram investigações que resultaram em dissertações valorosas. Enfim, neste olhar particular, agradeço a todos que lançaram desafios à nossa existência enquanto Programa e que fazem, neste ano de 2017, toda a diferença!

O COMEÇO

O Curso de Mestrado em Artes Visuais foi formalizado em 2006, com a **Comissão para Proposta de Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Mestrado – PPGART/UFSM**, composta pelos professores Ayrton Dutra Corrêa, Edemur Casanova, Marilda O. de Oliveira, Nara Cristina Santos e Reinilda Minuzzi. Essa comissão contou com apoio do Prof. Paulo Bayard Dias Gonçalves, Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, e do Prof. Clóvis Silva Lima, Reitor da UFSM.

O PPGART/Mestrado em Artes Visuais da UFSM teve início em janeiro de 2007 conforme previa o APCN (Aplicativo de Propostas para Cursos Novos), com 7 professores da UFSM e com 3 professores da Associação Temporária com o PPGAV/Mestrado e Doutorado em Artes Visuais da UFRGS, que integraram o projeto enviado à CAPES. Na época, o corpo docente foi constituído pelos professores permanentes da UFSM: Ayrton Dutra Corrêa, Edemur Casanova, Nara Cristina Santos DAV/CAL; Luciana Hartmann DAC/CAL; Marilda O. de Oliveira DEM/CE; e, da UFRGS, uma participação especial: Blanca Luz Brites (minha orientadora no doutorado), Icléia Borsa Cattani (minha orientadora no mestrado), e Sandra Rey DA/IA. E, os professores colaboradores da UFSM, Marcos Cordeiro D’Ornellas/CT e Christian Viktor Hamm/CCSH. No início deste mesmo ano, foi credenciada como permanente a professora Reinilda Minuzzi DAV/CAL.

O curso iniciou com uma modalidade de Associação Temporária que a CAPES tinha naquele momento para incentivar a abertura de cursos novos no país. Esta Associação se manteve com a UFRGS por mais tempo do que o previsto, inicialmente de 3 anos, devido a falta de professores qualificados em Artes Visuais no DAV/UFSM, e contou a partir de 2010 com a professora Ana Maria Albani de Carvalho da UFRGS, substituindo sua colega Icléia Cattani. A Parceria UFSM/UFRGS finalizou em 2012. Durante o período de 2007 a 2011, houve uma significativa mudança no corpo docente na UFSM, rumo à sua consolidação.

O PPGART

Neste ano, quando o PPGART comemora seus primeiros 10 anos de história, o grupo de professores que se agregou ao percurso é diverso na sua formação, mas todos com graduação e/ou pós-graduação nas Artes/Artes Visuais, atuando na área de concentração Arte Contemporânea, seja em

HISTÓRICO

Poéticas Visuais ou História Teoria e Crítica da Arte. Todos com produção nas respectivas linhas de pesquisa, Arte e Visualidade, Arte e Cultura e Arte e Tecnologia, com um interesse em comum: desenvolver pesquisa de qualidade e trabalhar com responsabilidade para a consolidação do Programa, visando em breve à abertura do Doutorado.

Em 2017, o PPGART é composto por 15 docentes: como permanentes, Altamir Moreira, Andréia Machado Oliveira, Darci Raquel Fonseca, Helga Correa, Lutiere Dalla Valle, Nara Cristina Santos, Rebeca Stumm, Reinilda Minuzzi, Rosa Blanca, DAV/CAL; Gisela Biancalana, DAC/CAL. E, professores colaboradores: Paulo Gomes, UFSM/UFRGS, Christian Viktor Hamm e Holgonsi Soares Gonçalves Siqueira/CCSH. No segundo semestre de 2017, assume como colaboradora Débora Aita Gasparetto DI/CAL, mestre pelo PPGART e doutoranda pela UFRGS; e, professora visitante, para atuar como permanente, Sandra Rey (UFRGS/UFSM). Está em processo de credenciamento a professora Karine Perez Vieira DAV/CAL, mestre pelo PPGART e doutoranda pela UFRGS.

Do conjunto de docentes em 2017, na tabela a seguir, 4 atuam na linha de pesquisa Arte e Visualidade (marcados em amarelo); 5 atuam na linha de pesquisa Arte e Cultura (em azul); e, 6 atuam na linha de pesquisa Arte e Tecnologia (em verde).

CORPO DOCENTE

Figura 1 – Tabela Corpo Docente. Baseada na fonte www.ufsm.br/ppgart

| Tabela Corpo Docente PPGART/ UFSM | 1º Triênio Permanente ou Colaborador 2007-2008-2009 | | | | 2º Triênio Permanente ou Colaborador 2010-2011-2012 | | | | 1º Quadriênio Permanente ou Colaborador 2013-2014-2015-2016 | | | | 2º Quadriênio Permanente ou Colaborador 2017-2018-2019-2020 | | | | Linha de pesquisa |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|--|--|--|-------------------|
| Altamir Moreira | | C | P | P | P | P | P | P | C | C | C | C | C | | | | AC |
| Ana M. Albani de Carvalho (UFRGS) | | | | P | P | P | P | P | - | - | - | - | - | | | | AC |
| Andreia Machado Oliveira | | | | | P | P | P | P | P | P | P | P | P | | | | AT |
| Ayrton Dutra Correa | P | P | P | P | P | P | - | - | - | - | - | - | - | | | | AV |

| | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Blanca Luz Brites (UFRGS) | P | P | P | P | P | P | P | - | - | - | - | AC |
| Christian Viktor Hamm | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | C | AV |
| Darci Raquel da Fonseca | | | | | P | P | P | P | P | P | P | AT |
| Débora Aita Gasparetto | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | C | AT |
| Edemur Casanova | P | P | P | C | - | - | - | - | - | - | - | AV |
| Gisela Biancalana | | | | P | P | P | P | P | P | P | P | AC |
| Helga Correa | | | | - | - | P | P | P | P | P | P | AV |
| Holgonsi Soares G. Siqueira | | | | | C | C | C | C | C | C | C | AC |
| Icléia Borsa Cattani (UFRGS) | P | P | P | P | - | - | - | - | - | - | - | AV |
| Luciana Hartmann | P | P | P | P | - | - | - | - | - | - | - | AC |
| Lutiere Dalla Vale | | | | | | | P | P | P | P | P | AC |
| Marcos C. D'Ornellas | C | C | C | C | - | - | - | - | - | - | - | AT |
| Marilda O. de Oliveira | P | P | P | P | - | - | - | - | - | - | - | AC |
| Nara Cristina Santos | P | P | P | P | P | P | P | P | P | P | P | AT |
| Paulo Céza R. Gomes (UFSM/UFRGS) | | | P | P | P | P | P | P | P | P | C | AV |
| Rebeca Stumm | | | | | P | P | P | P | P | P | P | AV |
| Reinilda Minuzzi | P | P | P | P | P | P | P | P | P | P | P | AT |
| Rosa M. Blanca Cedillo | - | - | - | - | - | - | - | - | P | P | P | AC |
| Sandra Terezinha Rey (UFRGS) | P | P | P | P | P | - | - | - | - | - | - | AT |

OBS.: Os professores que não continuaram no PPG, o fizeram por doença, aposentadoria, transferência para outra IES, ou opção por permanecer em apenas um PPG na UFSM. O diferencial está no Prof. Paulo Gomes, que atuava na UFSM e depois de concursado na UFRGS seguiu para aquela IES, mas permaneceu no PPGART. A partir de 2011, com o retorno de colegas do DAV do doutoramento, assim como a chegada de novos concursados, o corpo docente inicia seu processo de consolidação. Embora a Associação Temporária com a UFRGS tenha finalizado em 2012, algumas professoras aparecem em 2013, em função da defesa de seus orientandos em março.

Nestes dez anos, o PPGART foi coordenado pelos seguintes pesquisadores:

| | |
|------------------|---|
| 2007-2009 | Prof.ª Dr.ª Nara Cristina Santos (coordenadora) e Prof. Dr. Ayrton Dutra Correa (coordenador substituto) |
| 2009-2011 | Prof.ª Dr.ª Nara Cristina Santos (coordenadora) e Prof. Dr. Altamir Moreira (coordenador substituto) |
| 2011-2013 | Prof. Dr. Altamir Moreira (coordenadora) e Prof.ª Dr.ª Gisela Biancalana (coordenadora substituta) |
| 2013-2015 | Prof.ª Dr.ª Darci Raquel Fonseca (coordenadora) e Prof.ª Dr.ª Gisela Reis Biancalana (coordenadora substituta 2013-2014) e Prof.ª Dr.ª Andreia Machado Oliveira (coordenadora substituta 2014-2015) |
| 2016-2017 | Prof.ª Dr.ª Andréia Machado Oliveira (coordenadora) e Prof.ª Dr.ª Reinilda Minuzzi (coordenadora substituta) |

CORPO DISCENTE

O primeiro edital em 2007 é aberto para 8 vagas, no ano seguinte 10 vagas e desde então são abertas até 12 vagas (divididas proporcionalmente entre as linhas de pesquisa), as quais não precisam necessariamente ser preenchidas na totalidade. Durante esse período de 10 anos, o curso contabiliza 104 estudantes, dos quais 82 obtiveram o título de mestre e 22 estão cursando o mestrado, respectivamente os que entraram em 2016 e 2017.

Portanto, no período de 2007-2017, o PPGART formou 82 mestres contribuindo efetivamente para a consolidação da pós-graduação na área das Artes Visuais na UFSM, no estado do Rio Grande do Sul, com repercussão em todo Brasil e exterior. Os resultados qualitativos e quantitativos da pesquisa desenvolvida na área de concentração em Arte Contemporânea, nas diferentes linhas de pesquisa, demonstra o potencial para dar continuidade à investigação em nível de doutorado.

Na sequência, apresenta-se a tabela dos mestres, por ano, para dimensionar a totalidade das orientações e da produção de dissertações defendidas no período em uma década, considerando que a primeira turma o fez em 2009.

MESTRES PPGART 2007-2017

| MESTRES 2009 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|---|--|----------------------|--------------------|
| 1. Denis Siminovich | “Identidades Híbridas: Processos de subjetivação através da fragmentação e (des)montagem digital.” | Sandra Rey | Arte e Tecnologia |
| 2. Franciele Filipini dos Santos | “O ciberespaço e o ambiente virtual da Bienal do Mercosul: possível espaço de criação/exposição.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 3. Janaína Delgado Falcão da Rocha | “Memórias costuradas: cenários como dispositivos de uma poética visual.” | Luciana Hartmann | Arte e Cultura |
| 4. Juzélia De Moraes Silveira | “Robert Mapplethorpe : diálogos e olhares sobre a sexualidade na Arte Contemporânea.” | Ayrton Dutra Corrêa | Arte e Visualidade |
| 5. Luciano Silva dos Santos | “Ofertórios.” | Icléia Borsa Cattani | Arte e Visualidade |
| 6. Nara Amélia Melo da Silva | “Sobre um céu feito de abismo: narrativas em Poéticas Visuais.” | Edemur Casanova | Arte e Visualidade |
| 7. Salette Mafalda Oliveira Marchi | “Presenças do corpo feminino na arte: aproximações a partir de Orlan.” | Blanca Brittes | Arte e Cultura |

| MESTRES 2010 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|-----------------------------------|--|------------------------------|--------------------|
| 8. Carla Borin Vieira | “A presença do corpo feminino como objeto na Arte Contemporânea: as artistas contemporâneas e suas autorias.” | Christian Viktor Hamm | Arte e Visualidade |
| 9. Cláudia Loch | “No labirinto da urbis ao ciberespaço: uma poética digital.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 10. Cláudia Schulz | “Dramaturgia da carne: um experiência na arte da performance.” | Luciana Hartmann | Arte e Cultura |
| 11. Cristian Poletti Mossi | “Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte – suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes.” | Marilda Oliveira de Oliveira | Arte e Cultura |

HISTÓRICO

| MESTRES 2010 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|---------------------------------------|--|---------------------------|-----------------------|
| 12. Fabiane Sartoretto Pavin | “Processos híbridos na poética de Sandra Rey: um estudo a partir de “Soft dreams” e “Desdobramentos da paisagem.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 13. Karine Gomes Perez | “(Re)configurações do eu: a produção de autorretratos fotográficos como ficção/ encenação.” | Luciana Hartmann | Arte e Cultura |
| 14. Luciana Azambuja Alcântara | “O desenho – imagem: entre (linhas) de uma poética.” | Reinilda Minuzzi | Arte e tecnologia |
| 15. Luciano do Monte Ribas | “Jardim Miriam Arte Clube: lugar de encontro entre arte e direitos humanos.” | Blanca Luz Brites | Arte e Cultura |
| 16. Michele Martins | “Nunes abiências na parede: concepções espaciais em pintura e desenho.” | Edemur Casanova | Arte e Visualidade |
| 17. Milene Tonellotto de Lima | “O processo criativo de pinturas da série Corpos-beijo e olhares.” | Edemur Casanova | Arte e Visualidade |
| 18. Renata Favarin Santini | “Carlos Vergara: deslocamentos do visível.” | Ayrton Dutra Corrêa | Arte e Visualidade |
| 19. Rogério Tubias Schraiber | “Poética digital: criação colaborativa no fluxo comunicacional.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| MESTRES 2011 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 20. Ana Méri Zavadil Machado | “Reatando os nós: Arte & Fato galeria, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul- MAC/RS e Torreão – espaços de legitimação em Porto Alegre (1985-1997).” | Blanca Luz Brites | Arte e Cultura |
| 21. Fernando Franco Codevilla | “Video-performance: processos com o audiovisual em tempo real.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 22. Greice Antolini Silveira | “Imersão: sensação redimensionada pelas tecnologias digitais na Arte Contemporânea.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 23. Kelly Wendt | “De olhos cerrados: visões sem lembranças.” | Paulo César Ribeiro Gomes | Arte e Visualidade |

| MESTRES 2011 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|---|--|---|--------------------|
| 24. Odete Angelina Calderan | “Ofertórios.” “Objeto- imagem: [entre] meios de uma poética.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 25. Rejane de Fátima Devicari Berger | “Cerâmica no Rio Grande do Sul: a trajetória de Tania Resmini.” | Ayrton Dutra Corrêa | Arte e Visualidade |
| MESTRES 2012 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 26. Ana Paula Gomes Witeck | “A vanitas em obras de Arte Contemporânea: um estudo iconográfico.” | Altamir Moreira | Arte e Cultura |
| 27. Débora Aita Gasparetto | “Arte digital e circuito expositivo: um “curto em torno do FILE.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 28. Henrique Telles Neto | “Interdisciplinaridade em arte, ciência e tecnologia: SCIARTS.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 29. Luana de Siqueira Brasil | “Reflexos sobre a serie musas inquietantes – 1994, de Aphonsus Benetti.” | Ayrton Dutra Corrêa Co-Orientadora Nara Cristina Santos | Arte e Visualidade |
| 30. Luciana Estivalet Pinto | “Objetos gravados: uma experimentação poética a partir da técnica de gravura em metal.” | Paulo César Ribeiro Gomos | Arte e Visualidade |
| 31. Marianna Elisabeth Stumpp | “Pele imagética: fronteiras híbridas em arte e tecnologia.” | Reinilda Minzzi | Arte e Tecnologia |
| 32. Paula Cristina Luersen | “Ação do público como instauradora da obra: propostas participativas na Arte Contemporânea.” | Blanca Luz Brites | Arte e Cultura |
| 33. Tanise Pozzobom | “As relações ente Arte Contemporânea e marketing cultural: cowparade Porto Alegre 2010.” | Ana Maria Albani de Carvalho | Arte e Cultura |
| MESTRES 2013 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 34. Anelise Vieira dos Santos Witt | “Gamearte: subversão e diversão na Arte Contemporânea.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 35. Bruno da Silva Teixeira | “Possíveis impossibilidades – o objeto esculturado.” | Rebecan Stumm | Arte e Visualidade |

HISTÓRICO

| MESTRES 2013 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|---|--|--|-----------------------|
| 36. Carolina Reichert Andres | “Cultmap _ cartografias artísticas urbanas.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 37. Daniele Quiroga Neves | “Performance e registro: a produção performática de Cláudia Paim.” | Gisela Reis Biancalana Co-orientadora Nara Cristina Santos | Arte e Cultura |
| 38. Fabio Purper Machado | “Uma poética entre a escultura e os quadrinhos.” | Paulo César Ribeiro Gomes | Arte e Visualidade |
| 39. Francisco Eduardo Coser Dalcol | “Museu, exposições e curadorias: a geopolítica da Fundação Iberê Camargo.” | Ana Maria Albani de Carvalho | Arte e Arte e Cultura |
| 40. Luciana Abitante Swarowsky | “Instantes cotidianos: por uma arte da fotografia móvel.” | Darci Raquel Fonseca | Arte e Tecnologia |
| 41. Manoela Freitas Vares | “Ciborgue: uma concepção do corpo na Arte Contemporânea.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 42. Mirieli Costa | “DESGASTE – a presença transformadora do artista.” | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 43. Ricardo de Pellegrin | “Objetos mediados: pinturas mestiças.” | Paulo César Ribeiro Gomes | Arte e Visualidade |
| 44. Tatiana Barrios Vinadé | “O corpo em transito entre o teatro e a performance: de ama à minha velha.” | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| MESTRES 2014 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 45. Alessandra Londero | “O corpo na arte da performance: artistas visuais e artistas da cena, no Rio Grande do Sul.” | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| 46. Carlos Alberto Donaduzzi | “Fotografia submersa: cenas cotidianas ficcionais.” | Nara Cristina Santos Co-orientadora Darci Raquel Fonseca | Arte e Tecnologia |
| 47. Cleandro Stevão Tombini | “A construção do campo pictórico: acúmulos e contraposições.” | Paulo César Ribeiro Gomes | Arte e Visualidade |

| MESTRES 2014 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|--|---|---------------------------|-----------------------|
| 48. Elias Edmundo Maroso | “Contágios poéticos no espaço: por ações no contexto urbano.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 49. Mariete Taschetto Uberti uciana Estivalet Pinto | “O mural de Eduardo Kobra em Santa Maria: uma relação com a arte pública.” | Lutiere Dalla Valle | Arte e Cultura |
| 50. Maristela Moraes Santos Eisenberg | “Pintura de objetos: narrativas e representações.” | Paulo César Ribeiro Gomes | Arte e Visualidade |
| 51. Simone Melo da Rosa | “Invenções de paisagens urbanas: atualizações do passado feitas por meio da arte digital.” | Andreia Machado Oliveira | Arte e Tecnologia |
| MESTRES 2015 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 52. Gicelda de Lucca Flores | “Karin Lambrecht: questões sobre uma visualidade existencial.” | Altamir Moreira | Arte e Cultura |
| 53. Jorge Alberto Fontoura Gularte | “Artista na rua e artista de rua: enfrentamento e resistência.” | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 54. Luana de Oliveira Andrade | “Todos os nomes, e a descoberta das invenções diárias: livros de artista como registros de narrativas na Arte Contemporânea.” | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 55. Luise Dolinski Aranha | “Corpo-território cambiante e processos híbridos no contexto da Arte Contemporânea.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 56. Marcos Cichelero | “Game over: o corpo (em) delito na Arte Contemporânea.” | Andréia Machado Oliveira | Arte e Tecnologia |
| 57. Marcos Vinicius Caye Lara | “Ofertar-me: o batuque como propulsor do estado performático.” | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| 58. Maria das Graças Garcia Poll | “Multiterritórios e entrecruzamentos híbridos em uma experiência artística in situ.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 59. Rafael Happke | “Dispositivo e contradispositivo na construção poética do retrato.” | Darci Raquel Fonseca | Arte e Tecnologia |
| 60. Roberto Azevedo Chagas | “Demarcações escultóricas: uma abordagem sobre o espaço ocupado e a escultura.” | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |

HISTÓRICO

| MESTRES 2015 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|--|---|---------------------------|-----------------------|
| 61. Sandro Bottene | “[Des] construções pictóricas transitórias: poética em processo pela ação do desvelamento.” | Paulo César Ribeiro Gomes | Arte e Visualidade |
| MESTRES 2016 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 62. Aline Arend | “Memórias de infância: pesquisa poética em Artes Visuais.” | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 63. Andrea Aparecida Capssa de Lima da Silveira | “Considerações sobre as galerias virtuais e suas relações com o mercado de arte.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 64. Bruna Berger | “Arte e publicidade na contemporaneidade: convergências.” | Darci Raquel Fonseca | Arte e Tecnologia |
| 65. Caroline Turchiello da Silva | “Habitar somático: um corpo que abre os poros para ver (se) a partir de sua dança/performance.” | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| 66. Catiuscia Bordin Dotto | “Simpósios de escultura: processos de interação e produção escultórica na contemporaneidade.” | Lutiere Dalla Valle | Arte e Cultura |
| 67. Giovanna Graziosi Casimiro | “Realidade mista e meio expositivo na Arte Contemporânea: insitu<>influxu.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 68. Marina Attiná Jozala Barros | “Livro-arte: uma possível aproximação.” | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 69. Mariana Binato de Souza | “Ações artísticas públicas: superfícies urbanas em aderência híbrida.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 70. Matheus Moreno dos Santos Camargo | “Transhabitat: topologias transorgânicas em arte e tecnologia.” | Andréia Machado Oliveira | Arte e Tecnologia |
| 71. Tiago Gonçalves Teles | “Do palhaço à palhaformance: uma poética da presença do palhaço em performance.” | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| 72. Valeria Boelter | “Expografia na contemporaneidade: propostas em arte e tecnologia digital.” | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |

| MESTRES 2017 | TÍTULO DA DISSERTAÇÃO | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|---|---|--------------------------|-----------------------|
| 73. Ana Paula Parise Malavolta | “Performance, corpo, limite e acontecimento: uma experiência através das Artes Visuais.” | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 74. Carolina Prediger Koester | “Intervenção urbana e xilogravura: uma reflexão sobre o espaço urbano e sua ocupação.” | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 75. Ceila Bittencourt de Bitencourt | “A imagem em movimento na cineinstalação: poética em arte e tecnologia.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 76. Cintia Medianeira Bitencourt de Lima | “Ficções e suas incursões entre a vida e a arte: uma produção em arte e tecnologia.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 77. Dayvison Zambiazzi | “Ambientações de horror: proposta poética em Artes Visuais.” | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 78. Muriel Paraboni | “A dissolução da paisagem: imagem, espaço e tempo na vídeo-instalação.” | Andreia Oliveira Machado | Arte e Tecnologia |
| 79. Paulo Vitor Silveira dos Santos | “Tornando visíveis as “cidades invisíveis”: uma poética em arte e tecnologia no minecraft.” | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 80. Raphael Carneiro Vargas | “Não modulação: Arte Contemporânea, beleza e o corpo na pós modernidade.” | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 81. Tatiana Palma Guerche | “Rede_em_rede: cartografias artísticas na produção do coletivo.” | Andreia Machado Oliveira | Arte e Tecnologia |
| 82. Vanderleia Rodrigues Abadie | “Restos culturais: a palha de milho como potência poética.” | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |

MESTRANDOS INGRESSOS 2016 e 2017

| MESTRANDOS 2016 | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|-----------------------------------|---------------------------|-----------------------|
| 1. Bárbara Maciel Pereira | Bárbara Maciel Pereira | Arte e Tecnologia |
| 2. Camila Zappe Pereira | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 3. Gilvani José Bortoluzzi | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| 4. Jacks Ricardo Selistre | Rosa Maria Blanca Cedillo | Arte e Cultura |

HISTÓRICO

| MESTRANDOS 2016 | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
|---|---------------------------|-----------------------|
| 5. Kalinka Lorenci Malmann | Andréia Machado Oliveira | Arte e Tecnologia |
| 6. Mateus Scota | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 7. Marcos Paulo Pinheiro Souto | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 8. Raul Dotto Rosa | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 9. Wagner de Souza Antonio | Reinilda Minuzzi | Arte e Tecnologia |
| 10. Walesca Timmen Santos | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| MESTRANDOS 2017 | ORIENTADOR | LINHA PESQUISA |
| 1. Alessandra da Silva | Paulo César Gomes | Arte e Visualidade |
| 2. Aracy Maura Vieira Colvero | Helga Correa | Arte e Visualidade |
| 3. Camila Matzenauer dos Santos | Gisela Reis Biancalana | Arte e Cultura |
| 4. Cássio Fernandes Lemos | Andreia Machado Oliveira | Arte e Tecnologia |
| 5. Cristiane Ziegler Leal | Reinilda Minuzzi | Arte e Cultura |
| 6. Cristina Landerdahl Dalla Costa | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 7. Indira Zahuaira Richter Pohl | Andreia Machado Oliveira | Arte e Cultura |
| 8. Rafael Cardoso Jacinto | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 9. Renato Kuhn | Reinilda Minuzzi | Arte e Cultura |
| 10. Rittieli D'Ávila Quaiatto | Nara Cristina Santos | Arte e Tecnologia |
| 11. Vanessa Obem dos Santos | Rebeca Stumm | Arte e Visualidade |
| 12. Willian da Silva | Rosa Maria Blanca Cedillo | Arte e Cultura |

CORPO TÉCNICO E INFRAESTRUTURA

Quando o PPGART iniciou em 2007, as dificuldades com pessoal foram imensas. A coordenação contou com uma bolsista disponível para o trabalho da secretaria por 20h, e TAE (Técnico-Administrativo em Educação) concursada somente em 2008. Em 2010, conseguiu-se vaga para mais uma secretária diante da demanda de trabalho, em função das especificidades da área de Artes Visuais e do projeto de abertura do LID (Laboratório de Imagem Digital). No entanto, esta vaga foi perdida no mesmo ano, e recuperada somente em 2016. Portanto, em 2017, o PPGART conta com duas secretárias e um bolsista.

SECRETARIA PPGART 2008-2017

| | |
|------------------------------------|---------|
| Daiani Saul da Luz TAE/UFSM | 2008 - |
| Doneide Kaufmann Grassi TAE/UFSM | Em 2010 |
| Luis Fernando Caprioli TAE/UFSM | Em 2013 |
| Camila Linhati Bitencourt TAE/UFSM | 2016 - |

BOLSISTAS PPGART 2007-2017

| | |
|---------------------------|--|
| Flavia Botega Jappe | mar.2007 - mar.2009 set.2009 - dez.2009 |
| Carlos Donaduzzi | set.2009 - nov.2009 |
| Giovanna Casimiro | nov.2009 - dez.2009 |
| Marcelo Forte | fev.2010 - abr.2010 |
| Carine Freitas dos Santos | jun.2011 - dez.2011 |
| Felipe Bernardes Duarte | jul.2013 - dez.2013 |
| Izadora Ribas | abr.2014 - fev.2015 |
| Bruno Lemes | abr.2015 - ago.2016 |
| Eduardo Custódio | set.2016 - fev.2017 |
| Alexandre Montebeller | mar.2017 - dez.2017 |

O PPGART funciona no CAL desde a sua fundação em 2007. Inicialmente em um pequeno espaço na sala 1324, onde teve início a Especialização Arte e Visualidade, e posteriormente assume a sala 1324-A, como coordenação, e 1324-B, como sala de reuniões, ampliando-se para 1325, como sala de aula/mini-auditório e 1326, com o LID (Laboratório de Imagem Digital). O PPGART conta com muito boa infraestrutura e contínua atualização de equipamentos através de projetos vinculados aos respectivos grupos

HISTÓRICO

de pesquisa liderados pelos seus docentes, detalhados no site do curso (www.ufsm.br/ppgart). O programa também investe na atualização de bibliografias na área, tanto periódicos, quanto livros e catálogos, impressos e digitais.

A CONTINUIDADE

Neste rápido histórico, permeado por relatos e dados, com ênfase nas experiências de consolidação do corpo docente e formação discente, e nas defesas de dissertações do programa, convém ressaltar que o PPGART, desde o início já apontava um processo de internacionalização. Em uma década, através dos diferentes grupos de pesquisa e laboratórios, mantém convênio ou parceria com IES da Argentina, Colômbia, Portugal, Espanha, França, Canadá, México e Moçambique, e IES de todo o Brasil.

O PPGART promove a cada ano o Simpósio de Arte Contemporânea, em 2017 na sua 12ª edição, a Exposição dos Mestres PPGART, e apoia outros eventos expositivos como ARTE#ocupa e o FACTORS, que em 2017 integra uma ação da BIENALSUR/UNTREF.

O Programa conta com uma revista acadêmica, Contemporânea/Revista do PPGART/UFSM, ISBN 21789088 na plataforma SEER. Em 2016, é aprovada a Editora do PPGART/UFSM, idealizada durante a coordenação da professora Darci Raquel Fonseca, presidida por ela e pela professora Reinilda Minuzzi, com Conselho Editorial de professores da UFSM e Conselho Científico de outras IES do país e exterior. Entre as primeiras publicações, estão os anais e ebooks da ANPAP, cuja gestão esteve em Santa Maria em 2015-2016.

LINHAS DE PESQUISA DO PPGART/UFSM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS/ MESTRADO

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

INTRODUÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais está organizado em três Linhas, a saber, **Arte e Cultura**, **Arte e Tecnologia** e **Arte e Visualidade**, as quais se vinculam à área de concentração única, Arte Contemporânea.

Constituídas desde a abertura do Mestrado em Artes Visuais da UFSM, em 2007, as três linhas de pesquisa do PPGART permanecem estabelecidas como na formulação original, no projeto do Curso. Todavia, passada uma década, as linhas se consolidaram e fortaleceram com a participação de mais docentes e com a produção científica gerada no Curso.

Para traçar um panorama das linhas de pesquisa do PPGART, alguns aspectos foram levados em conta, tais como: o número de docentes envolvidos em cada Linha; o tipo de participação docente (professor permanente ou colaborador); o número de orientações por docente; a área da produção científica gerada (área de Poéticas Visuais ou de História, Teoria e Crítica); a representação das Linhas na gestão do Programa; o número de orientações por docente em cada Linha; o número de dissertações defendidas por Linha, e, de forma aproximada, a situação atual dos egressos de cada Linha.

Para esta análise, e como uma visão geral da organização das Linhas de Pesquisa do curso, foi considerada a participação efetiva dos discentes,

ou seja, foram contabilizados os acadêmicos que levaram o curso a termo e aqueles que estão cursando atualmente. Para tal, foi desconsiderada a **evasão total** no período **2007-2017** (04 alunos, menos de **4%**).

Linha de Pesquisa Arte e Visualidade

Consistindo na investigação das diferentes poéticas visuais do ponto de vista do artista ou do teórico, tendo em vista a produção artística e seu processo criativo, as trajetórias pessoais e a reflexão crítica, a Linha Arte e Visualidade do PPGART busca contribuir para a formação de artistas e/ou teóricos na arte contemporânea. Para tal, suas palavras-chave são: 'arte contemporânea', 'artes visuais', 'poéticas visuais' e 'processo criativo'.

Atualmente, conta com quatro professores, sendo 03 permanentes e um colaborador. Sua representatividade em termos de participação docente no período 2007-2017 alcança **30,5% (07 professores)**, tal como a Linha Arte e Tecnologia. Na situação atual do Programa, tendo em vista os 14 docentes atuantes, a Linha tem **28%** de representatividade.

Com relação ao total de ingressantes no PPGART (105), os alunos vinculados à Linha Arte e Visualidade representam **33%**, em um número de **35 discentes**. Atualmente, há **07 (sete) discentes na Linha**, com orientação de 03 (três) docentes, representando **31% dos alunos** vinculados ao Programa.

Do total das defesas realizadas até março de 2017 (82), **34% (28)** foram de alunos da Linha. Das pesquisas desenvolvidas na Linha, **75% (21)** foram em **Poéticas Visuais** e **25% (07)** em **História, Teoria e Crítica**.

Com relação à participação na gestão do Curso, somente **01 (um) docente** integrou a Coordenação na **Gestão 2007-2009**, como coordenador substituto.

Com relação aos **egressos** do Programa nesta Linha (**28 Mestres**), 7% (02) são doutores e professores em IES públicas; 11% (03) são doutorandos na área; 11% (03) são ou foram professores no ensino superior; 11% (03) são professores de ensino médio, 3% (01) atua no segmento cultural (instituição); 18% (05) trabalham como autônomos/profissionais liberais e 11% (03) em outros segmentos. De 28% (08) não se teve *feedback* sobre a atuação.

Destacam-se, no **Quadro 1**, alguns aspectos analisados referente à atuação

docente, considerando a ordem de ingresso no PPGART, detalhando orientações, bem como dados discentes na Linha de Pesquisa.

Quadro 1 – Linha de Pesquisa **Arte e Visualidade**

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

| | | |
|---|---|---|
| ARTE E VISUALIDADE | DOCENTE 1 <i>Temporário</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 04 defesas concluídas. Nenhuma orientação em andamento, docente aposentado, desvinculado do Curso. Do total, 04 trabalhos na área prática. Total de 04 orientandos no Período: 2007-2010. |
| Docentes Período 2007-2017 07 (30,5%) | DOCENTE 2 <i>Temporário</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 04 defesas concluídas. Nenhuma orientação em andamento, docente aposentado, desvinculado do Curso. Do total, 04 trabalhos na área teórica. Total de 04 orientandos no Período: 2007-2010. |
| Docentes Atual 04 (03P + 01C) (28%) | DOCENTE 3 <i>Temporário</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 01 defesa concluída, nenhuma orientação em andamento, com participação temporária (via associação com PPG da UFRGS). Do total, 01 trabalho na área prática. Total de 01 orientando no Período: 2007-2010. |
| Discentes Período 2007-2017 35 (33%) | DOCENTE 4 <i>Atual/ Colaborador christiam</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 01 defesa concluída, nenhuma orientação em andamento, com participação como Colaborador. Do total, 01 trabalho na área teórica. Total de 01 orientando no Período: 2007-2017. |
| Defesas 28 (34%) | DOCENTE 5 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 04 defesas concluídas e 01 orientação em andamento. Do total, 05 trabalhos na área prática. Total de 05 orientandos no Período: 2009-2017. |
| Discentes Atual 07 (31%) | DOCENTE 6 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na na área de Poéticas Visuais . 08 defesas concluídas e 04 orientações em andamento. Do total, 11 trabalhos na área prática e 01 na área teórica. Total de 12 orientandos no Período: 2011-2017. |
| Gestão 01 docente (Substituto) | DOCENTE 7 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 05 defesas concluídas e 02 orientações em andamento. Do total, 06 trabalhos na área prática e 01 na área teórica. Total de 07 orientandos no Período: 2012-2017. |

Linha de Pesquisa **Arte e Cultura**

‘Arte contemporânea’, ‘arte e cultura’, ‘arte e educação’, ‘arte e antropologia’ são as palavras-chave da Linha de Pesquisa Arte e Cultura. Conforme estabelecido no projeto do Curso, a referida Linha parte do estudo das artes visuais e suas inter-relações com a cultura e seus elementos, através de uma abordagem crítica sobre o artista, ou historiador, ou teórico, ou curador, ou professor de arte, como sujeito cultural e sua inserção no contexto da contemporaneidade, focando na

formação de agentes culturais.

No período 2007-2017, no contexto geral do Curso, a Linha de Pesquisa Arte e Cultura intensificou sua representatividade, com maior participação docente (09 professores no total), embora a representação discente tenha sido menor em relação face às outras linhas.

Neste sentido, considerando o **universo de 23 docentes** que atuam e atuaram no PPGART no período citado (sendo 10 permanentes, 04 colaboradores, 04 na associação temporária, 05 sem vínculo atual), a **Linha Arte e Cultura** representa **39%** (09) dos professores envolvidos. Na configuração atual do Curso, **05** (cinco) docentes integram a Linha (03 permanentes, 02 colaboradores), de um universo de **14 (quatorze) docentes atuantes** no Curso (10 permanentes e 04 colaboradores) configurando, para a Linha, um total de **36%** dos professores.

Por outro lado, do total de alunos (105), os estudantes vinculados à Linha Arte e Cultura representam **23%**, em um número de **24 discentes**. Atualmente, há **04 (quatro) discentes na Linha**, com orientação de 02 (dois) docentes, representando **17%** dos alunos vinculados ao Programa.

Do total das **defesas realizadas** até o momento (82), **24% (20)** foram de alunos da Linha Arte e Cultura. Das pesquisas desenvolvidas, já defendidas na Linha, **65% (13)** foram em **História, Teoria e Crítica** e **35% (07)** em **Poéticas Visuais**.

Com relação à representatividade na gestão do Curso, a Linha Arte e Cultura integrou a Coordenação do PPGART em duas gestões: **Gestão 2011-2013**, formada por dois docentes da Linha, como coordenador e coordenador substituto, e na **Gestão 2013-2015**, na qual um docente da Linha atuou como coordenador substituto.

Referente aos **egressos** da Linha (**20 Mestres**), 15% (03) têm doutorado e são docentes em IES públicas (UFRGS e UFSM), 10% (02) são doutorandos na área, 10% (02) são ou já foram professores de IES públicas e privadas, 20% (04) são professores no ensino municipal e estadual, 10% (02) trabalham em instituições ou órgãos governamentais na área cultural (curadoria, entre outros). Não se teve *feedback* dos 35% restantes (07).

A constituição da Linha em recursos humanos, por ordem de ingresso no

PPGART, conforme **Quadro 2**, leva em conta as orientações ocorridas e em andamento, destacando outros aspectos analisados .

Quadro 2 – Linha de Pesquisa **Arte e Cultura**

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

| | | |
|---|---|---|
| ARTE E CULTURA | DOCENTE 1 <i>Temporário</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 03 defesas concluídas, nenhuma orientação em andamento, docente desvinculada do Curso, atuando em outra IES. Do total, 03 trabalhos na área prática. Total de 03 orientandos no Período: 2007-2010. |
| Docentes Período 2007-2017 09 (39%) | DOCENTE 2 <i>Temporário</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 04 defesas concluídas, nenhuma orientação em andamento, pois a participação foi temporária (via associação com PPG da UFRGS). Do total, 04 trabalhos na área teórica. Total de 04 orientandos no Período: 2007-2013. |
| Docentes Atual 05 (03P + 02C) (36%) | DOCENTE 3 <i>Temporário</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 01 defesa concluída, nenhuma orientação em andamento, docente desvinculada do Curso. Do total, 01 trabalho na área teórica. Total de 01 orientando no Período: 2007-2010. |
| Discentes Período 2007-2017 24 (23%) | DOCENTE 4 <i>Atual/ Colaborador</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 03 defesas concluídas, nenhuma orientação em andamento, pois a participação recente tem sido como colaborador. Do total, 03 trabalhos na área teórica. Total de 03 orientandos no Período: 2009-2017. |
| Defesas 20 (24%) | DOCENTE 5 <i>Temporário</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 02 defesas concluídas, nenhuma orientação em andamento, docente desvinculada do Curso, participação temporária (via associação PPG UFRGS). Do total, 02 trabalhos na área teórica. Total de 02 orientandos no Período: 2010-2013. |
| Discentes Atual 04 (17%) | DOCENTE 6 <i>Atual/ Colaborador</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . Nenhuma defesa concluída e/ou orientação em andamento, pois a participação tem sido como Colaborador. Período: 2011-2017. |
| | DOCENTE 7 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na na área de Poéticas Visuais . 06 defesas concluídas e 02 orientações em andamento. Do total, 04 trabalhos na área prática e 02 na área teórica. Total de 08 orientandos no Período: 2011-2017. |
| Gestão 02 docentes (Coordenador e Substituto) | DOCENTE 8 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na na área de História, Teoria e Crítica . 01 defesa concluída, nenhuma orientação em andamento. Do total, 01 trabalho na área teórica. Total de 01 orientando no Período 2013-2017. |
| | DOCENTE 9 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na na área de História, Teoria e Crítica . Nenhuma defesa concluída, 02 orientações em andamento (área teórica). Total de 02 orientandos no Período: 2014-2017. |

Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia

Tendo como palavras-chave “Arte Contemporânea, Arte e Tecnologia, Mídias Digitais, Processos Híbridos”, a Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia do PPGART/UFSM, conforme previsto no projeto do Curso, consiste na pesquisa em arte contemporânea vinculada às diferentes tecnologias analógicas e digitais e suas possibilidades de hibridação, como também na mudança de paradigmas perceptivos a partir da interatividade e simulação, impostas pela informática, através do processo e/ou da reflexão com ênfase crítica, visando à atuação de artistas e teóricos no contexto atual.

Desde a abertura do Mestrado em Artes Visuais da UFSM até o momento, ou seja, no período 2007-2017, a Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia manteve uma representatividade significativa em termos de atuação docente. Tendo a participação de 07 (sete) docentes, a Linha representa **30,5%** dos professores do Curso, considerando um total de 23 (vinte e três) professores (10 permanentes, 04 colaboradores, 04 na associação temporária, 05 sem vínculo atual). No quadro atual do curso, **05 (cinco) docentes** integram a Linha Arte e Tecnologia, de um universo de **14 (quatorze) docentes** (10 permanentes e 04 colaboradores), configurando, para a Linha, um total de **36% dos professores do Programa**.

Do total de discentes do PPGART (105), os alunos vinculados à Arte e Tecnologia representam **44%**, em um número de **46 discentes**. Atualmente, há **12 (doze) discentes na Linha**, com orientação de 04 (quatro) docentes, representando **52% dos alunos** vinculados ao Programa.

Das defesas realizadas até março de 2017 (82), **42% (34)** foram de alunos da Linha Arte e Tecnologia. Das pesquisas realizadas, **84% (25)** foram em **Poéticas Visuais** e **16% (09)** foram em **História, Teoria e Crítica**.

Outro dado significativo refere-se à representatividade interna no Programa dos docentes que atuaram na Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia até o momento. Destaca-se que **04 (quatro) docentes** da Linha estiveram ou estão à frente da Coordenação do Programa, a saber: na **Gestão 2007-2009** (na Coordenação, em conjunto com docente coordenador substituto da Linha Arte e Visualidade); na **Gestão 2009-2011** (na Coordenação, em conjunto com docente coordenador substituto da Linha Arte e Cultura); na **Gestão 2013-2015** (na Coordenação, em conjunto com docente coordenador substituto da Linha Arte e Cultura); na **Gestão 2015-2017** (na Coordenação e como Coordenador Substituto).

Com relação aos **egressos** do Programa, nesta Linha **(34 mestres)**, 6% (04) são doutores, 20,5% (10) são professores de ensino superior, 20,5% (04+3) são doutorandos, 18% (06) são professores de ensino médio, 3% (01) trabalham como profissionais liberais; 9% (03) atuam em outros segmentos; 23% (08) estão em preparação para ingresso no doutorado e/ou concursos.

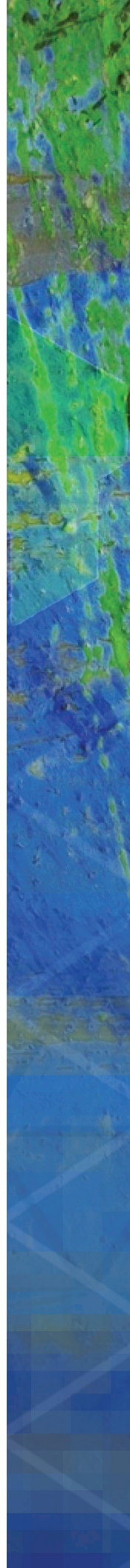
Por ordem de ingresso no PPGART, detalhando as orientações ocorridas e em andamento na Linha de Pesquisa, destaca-se, conforme **Quadro 3**.

Quadro 3 – Linha de Pesquisa **Arte e Tecnologia**

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

| | | |
|---|---|---|
| ARTE E TECNOLOGIA | DOCENTE 1 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . 13 defesas concluídas e 04 orientações em andamento. Do total, 08 trabalhos na área teórica e 05 na área prática. Total de 17 orientandos no Período: 2007-2017. |
| Docentes Período 2007-2017 07 (30,5%) | DOCENTE 2 <i>Temporário</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . Nenhuma orientação ou defesa em andamento. Docente com participação temporária, já desvinculado do Curso. Nenhum orientando no período de atuação: 2007-2010. |
| Docentes Atual 05 (04P + 01C) (36%) | DOCENTE 3 <i>Temporário</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 01 defesa concluída, nenhuma orientação em andamento, com participação temporária (via associação com PPG da UFRGS). Do total, 01 trabalho na área prática. Total de 01 orientando no Período: 2007-2011. |
| Discentes Período 2007-2017 46 (44%) | DOCENTE 4 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 12 defesas concluídas e 03 orientações e 01 co-orientação em andamento. Do total, 16 trabalhos na área prática. Total de 15 orientandos e 01 co-orientando no Período: 2007-2017. |
| Defesas 34 (42%) | DOCENTE 5 <i>Atual/ Permanente</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 03 defesas concluídas e 01 orientação em andamento. Do total, 01 trabalho na área teórica e 03 na área prática. Total de 04 orientandos no Período: 2011-2017. |
| Discentes Atual 12 (52%) | DOCENTE 6 <i>Atual/ Colaborador</i> | Foco na área de Poéticas Visuais . 05 defesas concluídas e 04 orientações em andamento. Do total, 09 trabalhos na área prática. Total de 09 orientandos no Período: 2011-2017. |
| Gestão 04 docentes (Coordenador e Substituto) | DOCENTE 7 <i>Atual/ Colaborador</i> | Foco na área de História, Teoria e Crítica . Ingresso em 2017, com 01 co-orientação em andamento. |

LINHA DE PESQUISA ARTE E VISUALIDADE



AÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA EM ARTES: MOMENTOS ESPECÍFICOS

Rebeca Lenize Stumm

Construímos nossa fala a respeito das ações realizadas, partindo inicialmente do nome dado ao Grupo: momentos específicos. Este se relaciona com a pesquisa realizada no Doutorado, quando se pensou a respeito de trabalhos que transitavam no tempo por distintos formatos e mídias e poderiam ser realizados por outras pessoas de forma colaborativa. Esta pesquisa construiu-se, então, sob o argumento de uma proposta de arte que abarca diferentes possibilidades da arte se dar quando perpassa por momentos específicos e constitui-se de forma distinta conforme as situações em que se encontra. Sob este aspecto, cria-se a ideia de momentos específicos para valorizar, no Grupo de pesquisa (2011 –PPGART), a construção de situações em que as pesquisas poéticas dos participantes podem criar outros vínculos com a realidade, seja por eventos ou situações. Desta forma, as ações do Grupo potencializam que os trabalhos dos participantes sejam pensados a partir do seu contexto, cidade de Santa Maria e região, nasçam do contexto da realidade vivenciada, constituindo já ali um momento específico de realização.

A ação inaugural que marcou a continuidade das atividades do Grupo foi a oportunidade aberta pelo trabalho em uma casa, patrimônio histórico, que estava por ser parcialmente demolida para a construção de um grande prédio. A casa, localizada na Avenida principal de Santa Maria RS (centro da cidade), no passado pertenceu a um ilustre morador - Sr. Manoel Ribas - responsável por trazer para Santa Maria acessos semelhantes aos oferecidos em grandes centros urbanos já no início do século passado, tornando a cidade um local de passagem a todos que iam de São Paulo

a Buenos Aires. Por se tratar de um trabalho que poderia ter conotações políticas de protesto contra a demolição de um patrimônio histórico, toda a cidade se envolveu em conhecer, em visitar e em opinar sobre, o que estava por ocorrer. Por nossa parte, realizamos uma extensa pesquisa histórica, levantamento de registros de moradores e pesquisa sobre o nome dado à casa devido ao ilustre morador. Na urgência da ação, pois a casa já estava por ser demolida, pensamos em ocupá-la por 24 horas com uma série de ações que ocupavam o tempo e não somente o espaço. Os trabalhos em formato de exposições, intervenções e performances que se dariam por hora marcada durante as 24 horas de evento. Alguns trabalhos poderiam vir a ocorrer novamente, alguns poderiam estar em transformação, sendo construídos, ou outros, sendo expostos, mas nós do grupo estávamos presentes e acordados nas 24 horas. O evento foi chamado de ocupação à **Casa Manoel Ribas - 24 horas**. Por serem 24 horas ininterruptas, moramos na casa e tornamos cada pequeno espaço da casa um índice para trabalho poético, conectando as pesquisas dos artistas envolvidos com o lugar. A partir desta ação, os trabalhos do grupo iniciaram a tradição de se vincular às problemáticas do contexto ao qual estaríamos nos inserindo, mesmo que por um determinado tempo. A força e o impacto deste tipo de vivência acabaram por iniciar muitas pesquisas de graduação e mestrado dos estudantes envolvidos.



A ocupação por 24 horas obteve reconhecimento público e logo fomos convidados para realizar semelhante evento em outro prédio histórico - Fórum de Santa Maria - hoje um espaço cultural. Neste, realizamos os trabalhos por 27 horas ininterruptas.

Para os estudantes e artistas envolvidos, estas duas experiências provaram que era possível rompermos com o espaço tradicional de exposição e com a expectativa de algo a ser encontrado para ver, nem sempre os trabalhos estavam acessíveis ao público. Isso não significava que não haveria trabalhos, mas que os momentos específicos tomam a exposição como algo vivo, evento em que a cada momento algo poderá se modificar. Quando nos perguntavam o que se daria a ver, não sabíamos ao certo, mas tínhamos segurança nos processos desenvolvidos antes, nas propostas elaboradas, pesquisas realizadas e discussões em grupo. Mas sempre há o espaço para o artista reelaborar e atualizar sua proposta inicial.

Nestas exposições do Grupo, os artistas se fazem presentes, conversam com o público, nem sempre seus trabalhos estão ali prontos a serem apreciados, podem estar em gestação, já terem ocorrido ou estar em transformação. Muitas vezes, parece que o que temos é um espaço vazio, devido ao diferencial de iniciar um formato de evento expositivo que se dá em processo no tempo e não somente no espaço e assim, a cada momento que o visitante chega ao lugar pode encontrar diferentes momentos do mesmo trabalho, já que o artista, estando presente, torna-se também parte presente em atuação na exposição. Compreendendo esta dinâmica, alguns visitantes permanecem no local por muito tempo ou voltavam em diferentes horários. Compreendendo esta dinâmica, nos momentos iniciais da exposição, o que temos para mostrar está mais para um encontro entre artistas e seus projetos, pois os trabalhos em si podem se modificar frente à realidade. Em exposição, o peso da realidade é algo que pode exigir revisão das decisões. É talvez no potencial do trabalho se tornar algo além do que se projetava antes de estar no lugar que reside a lógica do evento, quando em conexão com o lugar, demais obras e em colaboração com os demais artistas, e talvez o público, que cada trabalho se constrói. Acontece neste momento de alguns artistas trabalharem de forma colaborativa, outros modificarem seu trabalho também ali, frente ao público ou envolvendo o público. O grupo permite e apoia que isso ocorra, respeita o tempo do artista e dá segurança a ele, tornando a arte viva no tempo de cada exposição-evento, esta que poderia ser outra grande obra. E porque não, talvez seja isso, acabamos tomando cada evento como uma

OBRA construída pelo grupo de pesquisa.

Depois destes dois eventos de ocupação por horas, percebemos que o tempo de vivências e visitas poderia corresponder a semanas. Em reunião com o grupo, confidenciamos o quanto havia de irreal pensar na possibilidade de realizar um evento com aquele formato. Mas o grupo se transformou e exigia mais, nos encorajando para realizar o arte#ocupaSM. O nome escolhido tem conexão com a ideia anterior da arte ocupar um espaço-tempo (era como se referiam a nós, o grupo que ocupava os espaços com arte) e o SM, eram as iniciais de Santa Maria (cidade do Grupo). Já o *Hashtag* duplo, parecia construir visualmente a referência aos triplos de trens que marcaram a história de Santa Maria e que hoje ainda atravessam a cidade.

Figura 2 - Logo marca do arte#ocupaSM



<https://momentosespecificos.wordpress.com/>

O grupo composto por estudantes da graduação, pós-graduação, artistas, professores e técnicos administrativos, propôs para o arte#ocupaSM o diferencial de convidar artistas do exterior para virem a Santa Maria e produzirem conosco um grande evento em formato semelhante ao que estávamos construindo como repertório de atuação - por momentos específicos. Houve, então, participação de artistas da Argentina, Uruguai, Colômbia, Peru, México, Inglaterra e Espanha. Aumentamos os dias de duração dos eventos e priorizamos que os artistas estivessem presentes. Buscamos um local, iniciamos uma ampla pesquisa, descobrimos fatos históricos sobre a cidade que a maioria dos moradores da cidade desconhecia. O local escolhido foi um prédio que estava sem um uso definido e parte dele completamente abandonado. O evento se realizou nos mesmos formatos, mas somente no último dia permanecemos por 24 horas ininterruptas. Este foi um desejo do grupo para poder trabalhar em exposição de forma demorada, em regime estendido. O argumento era que o longo tempo poderia modificar nossa relação físico e afetiva com o espaço e com os demais participantes. Poderia também nos modificar pela entrega, pelo cansaço, pelo êxtase de estar vivenciando os últimos momentos, e, assim, era quando o maior número de compartilhamentos

de ideias e colaborações se intensificava. Há a consciência de que necessitamos do grupo para realizar estas ações e para produzir algo que nos coloca em um processo irrepetível e horizontal de experimentações.

No cronograma, tínhamos os encontros com os artistas e os encontros com os convidados pesquisadores. Nos arte#opucaSM sentimos a necessidade de organizarmos um grupo de mediação que acompanhasse o público por estes espaços em conversas com os artistas e contatos com as obras. Havia a preocupação de apresentar obras que poderiam já ter ocorrido ou estar em transformação. Estes grupos acabaram por envolver um grande grupo de estudantes da graduação e pós-graduação.

Para o segundo arte#ocupaSM, tivemos financiamento do PROEXT e com dinâmica semelhante, além da presença dos artistas nacionais e internacionais, abrimos uma chamada pública de inscrição de propostas de outros artistas. Artistas que participaram do primeiro voltaram e indicaram o evento a outros artistas. Artistas internacionais pagaram sua passagem para estar em Santa Maria nestes dias.

A forma colaborativa e ao mesmo tempo de autonomia dada a todos os participantes, como se estes também fossem responsáveis pelo sucesso do evento, proporcionou aprendizado e experiência diferenciada a todos. Tanto que agora, anos depois do último arte#ocupa, ainda vemos as pesquisas ali iniciadas sendo propagadas em distintos formatos, dissertações, artigos, trabalhos artísticos, projetos acadêmicos, projetos de secretarias de cultura, e outros. É comum ouvirmos participantes declararem ter se construído como profissionais nestes eventos, pelas possibilidades diferenciadas de atuação oferecidas que ampliaram a trajetória de todos. Estudantes de artes puderam atuar como curadores, mediadores, produtores, organizadores de eventos e mais tantos outros nomes que tivemos de criar para subdividir as tarefas de um grande evento. Ninguém era profissional, nem tinha preparo para, mas tiveram de atuar como se fossem.

Paralelamente aos eventos arte#ocupa, iniciamos os trabalhos do grupo, também no formato de residências artísticas. A primeira, em 2013, quando permanecemos por um período na Biblioteca Pública Municipal de Santa Maria. As Residências vieram como uma forma de estarmos mais próximos de cada artista pertencente ao grupo, trabalhar com um número menor de participantes e com uma estrutura mais rápida de realização. Com isso, veio a possibilidade de sairmos para eleger outros locais, atuar junto a

outras comunidades, menores, mas não menos complexas.

Da mesma forma, as residências que continuamos a produzir se caracterizam pela intensa convivência, geralmente nos mudamos para o local, residimos juntos, realizamos as refeições juntos, temos reuniões de conversas e discussões sobre os trabalhos. Realizamos ampla pesquisa sobre o assunto que o local nos coloca como desafio de pensamento e sempre temos convidados externos para falar sobre as questões que se apresentam como referência para romper com a ingenuidade de quem se insere em um espaço desconhecido.

Em residência, a imersão, o trabalho junto a outros artistas e a inserção direta na realidade, continuam a marcar um diferencial no cotidiano do grupo de pesquisa. O que muda é que, em residência, o foco não está no o evento público, e, com isso, logo percebemos que há necessidade de desenvolver a proximidade mais íntima e demorada com a realidade, para potencializar ainda mais este local, e em nós, desenvolver a humildade frente ao que este pode provocar de mudanças em nossas atitudes. Mesmo com toda a pesquisa realizada antes de estarmos no local, sempre que se está inserido, percebemos que a realidade é outra, diferente da que imaginávamos. Então, não há como agir de forma totalmente premeditada, não há como agir como um colonizador que leva um trabalho pronto, um pré-conceito do que vamos encontrar. Nestas experiências, a pesquisa poética de cada participante precisa respeitar e dialogar com a realidade. Em alguns casos, a realidade se faz tão forte que exige do artista somente a ação de parar para refletir, observar e construir outro entendimento da realidade.

Ocorreu no arte#ocupaSM 2012, quando um artista da Colômbia, que trouxe uma pintura de 21 metros de comprimento, chamada “Homenaje a la YUCA”, e que, ao vivenciar o evento, ficou nitidamente isolado a refletir. Quando se pronunciou sobre a sua proposta, fez a seguinte fala a todos os presentes:

“Eu entrei em conflito ao ver o espaço, porque é surpreendente, tem muitas coisas, muita informação, muita história, e o conflito consiste em, se tu queres instalar uma tela de pintura muito grande no espaço, tuas preocupações consistem: Por que tapar o espaço? Por que cobrir o espaço? E, muito rapidamente, temos de pensar, porque a pintura já está feita, têm imagens e temas diferentes, mas deve tratar de dialogar com a realidade, com o momento específico, com o ocupar e desocupar

um espaço. Estive olhando as paredes, e onde a tela se instalar vai cobrir muito. Então, penso que a pintura deve, em certa forma, deixar de ser um pouco ela e começar a buscar como dialogar com o espaço. E penso que deve haver algum comportamento. Já não deve ser somente a imagem se instalando no espaço, o melhor seja cortá-la, fazer alguns cortes para que ocupe e desocupe. Alguns cortes, não totalmente, para descobrir de novo o espaço. Cobrir e descobrir. Creio que seria uma forma nobre de comportamento do objeto com os lugares”. (Germán Toloza - artista colombiano)

<https://arteocupasm.wordpress.com/artistas/>

Figuras 3, 4, 5 e 6: Germán Toloza, com a ajuda dos demais participantes, carrega a pintura e a instala em diferentes lugares durante o evento arte#ocupaSM 2012.



Figura 3



Figura 4

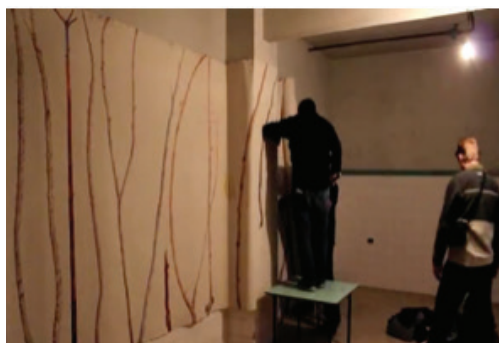


Figura 5

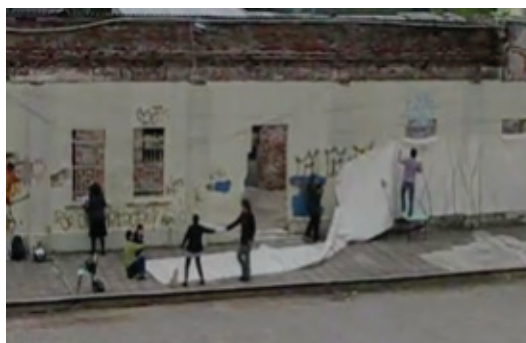


Figura 6

A pintura havia sido premiada e o artista a trouxe para expor no Brasil como homenagem ao evento. Sua proposta nos comoveu, pois se tratava de um objeto único, uma pintura que como um todo havia sido premiada em seu país, e ele estava modificando-a de forma definitiva. Assim, sucessivamente poderíamos listar, em todos os trabalhos propostos, momentos de tensão

do artista com a situação em que se encontrava. Vivenciar estes conflitos se constituindo em artistas com largas trajetórias e seguros de suas decisões, nos coloca a pensar que um projeto de pesquisa, que trata das poéticas, precisa provocar momentos contínuos de desconstrução, capazes de afetar estudantes e profissionais da arte.

Outro momento de parada coletiva para reflexão deu-se na residência em um ferro-velho. Aquele espaço costumava ser explorado pelos artistas fascinados pelo acúmulo de diferentes materiais e a possibilidade de encontrar com objetos ditos “interessantes”. O contato consciente com aquela realidade nos fez enxergar os equívocos de nossas ações, erramos no uso dos materiais, no consumismo. Ficou claro que estamos prejudicando o meio ambiente e o quanto as problemáticas deste tipo de espaço estão sendo camufladas por todos nós. Alguns membros do grupo ficaram revoltados, outros paralisados, e poucos ensaios visuais de reflexão foram elaborados. Foi uma residência de reflexão que nos modificou.

Coletivamente, os encontros de discussão se fazem hoje como uma prática comum para rever, desconstruir e construir entendimentos entre os participantes. E, apesar da ampla cobrança pela realização do arte#ocupaSM, um grande evento que congrega toda a comunidade universitária e local, demos uma pausa na repetição do evento, em virtude de observarmos a necessidade de elaborações conceituais, e, ainda, não se pode negar, por falta de apoio e recursos financeiros.

Nestes 7 anos de existência do grupo, o repertório de atuação se ampliou, as experiências se somaram e a humildade de propor que nada sabemos, e que quando agimos juntos a realidade pode ser mais forte que qualquer proposta, isso nos faz garantir que a abertura para mudança é uma importante potência da arte. Claro que estar aberto às mudanças é algo bem mais complexo, envolve não se apoiar nas expectativas, tão pouco nas formas de atuação, é estar pronto para refletir em público e talvez não ter que dar algo a ser visto naquele momento específico. Também se percebe que as ações do grupo causaram diferença, deram apoio a outros grupos de artistas e a outros projetos de grande porte, formando em Santa Maria um público cada vez mais receptivo e exigente. No PPGART, as atuações do Grupo acompanharam a formação de diferentes turmas de mestrandos, que hoje estão em outras universidades iniciando trabalhos semelhantes e relatando o quanto foi importante este trabalho para as ações que hoje desenvolvem.

Rebeca Stumm

Doutorado em Artes Poéticas Visuais pela ECA, Universidade de São Paulo (USP-2011), Mestrado em Educação (UFSM-2001) e Graduação em Artes Plásticas Ênfase Escultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-1993). É Professora no curso de Artes Visuais, Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Artista e pesquisadora sobre os momentos-específicos de atuação do objeto, da autoria, ações participativas, performances e registros. Coordena o Grupo: momentos-específicos e exerce atividade de Curadoria em Eventos Internacionais de Arte.

GRUPO ARTE IMPRESSA

Helga Dutra Correa

Ao ingressar no PPGART, há exatos 5 anos, me vi diante da necessidade de repensar as minhas próprias identificações profissionais, tanto aquelas que me eram atribuídas, como as definições reivindicadas por mim mesma.

Vivendo em um mundo saturado de imagens múltiplas nas quais a tecnologia da reprodução da imagem redimensionou a escala da produção visual, mas imersa no universo da tradição gráfica, questionava sobretudo em como propiciar uma dinâmica onde a gráfica não continuasse circunscrita a um delimitado espaço de atuação.

Essa questão seria de fácil resolução não fosse meu contínuo interesse no movimento de preservação de antigas tradições artísticas. Afinal a tradição da gravura dá continuidade a um legado histórico importante, que preserva e dá sentido as produções que se desenrolaram ao longo do desenvolvimento artístico até os dias de hoje. Do mesmo modo, todo o legado e o manancial de conhecimento que hoje dispomos, nos foi acessível através do livro. Desta forma, pessoalmente me custa desprezar ou esquecer estes “eventos”, seria como negar uma parte importante do passado, através do qual compreendemos o presente e de onde é possível estabelecer, ao longo do tempo e das circunstancias, relações com a arte como um todo.

Neste processo de reflexões e transformações me propus a criação do Grupo de Pesquisa Arte Impressa CNPq, motivada fundamentalmente pela ideia de produzir livros arte, uma das abordagens que há muito serve como ponto propulsor à discussão de variadas questões com referências da área gráfica. Era uma possibilidade de investigação que se situaria

no universo dos livros elaborados por artistas, que permitiria um amplo espectro investigativo a preservação e valorização das duas áreas que me são muito caras: o universo gráfico e o universo do livro.

Evidentemente que o trabalho com livros de artista não é uma abordagem nova no campo das artes, e é certo que tais propostas remontam vínculos com os primeiros livros e, posteriormente, com o descobrimento do papel e da imprensa. Entretanto ao longo do século XX (e ainda em princípios do século XXI) observou-se, através deles, uma série de modificações, integrações e interações que mudaram, expandiram e transformaram o seu próprio conceito, redimensionando-os à realidade atual.

Seguindo precisamente esta lógica, pudemos explorar a história do desenvolvimento do papel e do livro, fizemos incursões nos diferentes modos de encadernações, remontamos a história e os laços entre o universo do livro e o universo da arte.

Em seu início, o grupo esteve composto por alunos oriundos do campo da gravura, área a qual mantevedesde suas origensuma complexa relação entre multiplicidade da imagem/processos gráficos de impressão/arte. Talvez tenha sido justamente esta estreita correlação entre papel, livro e imagem, ou essa confluência e o pertencimento flutuante da gravura entre **Arte** e **arte**, que motivou a imersão dos alunos no universo do livro.

Isso se mostrou na variedade eintensidade de temas discutidos individualmente, fossem eles mais tradicionais na exploração imagem texto, conceituais, auto referenciais ou objetuais, o que resultou em diferentes livros exibidos em distintas exposições do Grupo.

Ao explorar os aspectos formais do livro em novas articulações artísticas, valorizando a manipulação experimental de linguagens - textuais, visuais, táteis, sonoras, olfativas - e ao propiciar um espaço para todos repensarem sua própria prática artística, o livro protótipo ou criações mediadas por outros modos de instauração associados a processos gráficos puderam viabilizar tanto discussões mais específicas do campo artístico, como a permissão de reprodução da imagem e autoria da obra de arte, a crítica ao mercado de arte, quanto abordar temas mais específicos e próximos aos autores/leitores.

Seja enaltecendo-o, criticando-o, experimentando possibilidades, os livros de artista, tem possibilitado experimentações que reúnem tradição e novidade poética, que envolvem discussões no plano da gráfica

contemporânea e que possibilitam a comunicação e interação com o espectador, propiciando novas “leituras” da realidade.

Por outro lado, a formalização de peças gráficas permitiu a reflexão de aspectos biográficos e de conceitos operacionais que compreenderam a dinâmica de pesquisa de discentes. Nestas formulações das pesquisas individuais percebe-se muitas vezes o exercício de síntese conceitual na apresentação formal do trabalho.

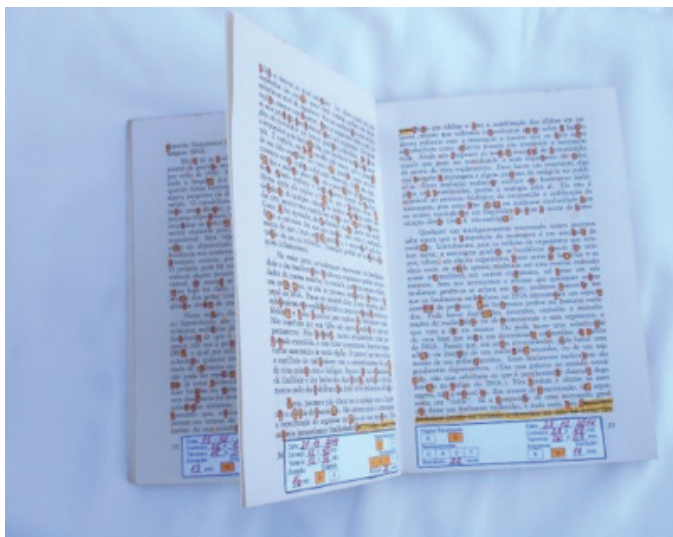
Estas experiências apresentaram resultados que apontaram para o diário de bordo, para publicações independentes, livros únicos e livros múltiplos e até mesmo produções que funcionam deliberadamente fora do sistema convencional de arte; reelaborando as relações e a ideia de um trabalho coletivo que se viabiliza através do múltiplo.



Carol Krugel – 2015 s/título
Acervo do artista



Luana Oliveira – 2014 s/título
Acervo do artista



Sandro Bottene -2015 s/título
Acervo do artista



Bruna Berger – 2015 s/título
Acervo do artista

Comumente, apresentamos livros únicos, os quais temos intuito de aproximação com outro público: aquele que desconhecemos, mas que não é especializado em artes visuais, que talvez desconheça o livro arte, mas que de alguma forma ou por alguma razão se aproxima de livros impressos. Para isso buscamos lugares fora do sistema onde convencionalmente são expostas obras de arte, expusemos em sebos, em livrarias, e mais recentemente fizemos uma incursão pela biblioteca pública municipal de Santa Maria. Nesses lugares, os livros que produzimos estiveram integrados e acessíveis ao público, podiam ser tocados, manuseados, sem nenhum tipo de barreira entre o “leitor” e o artista, para que nesta relação o tato, a sensibilização visual, os efeitos temporais permitissem outro tempo de reflexão, de digressão, de ruptura ou de devaneio.



Fruto destas experiências e como reconhecimento, em 2016, o grupo recebeu o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas na categoria “Destaque em projeto alternativo de produção plástica” por sua exposição “Livro Interferido II”, realizada em um sebo na cidade de Porto Alegre em parceria com pesquisadores locais, curadores e artistas.

Mas, o processo de desdobramento entre tecnologia e rapidez da reprodução da imagem, constituído inicialmente pela gravura em diálogo com outras linguagens, foi retomado novamente nesta primeira edição de um livro múltiplo do Grupo Arte Impressa no ano de 2017. Foi uma experiência onde praticamos o exercício do consenso coletivo, onde todos os integrantes estiveram comprometidos, já que esta abordagem do trabalho do Grupo seguia a mesma pretensão inicial, a de estimular uma atitude perceptiva distinta frente ao mundo. Onde as relações tecidas entre arte e a imagem multiplicada, estabelecem novamente a discussão entre a reprodutibilidade da imagem, não apenas nas formas de instauração, mas no próprio conceito de arte.

O Grupo já se renovou, experimentamos várias despedidas, algumas lentas e graduais, outras abruptas, todas marcantes. Mas este ano todos nos reunimos em livros, e pela primeira vez em um espaço “formal” de arte, a Sala de Exposições Claudio Carriconde da UFSM, assim comemoramos nossos 5 anos de existência e junto ao PPGART. Como tantos artistas celebramos e experimentamos modos de pensar e de sensibilizar, através da configuração do livro arte.

<https://grupoarteimpressa.wordpress.com/>

REFERÊNCIAS

DUBAR, C. **La crisis de las identidades – La interpretación de una mutación**. Barcelona, Espanha. EdicionsBellaterra, 2002.

DUBAR, C. **A socialização – Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1997.

DUBAR, C. **A crise das identidades – A interpretação de uma mutação**. São Paulo, Brasil: EDUSP, 2009.

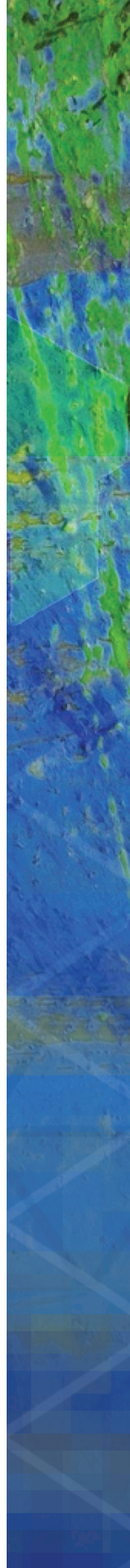
CRESPO, B. Tesis Doctoral. **El Libro-arte, concepto y proceso de una creación contemporánea**. Tese (Doutorado em Bellas Artes) Departament de Pintura de Belles Arts, Universitat de Barcelona, Barcelona, España: 1999.

PAIVA, A. **A Aventura do Livro Experimental**. Belo Horizonte, Brasil: Autentica Editora; São Paulo, Brasil: EDUSP, 2010.

Helga Correa

Doutora em Artes pela Universidade de Barcelona, Espanha (2012/ Bolsista CAPES), Mestre em Ensino da Arte pela Universidade Federal de Santa Maria RS (2000/ Bolsista CAPES) e Graduada em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Santa Maria RS (1988). Professora Adjunta do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Mestrado (PPGART/CAL/UFSM), na Linha de Pesquisa: Arte e Visualidade. Líder do Grupo de Pesquisa Arte Impressa CNPq. Desenvolve pesquisas com ênfase em Gravura Contemporânea, Livros Arte e Ensino da Arte.

LINHA DE PESQUISA ARTE E CULTURA



A CULTURA INSTAURADA NOS CORPOS EM PERFORMANCE ARTE

Gisela Reis Biancalana

O contexto contemporâneo é complexo, expande no espaço-tempo e desliza por redes de manifestações humanas oriundas de perspectivas diversas. No entorno das tentativas de apreender este amplificado universo, situa-se a pesquisa acadêmica, especialmente, os Programas de Pós-Graduação que oferecem suporte, legitimidade, recursos humanos e materiais viabilizadores de sua prática. Na área de artes não seria diferente.

No ano de 2007, o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no interior do estado do Rio Grande do Sul, desabrocha a partir das inquietações investigativas de um grupo de pesquisadores, fazendo florescer um corpo reflexivo da pesquisa em/e sobre artes (CATTANI, 2002). Este corpo reflexivo desdobra-se em linhas de pesquisa que atendem aos direcionamentos investigativos dos membros do PPGART e, entre elas, está a Linha Arte e Cultura, na qual se inserem as investigações do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura vinculado ao CNPQ. Este grupo desenvolve pesquisas voltadas para universos culturais instaurados nos corpos performativos.

Neste universo investigativo, o grupo busca oferecer suporte teórico-prático às atividades de pesquisa, ensino e extensão ancoradas nos estudos sobre performances, arte e cultura. Estes estudos são realizados por alunos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e dos cursos de Teatro, Dança e Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Sua abordagem é plural e multifacetada, inserida em contextos inter e transdisciplinares, especialmente, no trânsito com a antropologia. O grupo de pesquisa supracitado, desde 2010, desenvolve investigações calcadas

no corpo-arte, enquantoo Laboratório de Performance, Arte e Cultura - LAPARC edifica-se enquanto espaço de apoio ao Curso de Bacharelado em Dança e ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Criada em março de 2016, a proposta atua no desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão em criação artística, elaboração de performances e reflexão sobre arte contemporânea, especialmente no que tange à performatividade. Localizado na sala 1103 do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, o LAPARC agrega, atualmente, os membros deste grupo de pesquisa formado por professores e alunos de mestrado, graduação e iniciação científica. O laboratório é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Gisela Reis Biancalana.

Entre os principais objetivos do grupo estão realizar estudos sobre a Arte da Performance em sua amplitude inter e transdisciplinar; aprofundar o conceito de performatividade e suas relações com abordagens culturais; desenvolver laboratórios de criação, individuais e conjuntos, nas artes performativas; apresentar os desdobramentos teórico-conceituais das investigações individuais, no grupo, oferecendo suporte à pesquisa dos alunos de graduação, iniciação científica e pós graduação do Centro de Artes e Letras da UFSM; propagar os estudos desenvolvidos à comunidade regional por meio de ações de extensão; assim como organizar eventos que integrem atividades de ensino, pesquisa e extensão.

As discussões sobre a bibliografia que subsidia os estudos desenvolvidos no LAPARC acontecem nos encontros semanais em forma de seminários. Por fim, entre os eventos organizados pelo grupo estão as visitas mensais a escolas de artes da cidade para discussão das obras de artistas selecionados previamente. Aqui, a reflexão coletiva sobre artistas contemporâneos acontece a partir da fala de um pesquisador convidado. Até o momento, já foram organizadas cinco visitas com discussão sobre a obra de Martha Graham, Balanchine, Merce Cunningham, Trisha Brown e Steve Paxton, em 2016. Finalmente, o LAPARC está promovendo um evento piloto, o “PerformAções”, que aglutina estas discussões em mesas redondas, traz espetáculos de artistas locais e desenvolve atividades de pesquisa. O I PerformAções foi o primeiro evento organizado pelo grupo e aconteceu em 28 e 29 de abril de 2017, no Centro de Artes e letras da UFSM.

Assim, a criação do referido Laboratório fez-se fundamental para oferecer suporte aos trabalhos dos alunos e professores na pesquisa, ensino e extensão. O espaço tem contribuído significativamente para o desenvolvimento dos projetos dos alunos de mestrado e IC em suas

incursões poéticas. No momento, a sala 1103 do Centro de Artes e Letras não apenas agrega estes encontros semanais, orientações e organização dos trabalhos e eventos coletivos, assim como tem oferecido condições e equipamentos para implementação das atividades, as quais se propõem em seu calendário anual.

O laboratório de criação, por sua vez, propõe realizar imersões em pesquisa de campo focadas nos universos culturais, selecionados pelos investigadores envolvidos, e que funcionem como um olhar estranho para alavancar a construção de performances. Sendo assim, o objetivo do trabalho dos performers reside na construção de processos investigativos oriundos das intenções de ser arte, irradiadas pelo corpo e aqui denominadas corpo-arte. O contato com o campo e o olhar estranho buscam aflorar afetividades que possam desabrochar em ações performativas, ao mesmo tempo em que descentralizam as ditaduras hegemônicas e cristalizadas de atuação performativa com as antigas posturas autoritárias dos diretores e coreógrafos soberanos. As investigações realizadas partem de um projeto de pesquisa guarda-chuva intitulado Fronteiras Porosas que discute, pensa e faz Performances. As ações estão pautadas na busca pela fusão dos saberes calcada em processos de diluição de fronteiras entre conhecimentos.

As discussões acadêmicas sobre artes iniciaram com a filosofia estética, mas, o conhecimento na área de arte não se reduz à reflexão sobre arte. As dificuldades enfrentadas pela arte no universo acadêmico residem nos processos criadores. Acredita-se que a pesquisa acadêmica em arte pode amalgamar a reflexão teórica à prática criativa e investigar a especificidade de seus procedimentos metodológicos. Historicamente, a pesquisa em arte utilizou-se dos métodos tradicionais de outras áreas na tentativa de traçar caminhos na busca por uma identidade epistemológica própria. Mas, a objetividade não se aplica no tratamento de processos criativos em arte, onde a subjetividade humana é condição imprescindível, exceto nas pesquisas técnicas. Se os processos criativos em arte são produção de conhecimento, um possível encaminhamento para estas discussões deve envolver a subjetividade encarada como condição principal, motor da pesquisa. A dimensão subjetiva pode ser assumida nos meios acadêmicos, basta saber de que modo o fazer para não cair no risco de realizar exercícios egocêntricos. Desta forma, o termo procedimentos metodológicos parece ser mais adequado às pesquisas que se orientam para a criação em contextos acadêmicos.

O performer, enquanto corpo que investiga, em si mesmo, os pressupostos de sua pesquisa e que, por sua vez, orienta-se para o universo das artes, tem fortes obstáculos a atravessar. Primeiramente, porque não pretende desvendar aspectos biológicos nem psicológicos de si, tão bem explorados pelas ciências naturais, humanas e pelos profissionais da área da saúde. Estas últimas áreas do conhecimento humano são amparadas pelos seus pressupostos epistemológicos e metodologias de pesquisa que não se aplicam às artes. A objetividade reina quase absoluta neste contexto e já foi repensada nos direcionamentos das pesquisas desenvolvidas pelas humanidades. As ciências humanas já aceitam que o conhecimento produzido é oriundo de elocubrações subjetivas. Mas, nas artes, não ao que se refere aos suportes técnicos por elas utilizados, mas ao que se volta para processos criativos e performativos, a subjetividade alcança um lugar privilegiado, ou melhor, um lugar inerente a ela, sem desprezar as técnicas, os procedimentos, a ética, a linguagem artística a ser contemplada.

O grupo leva estas questões em consideração ao iniciar com a revisão de literatura sobre as Performances Studies (SCHECHNER, 2003), a fim de traçar um percurso de imersão em pesquisa de campo e registro do material coletado, ao mesmo tempo em que se debruça sobre a bibliografia especializada em Performance Arte. Subsequentemente, em ateliês de criação, o grupo realiza a experimentação do material coletado em direção à construção de matrizes de ações corporais performativas. Neste momento, funde-se o material coletado em pesquisa de campo às impressões dos artistas, transbordando as afetividades afloradas em campo pelas fontes da pesquisa em células criadoras. Não se trata de filtrar o material coletado na tentativa de descrevê-lo o mais fielmente possível, como fazem os estudos etnológicos. Trata-se, sobretudo, de recriá-los amalgamados aos elementos da experiência dos artistas. A experiência é entendida, neste estudo, como um processo que possui um viés existencial, pois está associada à produção de sentidos polissêmicos, ou seja, ela é alguma coisa que toca de fato alguém, segundo os pressupostos de Bondia (2002, p. 22). Algumas vezes, após a elaboração deste material bruto, são convidados profissionais da área, com reconhecimento artístico, para atuar como olhares externos e verificar a coerência das organizações poéticas construídas a partir de todo o material coletado. Simultaneamente, são realizados os processos que envolvem a documentação audiovisual para apresentação dos resultados artísticos obtidos em forma de performances.

Assim, sem a pretensão de resolver discussões sobre os temas investigados, acredita-se que o espaço da pesquisa em arte não entra em choque com a subjetividade intrínseca a todo processo criativo em arte, restando investir nas diversas possibilidades de assumi-la academicamente sem perder a seriedade sistemática e metodológica. Para tal, vários percursos se projetam e um dos encaminhamentos possíveis para iniciar as reflexões, talvez, esteja na elaboração de procedimentos específicos para cada criação, coerentes com a concepção artística adotada, na qual a originalidade e contribuição estejam situadas pela coerência construída, seja ela conceitual, formal e/ou sociocultural.

A produção do grupo de pesquisas no LAPARC compõe-se da elaboração e apresentação pública de performances artísticas baseadas na leitura e discussão da bibliografia especializada, da discussão dos resultados obtidos em apresentações e publicações científicas, e da organização de eventos que corroborem com sua área investigativa. Desde 2010, alunos vêm desenvolvendo projetos artísticos que culminaram em performances levadas a público em eventos de Santa Maria, bem como em outros locais do país. Em dezembro de 2010, iniciou-se o trabalho do grupo com os primeiros integrantes, alunos ingressantes no mestrado do PPGART.

Tatiana Vinadé e Daniele Quiroga desenvolveram pesquisas em poéticas e em história, teoria e crítica, respectivamente. Vinadé (2013) é formada em Artes Cênicas e sua investigação se deu diante do encontro da Performance Arte, do teatro e da antropologia. A pesquisa de campo, procedimento metodológico próprio das investigações antropológicas, contribuiu no diálogo entre as áreas. Seu universo de pesquisa foram os terreiros de umbanda da cidade de Santa Maria, nos quais realizou mimesis corpórea dos praticantes. A mimesis foi trabalhada em laboratórios de criação dando formas a figuras performáticas que apareceram numa série de seis performances questionadoras do tempo. “Minha Velha” foi uma performance apresentada na despedida de uma antiga casa da cidade de Santa Maria, que seria derrubada, preservando apenas sua fachada tombada pelo patrimônio histórico.



ArteOcupa#SM 2012
Performer: Tatiana Barrios Vinadé
Foto: Gisela Biancalana

Quiroga (2013) investigou os registros de Performances realizados pelos artistas, priorizando questionamentos sobre seus objetivos. Seus argumentos orientaram-se no sentido de estabelecer contrastes entre o que seria documentação, fotoperformance, videoperformance, entre outras, relacionando a função do registro com o objetivo dos envolvidos somado aos resultados, muitas vezes, surpreendentes.

No ano de 2011, ingressou Alessandra Londero (2014) que investigou os processos formativos de artistas performers na relação com o ato de conceber a obra. A autora comparou performers formados em artes visuais, artes cênicas e dança. Os saberes instaurados nos corpos em performance afetavam as relações do artista com a obra desde a concepção até o produto final, passando pelo processo criador.

Em 2013, foi a vez de Marcos Caye Lara (2015) que também buscava subsídios na umbanda para criação de suas obras. Aqui, diferente de Vinadé, Lara questionou divergências de cunho religioso entre aspectos da cultura de origem negra e africana, e aspectos da cultura branca e europeia. A prática ritualística, bem como suas crenças foram abordadas. A Performance “Como explicar o sacrifício a uma galinha”, foi apresentada no intuito de discutir o sacrifício animal, presente nestas manifestações.

Neste mesmo ano, dois trabalhos performativos coletivos foram concebidos pelo grupo. O primeiro foi “Existir Juntos”, apresentado no

Evento Internacional ArteOcupa#SM. O segundo foi “(Des) Encontros”, apresentado no Fórum de Coordenadores dos Cursos de Dança na UNICAMP. Estes trabalhos colocavam a arte como processo de si, que se constitui no momento de sua elaboração via contato com o público. Nesta obra, o acaso foi determinante para sua materialização, pois as ações eram realizadas em grupos de um artista e dois participantes-público. As ações eram determinadas pelos dizeres de cartas retiradas ao acaso. As cartas continham palavras que sugeriam sentidos, assim como determinavam uma sonoridade específica. Um dos participantes-público recebia uma lanterna para iluminar a ação conforme sua vontade. Cada existência junto dos artistas com dois participantes tinha duração de dez minutos quando tudo recomeçava com outras pessoas. Em 2014, ingressaram Caroline



Performance: Existir Juntos com Letícia
Nascimento
Evento: ArteOcupa#SM 2013
Foto: Ronai

Turchello da Silva e Tiago Gonçalves Teles. Ambos desenvolveram projetos de performances. Turchiello (2016) atentou para o corpo que é arte e para o cuidado de si. Sua investigação apoiou-se na somática como pressuposto norteador do trabalho da performer sobre si mesma. Teles (2016), por sua vez, reconfigura a presença do palhaço em diversas performances nas quais o riso não faz parte de experiência. Durante os anos de 2014 e 2015, a coordenadora do Laboratório esteve afastada e residindo na Inglaterra para um Pós-Doutoramento. Este período foi dedicado aos estudos sobre processos colaborativos de criação.



Performance: Há olhares que habitam a pele
Performer: Caroline Turchiello da Silva
Centro da cidade de Santa Maria em 18/11/05.
Foto: Clarissa Ferrer

Após o retorno, no ano de 2016, estes estudos passaram a integrar as experiências performativas realizadas pelo grupo. Sendo assim, foi concebida a Exposição que agregou nove Performances apresentadas durante II Colóquio Internacional de Ética, Estética e Política na UFSM. As nove performances abordavam questões políticas que envolvem o mundo contemporâneo como, “Eu Tenho nome Próprio” de Marcella Nunes Rodrigues; “Diane” de Camila Matzenauer dos Santos; “Mãe, pai ou responsável. Ass:_____” de Mylena da Silva Moreira; “Sorria? Você está sendo Vigiado” de Láinon William Ribeiro da Costa; “reXistência” de Amanda Silveira Nunes; “Aqui ou Alixo” de Gilvani José Bortoluzzo; “Planalto” de Gisela Reis Biancalana e “Jornada dupla, tripla, quádrupla...” de Cristine Carvalho Nunes. Os trabalhos preservam o tom anárquico da Performance Arte ao transgredir noções cristalizadas de atitudes socioculturais. Estas performances, desenvolvidas ao longo de 2016, abordaram questões ambientais, questões de gênero, questões relativas ao consumismo exacerbado, questões de cunho político no Brasil atual e questões calcadas no preconceito racial. Em novembro de 2016, duas destas performances foram apresentadas no Congresso da ABRACE, em Uberlândia-MG. Este trabalho foi reorganizado para o Evento PerformAções ocorrido em 29 de abril de 2017, na sala Carricone do Centro de Artes e Letras da UFSM.

Em abril de 2017, o grupo de pesquisa foi convidado a participar da exposição “Livros Arte e Bibliotecas do Século XXI”, realizada no dia 18 de abril de 2017, na Biblioteca Pública Municipal de Santa Maria. Ao trazer a Performance artística para dentro da biblioteca, o trabalho apresentado visou contribuir para a experimentação de um espaço vivo e dinâmico. No referido evento, foram propostas experiências sensoriais relacionadas ao universo literário. Com o intuito de revitalizar este espaço público e valorizar a leitura, foi desenvolvida a performance “Virando a Página”, apresentando uma visão que parte da morte do livro (ou do espaço da biblioteca) em direção ao seu reflorescimento. Para a construção da performance, foram pesquisados elementos que contribuíssem com a proposta. Com a ideia de “fazer florir” novamente aquele espaço, usou-se a música “Inverno de Vivaldi”, para iniciar com a morte do livro. Na sequência, foram selecionados trechos de pensadores célebres que foram lidos em voz alta e transformados em flores a serem plantadas pelos performers com a ajuda do público presente. A biblioteca foi compreendida, então, como um lugar de semear, desenvolver e florir pensamentos através dos livros. Em maio de 2017, foi criado “Marcadores”, performance coletiva apresentada na praça municipal Saldanha Marinho, durante a Feira do Livro de Santa Maria. Este trabalho foi uma releitura de “Virando a Página”.

Atualmente, o grupo conta com dois mestrados, um com formação em teatro e outro com formação em dança; dois alunos de iniciação científica e mais cinco alunos participantes voluntários. O grupo também conta com participantes de outras instituições, como a professora Graziela Rodrigues da UNICAMP. Cada participante tem uma performance elaborada e outra em fase de elaboração individuais, assim como estamos com uma performance coletiva em fase de concepção-criação.

REFERÊNCIAS

- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, nº 19 jan./abr, p. 20-28. Rio de Janeiro, Autores Associados, 2002.
- BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero - metodologia da pesquisa em artes plásticas.** Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.
- LARA, Marcos Caye. **Ofertar-me: O batuque como ativador do estado performático.** Dissertação de mestrado, PPGART-UFSM: 2016.
- LONDERO, Alessandra. **O corpo na arte da performance: Artistas visuais e artistas da cena no Rio Grande do Sul.** Dissertação de mestrado, PPGART-UFSM: 2015.
- NEVES, Daniele Quiroga. **Performance e Registro: a produção performática de Claudia Paim.** Dissertação de mestrado, PPGART-UFSM: 2013.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction.** New York: Routledge, 2002.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Theory.** New York: Routledge, 1988.
- SILVA, Caroline Turchiello. **Dos olhares que ampliam: um corpo que abre os poros para ver (-se) a partir da performance arte.** Dissertação de mestrado, PPGART-UFSM: 2016.
- TELES, Tiago Gonçalves. **Do Palhaço à Palhaformance: uma poética da presença do palhaço em performance.** Dissertação de mestrado, PPGART-UFSM: 2016.
- VINADÉ, Tatiana Barrios. **O corpo em trânsito entre o Teatro e a Performance: De Ama a Minha Velha.** Dissertação de mestrado, PPGART-UFSM: 2013.

Gisela Reis Biancalana

Graduada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas, Bacharel (1991) e Licenciada (1993), Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP (2010), área de artes cênicas. Atualmente é professora no Curso de Dança/UFSM no qual foi responsável pela criação e implantação, entre 2012 e 2013, e onde exerceu a função de coordenadora. Atua no PPGART/UFSM desde 2010 onde também foi coordenadora substituta entre 2011 e 2014. Desenvolve pesquisas sobre a performance e os processos criadores de artistas da cena buscando desenvolver investigações interdisciplinares, principalmente com estudos culturais e processos colaborativos. É líder do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPq e coordena o Laboratório de Performance, arte e cultura (LAPARC), vinculado ao PPGART e ao Curso de Dança.

LABORATÓRIO DE ARTE E SUBJETIVIDADES: PROPOSIÇÕES E AÇÕES

Rosa Maria Blanca Cedillo

INTRODUÇÃO

O Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) surge como uma necessidade de discutir arte contemporânea e subjetividades, em um contexto de pesquisas emergentes de metodologia experimental. Embora com apenas dois anos de vida, desde o início, o LASUB propõe ser um dispositivo de construção de enunciações e ações plásticas de artistas pesquisadores(as) que problematizam dicotomias como local – mundial, homem-mulher, Norte-Sul, teoria-prática.

O LASUB está interessado em pesquisar como se constrói a identidade do sujeito artista através de práticas artísticas, tanto individuais como colaborativas. Nesse sentido, o LASUB está configurado por artistas pesquisadores(as) de distintas universidades do país, para, dessa forma, trabalhar de forma dinâmica e intersubjetiva.

A partir desses objetivos, o presente escrito¹ problematiza a atuação do LASUB na sua dimensão conceitual subjetiva, através da qual projeta as suas ações.

Para o LASUB, as ações colaborativas, a exposição, a escrita – publicação –, as comunicações e/ou as palestras, constituem formas de apresentação da pesquisa artística.

Dialoga-se com a filosofia, a estética e os estudos *queer*.

¹ O presente capítulo conta com o auxílio da estudante de Artes Visuais (CAV/UFSM) Letícia Alves Honório, Bolsista de Iniciação Científica (CNPq-UFSM).

Epistemologicamente, entende-se a subjetividade como uma categoria que permite questionar e problematizar as formas de constituição de si do sujeito artista na arte contemporânea. É importante esclarecer a definição da subjetividade nesses termos para distingui-la ou opô-la à acepção kantiana, que estava mais voltada para a constituição do sujeito essencialista. A subjetividade é produzida de forma orgânica, tecnológica, discursiva e visual. O LASUB propõe ações artísticas dispostas no espaço público e institucional.

De caráter nômade, sugere-se o laboratório de pesquisa como uma potencialidade latente, que usa a subjetividade para propor relações e agenciamentos possíveis, dialogando com a proposta do *Laboratoire International de Recherches en Arts* (LIRA), da Université Nouvelle Sorbonne Paris 3. O LIRA possui uma perspectiva intermedial, buscando as relações entre imagens e outros dispositivos de enunciação plástica produzidos por diferentes áreas do conhecimento e, também, propondo intercâmbios de experiências entre equipes de pesquisa. O LASUB é integrado por estudantes da graduação, da pós-graduação e por artistas e/ou pesquisadores(as) de outras universidades do Brasil. Estabelecem diálogos, propiciando e fortalecendo atravessamentos nas pesquisas do laboratório, como Lino Arruda (UFSC), Elena Ávila (UFSC), Cheyenne Luge (UDESC), Ana Paula Simioni (USP), Luciana Loponte (UFRGS) e Marcelo Chardosim (UFRGS).

Da mesma forma em que almeja a pluridisciplinaridade, o LASUB segue os modos de operar do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), da Universidade Federal de Santa Catarina, onde são de igual importância a experiência na organização, produção e participação de eventos, a formação dos seus integrantes em gestão e relacionamentos institucionais, protocolos acadêmicos, etc.

Primeiramente, estipulavam-se encontros semanais, em algumas das salas do Centro de Artes e Letras. O primeiro encontro ocorreu no dia 27 de maio de 2015. As(os) próprias(os) integrantes têm administrado as formas de organização, os horários e as leituras. Vêm circulando textos e informações de distintas áreas do conhecimento, questionando-se a arte, as exposições, as instituições, ao paradigma identitário e pós-identitário, as mídias, as redes, etc. Embora se trate de um laboratório acadêmico, alguns das(os) suas(seus) integrantes provêm de coletivos autônomos e anárquicos.

Essa constante mobilização, como forma de (auto)gestão, tem dado lugar a um tipo de desenvolvimento em movimento. Interage-se com eventos do próprio Curso de Artes Visuais, como tem sido com os Seminários Temáticos Transdisciplinares. Nesse seminário, Lino Arruda (UFSC), integrante do LASUB, expôs sua pesquisa abordando a sua subjetivação na arte no momento do seu processo *trans*, no dia 06 de abril de 2016. Foi a primeira vez que se apresentou um(a) artista em processo de *trans* (FtM) no Curso de Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria. Pode sugerir-se que o LASUB propõe uma experimentação e vontade de realização de ações que partem do próprio questionamento dos processos de subjetivação artísticos, semelhante ao movimento situacionista, contribuindo para uma percepção de si de cada um das(os) integrantes do laboratório no momento de lançar uma proposta e executá-la, sem admitir uma separação entre o sujeito artista, o sujeito pesquisador, as suas teorias, as suas práticas e seus contextos. Como é possível constituir-se como artista pesquisador(a) e sujeito em devir?

Práticas poéticas / colaborativas

Certas ações do LASUB podem ser consideradas também como práticas poéticas/colaborativas. A forma como os laboratórios vêm atuando, nas suas idealizações e realizações de projetos, são pensadas de maneira colaborativa, como bem explicou a Professora Andreia Machado Oliveira, durante o encontro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria com o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, intitulado Compartilhando Experiências Colaborativas, em 24 de maio de 2017.

As ações dos situacionistas são precursoras das práticas colaborativas. As práticas colaborativas realizam-se fora do espaço expográfico. O LASUB percebe o espaço urbano como um lugar de luta e produção de subjetividade. Os situacionistas apropriam-se da cidade propondo momentos de vida particulares com a finalidade de viver e propor uma cartografia psicogeográfica alternativa ao mapa racional urbano na cidade de Paris. Questionando a falta de uma ciclovia, o LASUB tem realizado ações colaborativas junto a ciclistas para a proposição de trajetos e espacialidades ambientais, como a pedalada “Biciatletas Voadoras”.

A proposição tem consistido no deslocamento entre a UFSM e o Centro da cidade de Santa Maria. O LASUB tem proposto a travessia da estrada BR-287

com a finalidade de produzir um agenciamento territorial de intervenção no espaço público através da mediatização da experiência. Utiliza-se o mapa Google para indicar aos participantes o trajeto, assim como para divulgar a ação. No ato, os participantes não necessitam de algum tipo de explicação ou de identificação. A proposta consiste na realização de um trajeto cujo único suporte é uma plataforma tecnológica. Como proposta eletrônica, a estética estende-se pela estrada e na busca de um objetivo comum por parte dos corpos ciclistas, sem identidade. Na mediação eletrônica, a proposta do LASUB empodera identidades, tentando uma equidade identitária, onde tanto gays, como lésbicas, mulheres, negras e negros, estejam fazendo uso do espaço público, diluindo o privilégio *carrocêntrico*.

Durante esta ação, há o uso de um dispositivo móvel com a finalidade de marcar visualmente o trajeto. O dispositivo tem consistido no uso de uma capa confeccionada por cada uma(um) de suas(seus) participantes. Essa capa ilustra a ideia de pintura voadora, produzindo um deslocamento do espaço expográfico e museístico rumo ao espaço público (Fig. 01).



Fig. 1 Rosa Blanca.
Percurso I (2016)
Col Particular

Um dos seus resultados é a configuração de uma heterotopia (FOUCAULT, 2013). Na metade do trajeto, os(as) participantes propuseram um desvio na deriva. Nas imediações dessa deriva, apresentou-se um espaço onde somente é possível conhecê-lo na experiência da bicicleta. Como se inconscientemente os(as) participantes almejassem esse agenciamento territorial.

Sugere-se a existência de uma estética eletrônica configurada no espaço das redes e da estrada física e seus desvios.

Exposições

A ação “Biciatletas voadoras” tem também como desdobramento uma exposição no Memorial da Justiça Federal, em Porto Alegre, no período de 3 de agosto a 27 de outubro de 2016. Precisamente, o Memorial da Justiça Federal convidou o LASUB para a realização da mostra, dentro do projeto *Direitos Humanos: uma questão de Justiça*². Na abertura, Maria Fernanda Menezes, estudante de Direito, apresentou a exposição, articulando direitos humanos e arte contemporânea. Sob curadoria da Professora Rosa Blanca, contou com a participação de artistas como Alice Brauwers, Andreia Machado, Cheyenne Luge, Evelyn Lima, Jacks Ricardo Selistre, Letícia Honório, Lutiére Dalla Valle, Marcela Chemy, Marcelo Chardosim, Marília Jeffman, Martina Medeiros Nickel, Rafael Falk, Rafael Durante, Rosa Blanca e William Silva. Essa extensão possui na sua concepção a *virilização* (BASBAUM, 1995) dos objetivos do LASUB.

Partindo do pressuposto de que a arte é um lugar singular para a discussão da produção das subjetividades, mediante categorias como percepção, corpo, sujeito e saber, o LASUB também desenvolveu eventos como o *I Seminário de (Des)Configurações e Subjetivações em Artes*, realizado nos dias 21, 22 e 23 de setembro de 2016, abrangendo diversas atividades, como apresentação de comunicações, exposição, performances e palestras (FARINA, 2006)³. Tudo parece indicar que a iniciativa do LASUB de ter proposto um espaço dentro de um evento das Artes Visuais, para apresentação de pesquisas da graduação e da pós-graduação, constitui uma ação pioneira em seu gênero.

O seminário foi idealizado inter e multidisciplinarmente, projetando as seguintes palestras e convidados(as): *O(s) sujeitos do(s) feminismo(s)*, de autoria da Prof.^a Dr.^a Letícia Machado Spinelli; *Mídias e (des)representações identitárias: minorias sociais em pauta*, com autoria do Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho; *Cinema e a potência edu(vo)cativa das imagens na (con)formação de gêneros*, com autoria do Prof. Dr. Lutiére Dalla Valle; *Biopolítica e o controle do corpo população*, com autoria do Prof. Dr. Jerônimo Tybusch; *Implicações entre arte, tecnologia e subjetivação*, com autoria da Prof.^a Dr.^a Andréia Machado Oliveira; *Arte Contemporânea e*

² Na exposição, a artista Rita da Rosa tem realizado uma instalação, com processos que dialogam com a proposta artística.

³ O I Ciclo de Cinema, organizado pelo LASUB, também constitui outra atividade importante, projetando filmes como *Carol* (Dir. Todd Haynes, 2016), e efetuando discussões no final do evento.

espaço ambiental, com autoria da Prof.^a Dr.^a Rebeca Stumm; *O queer em Carmen Miranda*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Figueiredo Balieiro; *Direitos LGBT's: Avanços e retrocessos*, de autoria da Dr.^a Cris Bruel e Isidoro Rezes.

Em decorrência do seminário, executou-se a exposição *Trânsitos (Des) Identitários*, no período de 21 de setembro a 10 de outubro, na Sala Cláudio Carriconde, sob curadoria de Rosa Blanca, tendo como assistente de curadoria Jacks Selistre, e como assistente de curadoria artística a Letícia Honório. A mostra teve a participação dos(as) artistas Andréia Oliveira, Cheyenne Luge, Jacks Ricardo Selistre, Letícia Honório, Lutiere Dalla Valle, Marcelo Chardosim, Marília Jeffman, Rafael Durante, Rafael Falk, Rosa Blanca, Virgínia Villaplana e William Silva. O LASUB sugere as suas exposições como proposições de subjetividades. Parte-se da premissa de que a arte contemporânea permite dialogar com necessidades tanto cotidianas, quanto culturais e científicas. Existe uma pesquisa artística que discute categorias identitárias com a finalidade de produzir linguagens contemporâneas. A exposição também abraça a necessidade de falar de si, produzindo outras imagens do subjetivo⁴.

Com claras preocupações de internacionalização, o LASUB organiza

⁴ Outra mostra efetuada pelo LASUB é a *Exposição Artes Visuais, Pesquisas e Sensibilidades*, realizada em parceria com o Gabinete do Reitor, no período de 30 de maio a 30 de junho de 2017. A mostra tem feito parte das atividades de inauguração do Centro de Convenções da Universidade Federal de Santa Maria. Como tem explicado a Curadora, na divulgação, a exposição tem se proposto apresentar um breve panorama do que se tem produzido no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, a partir de trabalhos de artistas discentes e docentes. A mostra tem colaborado com a iniciativa da UFSM de oferecer um locus em forte vínculo com a cultura santa-mariense. Simultaneamente, a exposição sela uma parceria com o Museu de Arte de Santa Maria. Há uma proposta de expografia almejando experimentar o novo espaço e suas potencialidades expositivas como espaço propício para a Arte Contemporânea. Coincidentemente, entre os(as) artistas que tem participado, mostraram seus trabalhos Jasson "Polin" Moreira e William da Silva, integrantes do LASUB, pois, como discentes, tem obtido prêmios, pelas suas obras.

Também é importante a *I Exposição de Arte Experimental*, no período de 12 a 25 de junho de 2017, que, com a finalidade de expor pesquisas e experimentações plásticas que estão sendo desenvolvidas pelos(as) discentes do Curso de Artes Visuais, o LASUB junto à Coordenação do Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura - pretende abrir um espaço que visibilize a produção de artistas do Curso de Artes Visuais, no que se refere à experimentação e discussão da pesquisa universitária, na contemporaneidade.

também a *II Exposição Internacional de Arte e Gênero*, no período de 30 de julho a 30 de agosto de 2017, sob curadoria de Rosa Blanca, no Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE), Florianópolis, marco do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & Women's Worlds Congress 13th. Organizada por edital, a mostra recebeu propostas de 48 artistas, sendo selecionadas(os) 26 artistas.

Através da mesma perspectiva de internacionalização, o LASUB está atualmente com um dos seus pesquisadores na Universidad del Cuyo, na Argentina, o mestrando Jacks Ricardo Selistre. Trata-se do primeiro intercâmbio estudantil que o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais realiza.

Escritos

A escrita é um dos espaços de pesquisa e apresentação do trabalho da equipe. O LASUB tem publicado artigos como *Entre o visual, o musical e o escrito: poéticas das divergências* (BLANCA, LUGE, JEFFMAN, SILVA, 2016) e *Pequenos desvios em artes visuais: subjetivações e insurgências* (SELISTRE; BLANCA, SILVA e HONÓRIO, 2016).

Considera-se indissociável a produção de arte contemporânea e a escrita.

Atualmente, em 2017, realizam o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais os mestrandos Jacks Ricardo Selistre e William de Silva, integrantes do LASUB⁵. No primeiro semestre do mestrado, Silva investiga a nudez masculina na arte contemporânea. Selistre pesquisa a arte *queer* na América Latina. Como artistas, problematizam suas próprias práticas, propondo genealogias conceituais para poder construir um campo teórico interdisciplinar, e poder pesquisar as condições de possibilidade da emergência das subjetividades, privilegiando a escrita.

Nos escritos, o LASUB insiste em não produzir a mesma realidade que questiona. Almeja-se que cada integrante construa um estilo esboçado pelo corpo. Nesse sentido, deseja-se ser propositor de uma estética e uma dimensão mais ampla do que se percebe como arte na atualidade.

Embora seja inevitável a passagem pela desconstrução, através da escrita,

⁵ Emanuelle R. Cecchin, Bolsista FIPE-UFSM é também membro do LASUB. Taisa Carolina Alves, Bolsista FIEX, tem idealizado a identidade visual do LASUB. Marília Jeffman tem também contribuído no projeto, assim como Ana Eliza Belizário.

procura-se desvencilhar os modos de percepção de si. Procura-se ser coerente com a proposta investigativa.

Metodologicamente, parte-se de genealogias conceituais precisamente para desmontar a naturalização com que distintas categorias têm sido usadas na produção do conhecimento, e que tem tido como consequência naturalizar o sistema da arte, suas áreas de estudo e seu próprio campo.

A construção de genealogias permite não unicamente a interdisciplinaridade, mas também a transdisciplinaridade.

O processo genealógico atua de forma estruturante em quem pesquisa, modificando as maneiras de percepção, tanto mentais quanto corporais e de disponibilidade acadêmica e artística. Assim, o LASUB não se propõe a formar artistas-pesquisadoras(es) com um alto índice de produtividade. Sugere-se a pesquisa em arte contemporânea como uma dimensão de constituição de si.

Considerações finais

O LASUB somente possui sentido através das suas idealizações e realizações colaborativas. A constituição de si mediante o trabalho em equipe, sem dúvida, constitui um dos objetivos mais instigantes no desenvolvimento de uma pesquisa. Esse nível operatório é determinante para a concretização de qualquer projeto de pesquisa e extensão. Saber trabalhar juntas(os) pode chegar a ser o objetivo mais significativo de um grupo acadêmico e(ou) artístico.

Conceitualmente, ao tentarem pesquisar sobre si mesmas(as), as(os) artistas confrontam-se consigo e com as(os) outras(os). Há uma fenomenologização constante que tenciona não somente a dimensão entre o individual e o coletivo, mas também o íntimo e as discursividades.

O desejo de desclassificação atomiza a prática artística institucionalizando paradoxalmente os afetos e desejos de si. No entanto, parece que somente a escrita e as imagens de si inauguram a espacialidade da utopia.

Atualmente, o LASUB elabora projetos que articulam categorias como interculturalidade, prevendo o estudo da arte no contexto pós-identitário e de deslocamentos, continuando a articular noções de subjetividade. Os desafios para as pesquisas multiplicam-se em um contexto complexo e plural.

REFERÊNCIAS

BASMAUN, Ricardo. **E agora?** Colaboração. s/v, p, 84 – 93, 1995.

BLANCA, Rosa María; LUGE, Cheyenne; JEFFMAN, Marília; SILVA, William. **Entre o visual, o musical e o escrito: poéticas das divergências.** Revista Periódicus, v. 1, p. 91-106, 2016. <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/15425>

FARINA, Cynthia. **Arte, cuerpo y subjetividad en los procesos de formación.** Seminario. Memoria Académica. Universidad Nacional de la Plata. 2006. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/programas/pp.227/pp.227.pdf> Acesso em 28 de Junho de 2017.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico / As heterotopías.** Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n – 1 Edições, 2013.

SELISTRE, Jaques Ricardo; BLANCA, Rosa María; SILVA, William; HONÓRIO, Letícia. **Pequenos desvios em artes visuais: subjetivações e insurgências.** In: Uso Impróprio: Seminário em Estudos Contemporâneos das Artes. Niterói. Anais do Uso Impróprio, 2016. Disponível em http://www.artes.uff.br/uso-improprio/trabalhos-completos/jacks-selistre_leticia-honorio_rosa-blanca_william-silva.pdf Acesso em 15 de Abril de 2017.

Rosa Maria Blanca Cedillo

Tem doutorado pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). É Mestre em Artes Visuais (UFRGS), Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFSM). Coordenadora do Curso de Artes Visuais (UFSM) e do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB). Como artista tem participado em exposições coletivas como Selfie, 2015, Gasômetro, Porto Alegre. É Curadora da II Exposição Internacional de Arte e Gênero, 2017, MARQUE, Florianópolis.

ARTE E CULTURA VISUAL: RESISTÊNCIAS E INTER/AÇÕES NAS I/MEDIAÇÕES COM AS VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Lutiere Dalla Valle

Como os artistas se dedicam a dar forma à sua experiência vivida, os objetos artísticos são, em certo sentido, experiências vividas transformadas em configurações transcendidas. VAN MANEN, 2003: 92

Nossas primeiras aprendizagens como humanos acontece dentro da cultura à qual nos vemos implicados: aprendemos a ser *homens* ou *mulheres*, absorvemos da lógica cultural, as suas hierarquias, regras e valores a partir da observação, e principalmente a partir da experimentação, incluindo-se a linguagem comumente legitimada pelo grupo social. Também passamos por diversas etapas e papéis: aprendemos a nos relacionar inicialmente como bebês, e posteriormente como crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, e em cada etapa, desenvolvemos formas de ver, relacionar, articular, falar, deslocar, sonhar, planejar, enfim, de compreender o mundo e a nós mesmos.

Em cada contexto cultural, o campo das imagens nos permite esboçar, sistematizar, organizar, apreender relações formais de proporção, profundidade, representação, interpretação e significação. Da mesma forma, os contornos sugeridos pelas representações visuais (que confere uma das qualidades às artes) configuram nosso olhar, nossa humanidade. Neste sentido, inventamos a arte para, talvez, dimensionar àquilo que nos escapa à linguagem literária (escrita/falada) exigindo outras formas de compreensão – abrindo um leque de possibilidades. Arriscamos *apreender* a partir da síntese e do reconhecimento das práticas de *estabelecer relações: uma coisa se conecta a outra*, ao tecer redes de significado (que dentro de um determinado contexto cultural ganha forma

e sentido). Assim, “produzir arte, portanto, antes de ser uma capacidade de expressão, é um ato de consciência” (RESENDE, 2007: 59).

Ao argumentar esta escrita em defesa da cultura visual, busco respaldar-me em autores como Nicholas Mirzoeff (2003), que diz que ao nos posicionarmos a partir deste enfoque, estamos levando em consideração o “papel determinante que desempenha a cultura visual na cultura mais ampla a que pertence o sujeito” (p. 21). Sobretudo, em nossa contemporaneidade em que as artes visuais advêm das múltiplas possibilidades e diversidades étnicas e culturais, principalmente das experiências cotidianas ancoradas por imaginários coletivos configurados a partir das múltiplas mídias.

Tomar a perspectiva educativa da cultura visual como ancoradouro nos favorece a interrogar as elaborações discursivas que envolvem a construção do olhar, e também os estereótipos que contribuem para definir condutas, delinear posições hierárquicas e legitimar papéis sociais. Sobretudo, o olhar produzido pela cultura dominante (*heteronormativa*, branca e eurocêntrica), que tem privilegiado ao longo dos séculos alguns elementos culturais peculiares de forma linear e impositiva como verdade, desconsiderando, em muitos aspectos, as contingências que envolvem a complexidade humana.

Neste sentido, é possível que as narrativas visuais privilegiem certas posições críticas e inventivas, pois as interpretações que fazemos dos artefatos visuais (imagens da publicidade, obras de arte, televisivas, cinematográficas, etc.) se encontram afetadas pelos limites impostos pelo enquadramento, pela delimitação material de alguém sobre o que tornar visível e o que deixar fora do campo visual. Isto é, ao pensar com/a partir das imagens, temos em conta que cada sujeito aporta sua própria experiência, história e identidade diante da compreensão de uma imagem.

Assim como Mitchell (2009), também acredito que nossas concepções, formas de ver, pensar e articular o mundo, perpassa pelas relações que estabelecemos com as imagens, sobretudo, com aquelas que nos afetam – em maior ou menor grau. Portanto, Arte e Cultura, enquanto linha de investigação, remota aos estudos sobre às infinitas possibilidades de articular a produção artística contemporânea e seus modos de concepção, recepção e difusão.

Nas i/mediações com as artes

O termo *i/mediações* vem sendo articulado no grupo de pesquisa que coordeno (Artes Visuais e suas *i/Mediações/CNPq*) há alguns anos, ao explorar conexões entre arte, cultura visual, espaços expositivos, processos de interação e mediação. A proposição léxica pretende ampliar as possibilidades de elaboração entorno das produções visuais contemporâneas (produzidas a partir das mais variadas fontes) em relação às múltiplas alternativas à pesquisa em arte e visualidade.

A partir desta perspectiva, *i/mediações* refere-se tanto ao que está próximo, quanto ao que está às margens do campo em evidência: que está nas imediações, nas proximidades. Corresponde a um termo fronteiroço onde as delimitações são tênues ou quase inexistentes. *i/mediação* diz respeito a tudo aquilo que pode promover diálogo profícuo a partir das relações entre os distintos saberes que têm como fio condutor os artefatos culturais. *Mediação*, sob este aspecto, implica também *estar no meio*, apresentar-se como *interlocutor*, como dispositivo/disparador entorno a determinados artefatos visuais: obras de arte, filmes, imagens publicitárias, etc. *i/mediação* empreende mobilidade, deslocamentos entre objeto, visualizador e interpretação. *i/mediação* ao estabelecer conexões com variados campos – como os estudos da cultura visual que se nutrem de vários campos para compreender as relações diárias com as visualidades. A partir do argumento de Belidson Dias (2011)

Nessa direção, a educação da cultura visual é aberta a novas e diversas formas de conhecimentos, promove o entendimento de meios de opressão dissimulada, rejeita a cultura do Positivismo, aceita a ideia de que os fatos e os valores são indivisíveis, e, sobretudo, admite que o conhecimento é socialmente construído e relacionado intrinsecamente ao poder. (DIAS, 2011: 62).

Para que estas *i/mediações* sejam produtivas, propõe-se movimentar o pensamento: em sua origem latina, a palavra *mobili* simplifica mudar de lugar, colocar em movimento (*movere*). No âmbito da cultura contemporânea, as imagens podem ser encaradas como disparadoras do *pensar/refletir* sobre os processos que envolvem sua constituição – não apenas a partir de seus autores – mas, sobretudo, daquilo que pode reverberar sua potência poética/cognitiva.

Diante de nossas experiências estéticas/sensíveis, o diálogo com as artes movimenta reflexões para além da complexidade formal e visual: nos

estimula a perceber valores culturais, ideológicos e sociais que em outros contextos não perceberíamos, devido à sua natureza relacional e subjetiva. Neste contexto, nosso principal desafio corresponde às exigências da *escrita acadêmica* que nos impele à construção daquilo que chamamos de *tecido provocativo* para dar conta das experiências vividas por meio da experiência estética. Isto é, nossas produções textuais derivam de processos de interpretação subjetiva. Partimos de relatos autobiográficos para encontrar nossos campos de pesquisa, esmiuçando nossos trânsitos entre um tema de interesse pessoal à configuração de uma tema de investigação acadêmica validado institucionalmente. Diante destas constatações preliminares, a posição com a qual vinculo as pesquisas que realizo, bem como as orientações de mestrado, tem caráter provisional diante das contingências com as quais dialogam as abordagens narrativas, pedagogias culturais e investigações baseadas nas artes.

A partir deste posicionamento que privilegia a esfera artística como mote fundamental para seus desdobramentos investigativos, sejam eles voltados a espaços expositivos ou áreas que propunham intersecções e/ou diálogos entre arte, cultura visual e suas imediações, busca-se, portanto, explorar o conceito *edu(vo)cativo* para as artes em geral com ênfase nas relações entre cultura, sociedade, subjetivação e práticas de intervenção nos mais variados contextos de produção e difusão de artefatos produzidos pelas distintas culturas. A criação do Laboratório de Artes Visuais e I/Mediações (LAVI/M) vinculado ao PPGART não só contribui para a implementação de projetos de pesquisa e extensão, como também tem funcionado como trampolim aos acadêmicos que finalizam o curso de graduação em artes visuais e vislumbram a possibilidade de dar continuidade aos estudos na pós-graduação no campo das artes visuais. O laboratório, apresenta uma configuração flexível (pois recebe uma diversidade de projetos que articulam pesquisa, ensino e extensão no campo das artes).

Como sinalizado anteriormente, o marco teórico metodológico que respalda os projetos vinculados ao laboratório prima por abordagens de cunho biográfico narrativo, envolvendo perspectivas etnográficas, bricolagem, A/R/Tográficas, Investigação Baseada nas Artes, Pedagogias Culturais, Processos de Mediação em distintos espaços expositivos (formais e não formais), Imaginário Social e Cultura Contemporânea. Agrega, portanto, projetos que visam a processos colaborativos de aprendizagem e investigação no contexto da formação acadêmica, compartilhamento dos processos investigativos, ações embasadas por relações de reciprocidade.

Referências Cruzadas: Formação e Compartilhamento

Ao apresentar algumas diretrizes do *Laboratório Artes Visuais e I/Mediações*, seleciono um dos projetos em andamento para dialogar neste texto: inserido no contexto do Programa de Pós-Graduação, o projeto *Referências Cruzadas: Exposições Itinerantes e Intercâmbio Cultural na América Latina* sinaliza¹ importante processo de compartilhamento junto aos países vizinhos, Argentina, Uruguai e México. Em sua primeira edição (estreia prevista para outubro do corrente ano), pretende o intercâmbio de produções artísticas decorrente das preocupações e atravessamentos entre artistas/professores/pesquisadores no campo das artes visuais. Como pano de fundo para o projeto de colaboração idealizado inicialmente por Mabel Larrechart (Universidad Autónoma de México/México) e Carlos Coppa (Universidad Nacional de La Plata/Argentina), desde 2014, vem integrando artistas dos diferentes países, realizando exposições na Argentina, México e Uruguai. Através desta proposta renovada, o projeto aumenta a necessidade de sua ampliação para incluir membros do Brasil e Uruguai. Entende-se de grande relevância para as instituições envolvidas a organização de projetos que fortaleçam decursos de colaboração artística, facilitando a circulação de obras e a troca de informações, a fim de auxiliar o desenvolvimento de ações entre diferentes culturas e nacionalidades. O formato proposto consiste em mostras de caráter modular, itinerante, compostas por trabalhos gráficos em papel ou tela, de fácil transporte e montagem, para permitir o caráter viajante inicialmente proposto. Para tanto, contamos com a experiência nas três mostras já realizadas, especialmente na Sala *Miguel Ángel Pareja*², no Instituto Escola Nacional de Belas Artes - *Universidad de la República de Uruguay*, em Montevideu. O projeto traz como metas, fortalecer a produção artística dos docentes e pesquisadores que atuam no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGART/CAL/UFSM; estimular a produção artística e a pesquisa de artistas, professores e pesquisadores que trabalham em diferentes unidades acadêmicas dos países participantes, e contribuir para diluir fronteiras no âmbito das produções culturais da América Latina.

Sendo assim, acredita-se que *Referências Cruzadas* possa contribuir ao desenvolver e implementar ações formativas, práticas artísticas e criativas,

¹ Projeto de Extensão com registro no SIE/UFSM. Coordenação: Lutiére Dalla Valle.

² Exposição Individual. Dalla Valle, Lutiére: “La Translucidez del Cuerpo”, outubro/novembro de 2016. Série de 17 desenhos realizados em papel vegetal, em dimensões variadas (1,00 x 1,60m aproximadamente).

ao explorar igualmente suas potencialidades cognitivas, reverberando significativas experiências de intercâmbio a nível internacional, bem como ressignificando nossas próprias práticas e formas de atuar como artistas, docentes, agentes culturais. As perspectivas para futuros desdobramentos são muitas, mirando os objetivos de integração, bem como da experiência estética no campo das artes visuais. Vivências que multipliquem experiências sensíveis e cognitivas pautadas pela arte e sua potência educativa por excelência.

Os conceitos de território, limite e fronteira, que são de interesse fundamental para nossas *referências cruzadas*, consistem em configuração metafórica para abordar os processos de formação dos grupos que se articulam entorno ao projeto compartilhado. Esta iniciativa traz-nos como artistas latino-americanos que vivem territórios delimitados geograficamente por fronteiras, definidas enquanto diferenças, mas igualmente passíveis de conexões que nos fazem reconhecer-nos como cidadãos, permitindo uma fronteira cultural comum. De nossa prática artística, queremos abordar a ideia de território e fronteira, em todas as suas dimensões, tanto sociais e individuais, a partir do criativo, estético e experimental, para produzir uma perspectiva regional sobre os acontecimentos atuais de seus problemas. A nível acadêmico, o projeto oferece elementos práticos à participação de outras áreas do conhecimento, tendo em vista a crescente demanda por projetos que promovam a troca de ideias e projetos de colaboração e cooperação nas artes. O eixo central conduz a práticas de colaboração entre alunos e professores, investigadores, agentes culturais e ao diálogo com outros grupos e instituições em diferentes laboratórios e instituições.

Arte e Cultura (Visual): Resistências e Interações

Um dos aspectos mais chocantes da nova cultura visual é o aumento da tendência a visualizar as coisas que não são visuais em si mesmas. (MIRZOEFF, 2003, p. 22)

Ao nos aproximarmos dos possíveis conceitos de *cultura*, antecipamos que, de acordo com Raymond Williams, a palavra *cultura* consiste em uma das palavras mais complexas e complicadas da língua inglesa (STOREY, 2002: 14). De fato, diariamente convivemos com seu banal emprego em diferentes níveis e contextos: definem-se projetos que propagam determinadas *culturas*, entre tantos outros usos para designar distinções

entre *alta* e *baixa cultura*, etc. Neste texto não é o foco, mas apenas o ponto de partida: interessa-nos a conexão *cultura visual* como marco teórico e metodológico que delimita por onde nos movemos no campo da pesquisa em arte.

Se tomamos como via de experimentação o campo da cultura visual, nos implicamos em práticas de *desnaturalização do olhar* e especial atenção às contingências que delineiam nossas relações com o mundo, nossas experiências cotidianas. Em decorrência, podemos nutrir-nos de estratégias críticas para questionar padrões, desmontar estruturas hegemônicas, discursos rígidos e propor brechas em que nossa subjetividade seja potencializada. Partindo da concepção de que noções de verdade e realidade igualmente correspondem a construções sociais, culturais e históricas podemos permitir-nos distanciar-nos, desprender-nos de concepções alicerçadas em padrões e posicionamentos fechados e inflexíveis. Esse distanciamento nos permite repensar o que é normativo a fim de examinar de onde surgiu e como essa normatividade não corresponde a uma única verdade, mas uma referência datada, localizada e impregnada de ideologias.

Não apenas aprendemos a olhar e compreender as narrativas visuais desde a infância, mas também nossas formas de ver passam a ser articuladas a partir do lugar que ocupamos – social, cultural, histórico. Não apenas visualizamos uma imagem, uma obra de arte decodificando seus signos, mas reconstruímos e recontamos internamente a partir daquilo que compreendemos da visualidade, daquilo que *apreendemos*.

No contexto educativo, torna-se *edu(vo)cativo*, uma vez que há uma multiplicidade de caminhos de natureza relacional, os quais mobilizamos durante um processo interpretativo. Portanto, investigar a partir da cultura visual implica abandonar a ideia de um único caminho a ser seguido pois este sugere *estabelecer relações*. Diante de infinitas possibilidades de abordagem, o campo da cultura visual instiga reinventá-las através de práticas investigativas *experimentais, movediças, questionadoras*, começando pelo exercício de reconhecer a potencialidade *narrativa/evocativa* das imagens.

Diante destas considerações, partir da elevada procura para orientação de projetos que conectam ensino, pesquisa e extensão vinculados ao campo das artes nos últimos dois anos, a organização e sistematização ao *Laboratório de Artes Visuais e I/Mediações* busca contribuir para o fortalecimento da

área das artes, sobretudo, no que tange o aprofundamento e a otimização dos recursos humanos e materiais para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, articular ações e práticas de formação colaborativa entre estudantes e professores, diálogos com outros grupos e laboratórios da instituição e igualmente de instituições externas.

Sabe-se que o espaço de um laboratório compreende não apenas uma estrutura física adequada e disponível às reuniões de grupo, desenvolvimento de oficinas, workshops, atividades específicas, mas também contribui na configuração da identidade de um grupo que se reúne por afinidades, desenvolvendo assim projetos de cooperação com ênfase na excelência acadêmica, compartilhando saberes do campo em evidência, o que estimula a produção do conhecimento de forma eficaz e significativa.

Como forma de organização, ainda que o campo das artes visuais seja o ponto central, os projetos vinculados ao LAVI/M articulam-se sobre três eixos norteadores: *i/mediações com as artes; espaços expositivos e de inter/ação, e entornos edu(vo)cativos*. O primeiro eixo busca vincular essencialmente os projetos de pesquisa que tomam a arte como fio condutor em diálogo com outros campos do conhecimento, explorando seu caráter inter/multi/transdisciplinar. O segundo, desenvolve ações vinculadas aos espaços expositivos e processos de mediação artística e de interação entre os distintos públicos. E o terceiro, diz respeito aos entornos *edu(vo)cativos*³ que subsidiam práticas educativas de ensino e extensão vinculadas a projetos com a comunidade local, tendo como mote central a produção artística contemporânea local.

Neste sentido, propõe-se abordar a arte e sua potencialidade cognitiva a partir de experiências de aprendizagem em que as imagens sejam encaradas como artefatos visuais produzidos pelas culturas e difusoras de ideias que podem ser consentidas, projetadas, incorporadas e referendadas nas mais variadas situações da vida cotidiana. Para dar ênfase e sustentação a esta e a outras discussões, a perspectiva dos estudos da cultura visual contribui para problematizarmos e refletirmos sobre o poder das imagens sobre nossas formas de compreensão e práticas sociais/culturais.

³ O conceito de potencia *edu(vo)cativa* das artes corresponde a uma proposição do grupo de pesquisa (AVI/CNPq). *Edu(vo)cativo* origina-se da junção de três palavras: educativo, evocativo, cativo. Corresponde, respectivamente ao que ensina, às memórias que evoca e seu caráter de sedução da imagem que cativa e aprisiona.

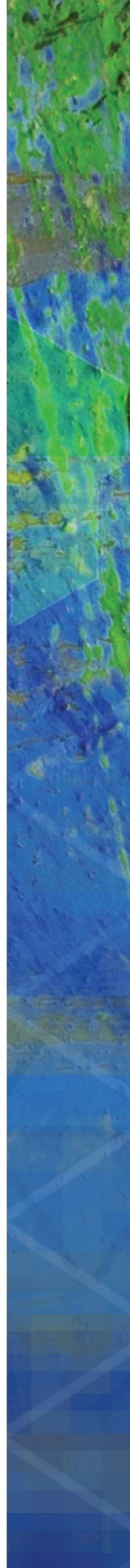
REFERÊNCIAS

- DIAS, Belidson. **O i/mundo da cultura visual**. Brasília Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: uma proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MIRZOEFF, Nicholas. **Introducción a la cultura visual**. Barcelona: Octaedro, 2003.
- MITCHELL, W.J. Thomas. **Teoría de la imagen**. Vol. 5. Ediciones Akal, 2009.
- RESENDE, José. (in) DERDYK, Edith (Org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- STOREY, John. **Teoría cultural y cultura popular**. Barcelona: Octaedro, 2002.
- VAN MANEN, Max. **Investigación educativa y experiencia vivida**. Barcelona: Idea Books, 2003.

Lutiere Dalla Valle

Doutor em Artes Visuais e Educação, ênfase em Cultura Visual, pela Universitat de Barcelona/ES (2012), Mestre em Artes Visuais, Um Enfoque Construcionista, também pela Universitat de Barcelona/ES (2009); Mestre em Educação, Linha Educação e Artes (UFSM, 2008); Especialista em Arte e Visualidade (PPGART, 2006); Licenciado e Bacharel em Artes Visuais – Desenho e Plástica, ambos pela Universidade Federal de Santa Maria (2001). Coordenador do Laboratório Artes Visuais e I/Mediações (<http://lavim.ufsm.br/>) LAVI-M/PPGART).

LINHA DE PESQUISA ARTE E TECNOLOGIA



ARTE CONTEMPORÂNEA E PESQUISA TRANSDISCIPLINAR EM ARTE<>CIÊNCIA<>TECNOLOGIA - LABART 2007 - 2017

Nara Cristina Santos

Breve Histórico e Percurso

O Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART) teve início no ano de 2005, na sala 1228 do CAL/UFSM onde segue ativo. Tem como objetivo o desenvolvimento de projetos na área das Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte, com abertura às Poéticas Visuais, através de atividades de ensino, pesquisa e extensão em diálogo transdisciplinar com a ciência e a tecnologia. Estas atividades compreendem as orientações de estudantes da pós-graduação, como também de iniciação científica na graduação, as reuniões do grupo de pesquisa, as participações em eventos nacionais e internacionais, a organização de simpósios, fóruns, exposições e festivais. Entre os resultados gerados pelos integrantes do LABART, estão publicações de relatórios, artigos, capítulos de livros, livros, catálogos; monografias, dissertações e teses; projetos curatoriais e expográficos; produção artística.

O LABART surgiu da necessidade de reunir em um espaço físico pesquisadores, professores e estudantes do Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq também iniciado em 2005, liderado pela professora Prof.^ª Dr.^ª Nara Cristina Santos, também coordenadora do laboratório. Este laboratório acompanhou o início do Curso de Especialização Arte e Visualidade (2005-2006), a implantação do PPGART/Mestrado em Artes Visuais (2007-) e tem, em mais de uma década de existência, trabalhado tanto para a consolidação da pós-graduação na UFSM quanto para sua divulgação no Brasil e exterior. Através do GP Arte e Tecnologia, mantém

parceria com pesquisadores de Programas de Pós-graduação de diferentes IES do país, como UNIFRA, UFRGS, UDESC, UNESP, USP, UFRJ e UNB. Embora já tenha mantido parceria em 2007 com Paris 8/França, o laboratório efetiva convênio com outros países visando a internacionalização: em 2015, com Universidade de Aveiro/Portugal, e em 2016 com Universidad Tres de Febrero/Argentina e Universidade de Caldas/Colômbia. Neste percurso, o LABART também abriu espaço para algumas parcerias internas na UFSM, com pesquisadores de outros PPGs, como o de Bioquímica, de Educação para a Ciência e o de Informática, as quais têm propiciado o desenvolvimento de investigações pautadas na transdisciplinaridade.

Até 2017, passaram pelo laboratório mais de 50 estudantes de graduação, entre bolsistas, participantes e colaboradores, 4 alunos de especialização, 17 alunos de mestrado, dos quais 4 são mestrandos e 13 são mestres (nos 10 anos do PPGART/UFSM). Neste ano de 2017, a equipe atuante no laboratório é formada por 16 integrantes: professoras Juliana Vizotto, Maria Rosa Chitolina Schetinger, Darci Raquel Fonseca e Nara Cristina Santos, coordenadora; doutorando Carlos Donaduzzi; mestres Andrea Capssa e Manoela Vares; mestrandos Cristina Landerdhal Dalla Costa, Rittieli D'Avila Quiatto, Raul Dotto Rosa, Walesca Timmen Santos; graduandos Dieina Marin, Pablo Rodrigues, Laryssa Machado; bacharel Fernanda Pizzutti Codinotti e jornalista Natascha Carvalho.

As atividades dos 10 primeiros anos do laboratório 2005-2015 foram organizadas em uma coletânea no e-book LABART: pesquisas em arte, ciência e tecnologia (ISBN 978-85-8384-016-9), que reúne artigos dos 10 primeiros mestres atuantes no LABART.



LABART no PPGART/UFSM: orientações de mestrado

Das 13 orientações concluídas até 2017, a maioria dos orientandos de pós-graduação foi bolsista CAPES e boa parte, enquanto graduandos, foi bolsista de IC (iniciação científica) pelo CNPq, FAPERGS ou FIPE e FIEX/UFSM, o que demonstra sequência na atividade de pesquisa, incluindo a extensão.

Foram 9 orientações realizadas em História, Teoria e Crítica:

- Andrea Aparecida Capssa de Lima da Silveira (Bolsista CAPES 2014-2016; bolsista IC FIEX 2013), “Considerações sobre as galerias virtuais e suas relações com o mercado de arte” (2016). Resultou em publicação a partir da dissertação.



- Giovanna Graziosi Casimiro (Bolsista CAPES 2014-2016; bolsista IC FAPERGS 2011-2012), “Realidade mista e meio expositivo na Arte Contemporânea: insitu<>influxu” (2016). Resultou em publicação a partir da dissertação.

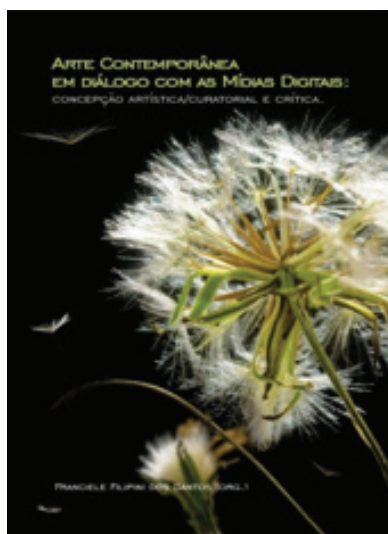
- Valeria Boelter (Bolsista CAPES 2014-2016), “Expografia na contemporaneidade: propostas em arte e tecnologia digital” (2016).

- Manoela Freitas Vares (Bolsista CAPES 2011-2013; bolsista IC FAPERGS 2009-2010), “Ciborgue: uma concepção do corpo na Arte Contemporânea”. (2013).

- Débora Aita Gasparetto (Bolsista CAPES 2010-2012), “Arte digital e circuito expositivo: um “curto em torno do FILE” (2012). Resultou em publicação a partir da dissertação.



- Henrique Telles Neto (Bolsista CAPES 2010-2012; bolsista IC CNPq 2008-2009), “Interdisciplinaridade em arte, ciência e tecnologia: SCIARTS” (2012).
- Greice Antolini Silveira (Bolsista CAPES 2009-2011; bolsista IC CNPq 2006-2008) “Imersão: sensação redimensionada pelas tecnologias digitais na Arte Contemporânea” (2011).
- Fabiane Sartoretto Pavin (Bolsista CAPES 2008-2010; bolsista IC FINEP 2005-2007), “Processo híbridos na poética de Sandra Rey: um estudo a partir de ‘Soft dreams’ e ‘Desdobramentos da paisagem’” (2010).



- Franciele Filipini dos Santos (Bolsista CAPES 2007-2009), “O ciberespaço e o ambiente virtual da Bienal do Mercosul: possível espaço de criação/exposição” (2009). Resultou em publicação a partir da dissertação.

E 4 orientações realizadas em Poéticas Visuais:

- Carlos Alberto Donaduzzi (Bolsista CAPES 2012-2014; bolsista IC CNPq 2009-2010), “Fotografia submersa: cenas cotidianas ficcionais” (2014).



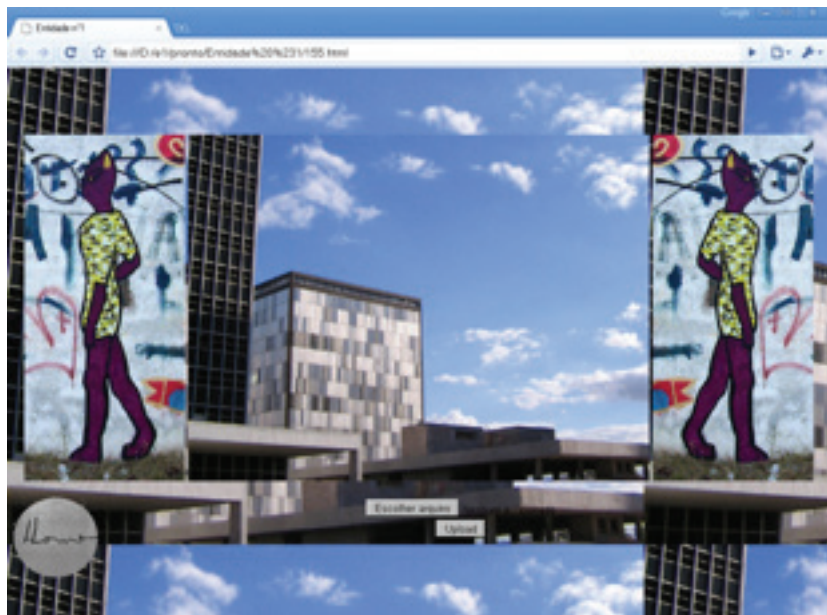
- Anelise Vieira dos Santos Witt (Bolsista CAPES 2011-2013; bolsista IC CNPq 2010-2011), “Gamearte: subversão e diversão na Arte Contemporânea” (2013).



- Fernando Franco Codevilla (Bolsista CAPES 2009-2011), “Video-performance: processos com o audiovisual em tempo real” (2011).



- Cláudia Loch (Bolsista CAPES 2008-2010), “No labirinto da urbis ao ciberespaço: uma poética digital” (2010).



São 2 orientações em andamento em História, Teoria e Crítica:

- Cristina Landerdhal Dalla Costa, “Arte computacional: preservação e arquivamento na contemporaneidade”. (2017-)

- Rittieli D'Avila Quiatto, "Espaço expositivo na arte contemporânea: da expografia à mediação em arte e tecnologia". (2017-)

E 2 orientações em andamento em Poéticas Visuais:

- Raul Dotto Rosa, "Poética interativa como experiência da presença". (2016-)



- Walesca Timmen Santos, "Vídeo-instalação-interativa: percursos e desdobramentos de universo ficcional". (2016-)



Na continuidade na formação acadêmica e atuação profissional, dos 13 mestres integrantes do LABART, que defenderam a dissertação no PPGART até 2017, 4 já são doutores: Cláudia Loch (2014) e Franciele Filipini (2015) pela UnB; Fernando Codevilla (2015) pela UNESP e Débora Gasparetto (2016) pela UFRGS; 4 estão em doutoramento: Anelise Witt (UnB), Valéria Boelter (AV-Portugal), Giovanna Casimiro (USP) e Carlos Donaduzzi (UFRGS).

Quanto à atuação, dos 13 mestres, 7 são professores em IES em diferentes regiões do país: SUL - Débora Gasparetto na UFSM/Santa Maria-RS, Fabiane Pavin na UEM/Maringá-PR, Fernando Codevilla na UNIFRA/Santa Maria-RS, Greice Antolini no IFF/Viamão-RS, Henrique Teles Neto na UNOCHAPECÓ/Chapecó-SC e, Manoela Vares que atuou como substituta na FURG/Rio Grande-RS e em 2017 está na UFSM/Santa Maria-RS; SUDESTE - Giovanna Casimiro no SENAC/São Paulo-SP; CENTRO-OESTE - Anelise Witt no IESB/Brasília-DF. Atua em gestão cultural, Andréa Capssa, que é sócia-proprietária da Galeria MOBlanc, Santa Maria-RS; atua como pesquisadora independente, Franciele Filipini que reside em Brasília-DF e como artista, Claudia Loch, que reside no Reino Unido-UK. Os demais estão em doutoramento.

LABART e Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq

O GP está vinculado à área CNPq de Linguística Letras e Arte e sub-área Artes Visuais, é reconhecido pela UFSM e liderado pela Prof.^a Dr.^a Nara Cristina Santos. O grupo de pesquisa deu início às atividades em 2005 e segue na UFSM/CAL, Prédio 40, vinculado ao LABART, sala 1228b, fone (55) 3220-9496, e-mail labart.ufsm@gmail.com, face @labart1228 e site www.ufsm.br/labart.

As pesquisas desenvolvidas em História, Teoria e Crítica da Arte no LABART/UFSM fundamentam-se na concepção de arte como sistema e na produção em arte, ciência e tecnologia para problematizar o campo da arte contemporânea. As investigações desenvolvidas em Poéticas Visuais dialogam, a partir do projeto de cada artista, com as tecnologias e mídias digitais, problematizando práticas e conceitos para pensar a arte conectada com seu tempo. Entre as pesquisas do grupo vinculadas às duas linhas estão: História da Arte no RS: Tecnologia e Mídias Digitais; Artistas Contemporâneos no RS; e, a mais recente, Museu Arte Ciência e Tecnologia: ações expositivas e estratégias museais.

Entre as linhas de Pesquisa do GP estão:

- Arte Contemporânea: história, teoria e crítica. Esta linha de pesquisa tem como objetivo desenvolver investigações que permeiam a história e a teoria das Artes Visuais, com ênfase na contemporaneidade, entrecruzando diferentes aspectos da arte contemporânea, visando à produção de conhecimento e contribuindo para a formação crítica de pesquisadores. Concentra-se mais especificamente na arte contemporânea e nas tecnologias analógicas e digitais.

- Arte e Tecnologia. Consiste na pesquisa em arte contemporânea vinculada às diferentes tecnologias analógicas e digitais e suas possibilidades de hibridação, como também na mudança de paradigmas perceptivos a partir da interatividade e simulação impostas pela informática, através do processo e/ou da reflexão com uma ênfase crítica, visando à atuação de artistas e teóricos no contexto atual.

A produção Intelectual, Artística e Técnica (2005-2017) está vinculada aos principais eventos e às respectivas publicações de artigos: #ART (Encontro Internacional de Arte e Tecnologia); ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas); ANPUH (Associação Nacional de Pesquisadores em História); CBHA (Congresso Brasileiro de História da Arte); ISEA (Simpósio Internacional de Arte Eletrônica); e SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).

E a organização e realização de eventos, exposições e publicações decorrentes: Simpósio de Arte Contemporânea (todas as 12 edições com promoção do PPGART); FACTORS (Festival de Arte, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, todas as 4 edições de 2014-2017); MACT (Museu Arte-Ciência-Tecnologia, todas as 4 ações 2011, 2013, 2016 e 2017); Fórum Arte Cinema e Audiovisual (todas as 5 edições); Exposições Artísticas e Transdisciplinares (anuais de 2007-2013); Ciclos de Palestras (2007-2011); e Exposições Mestres PPGART (2009-2017).

Finalizando

Com este breve histórico e percurso do LABART e das atividades desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq, tem-se um panorama da produção qualitativa e quantitativa em Ensino, Pesquisa e Extensão nas Artes Visuais, área de concentração em Arte

Contemporânea e linha de pesquisa Arte e Tecnologia do PPGART.

O LABART tem contribuído efetivamente para o fortalecimento do Mestrado em Artes Visuais desde seu início em 2007 e para dar visibilidade do que é produzido na universidade. Tanto com a inserção dos egressos em doutoramento em programas de pós-graduação do país e exterior, e já atuando como docentes em IES do Brasil; quanto, com os eventos e exposições realizados pelo laboratório no país, que repercutem nacional e internacionalmente.

Um exemplo é a gestão 2015-2016 da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Visuais), presidida pela professora Nara Cristina Santos neste biênio, em que o LABART atuou de modo conjunto na organização do 24º Encontro da ANPAP na UFSM, em Santa Maria, e no 25º Encontro da ANPAP em parceria com a UFRGS, em Porto Alegre.

Outro é o FACTORS 4.0 que integrou em agosto de 2017 a BIENALSUR, colocando a UFSM no mapa deste evento internacional. Com curadoria conjunta UFSM e UNTREF, o Festival em Santa Maria assim como a exposição *Natureza Viva* em Buenos Aires, também no marco da BIENALSUR, reuniram artistas nacionais e estrangeiros importantes na área de arte, ciência e tecnologia.

Nestes 12 anos de existência, as palavras parceria, dedicação e responsabilidade fizeram e fazem parte das atividades do laboratório como espaço de formação qualificada e compromisso acadêmico com a área das Artes Visuais.

Nara Cristina Santos

Pós-doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado sanduíche na Paris VIII (França). Desde 1993 é professora do Departamento de Artes Visuais/UFSM, onde atua na Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGART e nos Cursos de Graduação Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais. Pesquisadora na área de Artes Visuais, em História, Teoria e Crítica com projetos transdisciplinares em arte-ciência-tecnologia. Coordena o Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART) e lidera o grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/UFSM-CNPq. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA). Presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) biênio 2015-2016.

ARTE E TECNOLOGIA EM PRODUÇÕES SINGULARES: AÇÕES E MEMÓRIAS EM GRUPO

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Arte e tecnologia na geração de produções poéticas

Dos experimentos iniciais com a arte computacional nos anos 1960, aos primeiros softwares gráficos dos anos 1980, chegando à exploração do correio eletrônico, sites e uso da Internet, a Arte e Tecnologia tem alargado seu campo, diversificando-se em manifestações distintas. Das mídias eletrônicas e massivas ao incremento dos sistemas informatizados, bem como um sem número de “revoluções” recentes, tais meios oferecem aos artistas possibilidades ímpares em recursos e ferramentas. Neste contexto, de acordo com Wolf Lieser (2010), em detrimento à posição de destaque mantida por meios tradicionais como a pintura, não há como dimensionar o futuro da produção artística sem levar em conta o impacto da arte digital, instaurada a partir da consolidação do computador como ferramenta de produção imagética, por meio de uma computação acessível em sistemas operacionais de interfaces amigáveis e softwares gráficos intuitivos.

Todavia, em se tratando de tais tecnologias, como refere Arlindo Machado (2007, p. 13), “a perspectiva artística é a mais desviante de todas, uma vez que se afasta (...) do projeto tecnológico originalmente imprimido às máquinas (...) que equivale a uma completa reinvenção das mesmas”. O autor ressalta, nesta perspectiva, o papel criador do artista, citando exemplos como Nan June Paik, Frederic Fontenoy e William Gibson¹, entre outros, que buscaram,

¹ Nan June Paik que, com imãs, desvia o fluxo de elétrons em uma TV para “corroer a lógica figurativa de suas imagens”; Frederic Fontenoy, que modifica o obturador de uma câmera fotográfica para obter um “processo de desintegração das figuras resultante da anotação do tempo”; William Gibson, em um romance digital, cujo texto “se embaralha e se destrói graças a um vírus de computador capaz de detonar os conflitos de memória do aparelho” (MACHADO, 2007, p.13-14).

justamente, ultrapassar os limites estabelecidos para os aparatos técnicos, subvertendo-os. Sendo assim, emergindo por meio de um percurso restrito, baseado na produção imagética de grafismos e representações simuladas, a arte tecnológica alcança a manipulação de variáveis diversas, via integração de aparatos, dispositivos e sensores, podendo estabelecer e constituir fluxos e redes que evidenciam interações diversas e a projeção do individual no coletivo. Das criações experimentais às manipulações programadas, as produções em Arte e Tecnologia ampliam-se, incluindo a colaboração e a autoria compartilhada, bem como as interações via rede, misturando-se à vida e fazendo de tela qualquer superfície. Uma trajetória que acompanha desafios do tempo atual, destacando a heterogeneidade e a pluralidade, seja do que permanece como memória/registro, como daquilo que não se fixa, mas flui e se esvai, imaterial e impermanente.

Nesta perspectiva, o artigo aborda questões implicadas em produções de integrantes do Grupo de Pesquisa Arte e Design, vinculado à Linha Arte e Tecnologia/PPGART-UFSM, traçando um panorama geral, inventariando e memorando uma década de pesquisas e manifestações artísticas neste âmbito.

GAD: Um grupo em distintas investigações

O GAD (Grupo de Pesquisa Arte e Design) iniciou suas atividades em 2005 junto às Especializações Arte e Visualidade e Design de Superfície do Centro de Artes e Letras da UFSM. Com a abertura do Mestrado em Artes Visuais em 2007, vincula-se a este PPG. Além da produção científica relacionada à pós-graduação, desenvolve projetos de pesquisa e ações de extensão junto ao LAD/UFSM (Laboratório de Pesquisa Arte e Design) e Laboratório de Design de Superfície e Estamparia da Graduação em Artes Visuais. Reúne pesquisadores docentes de dentro e fora da instituição e do país, acadêmicos de graduação, especialização e mestrado, bem como profissionais, diretamente ligados às áreas de atuação do Grupo e pesquisadores colaboradores externos.

Como prática do Grupo, anualmente são promovidos eventos e mostras, congregando debates e fazeres vinculados aos objetivos propostos. Em 2015, o Grupo completou dez anos, realizando eventos e três mostras comemorativas no âmbito da instituição, no Museu de Arte de Santa Maria (MASM) e na região.

Destacam-se, neste período de dez anos do PPGART, participações coletivas internacionais do Grupo em mostras artísticas: uma ocorrida na Itália, em Florença, em 2012, por convite, e outra, em Portugal em 2013, por edital. Ao longo deste percurso, registra-se a realização de 27 (vinte e sete) mostras artísticas, ações e intervenções em diferentes locais, incluindo, além das mostras locais em espaço institucionalizados, mostras na região e internacionais.

O Grupo tem como foco de investigação os processos híbridos nas artes visuais e no design, tendo como diretriz o entrecruzamento de campos, meios, linguagens, processos, no âmbito das poéticas visuais na Arte Contemporânea e de manifestações em Arte e Tecnologia. Neste sentido, alguns projetos viabilizados pelo Grupo no percurso de uma década do Mestrado em Artes Visuais envolveram questões relativas às hibridações entre Arte e Design, às manifestações artísticas híbridas, aos processos híbridos nas Artes Visuais, entre outros. As pesquisas dos integrantes têm sido apresentadas, desde 2007, em eventos reconhecidos da área, tais como: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (promovido pela ANPAP/Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), #ART/Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (promovido por grupos de pesquisa da UNB e UFG), *International Conference on Digital Arts* (promovido pela ARTECH/Associação Internacional de Arte Computacional), Encontro Internacional da Sociedade Ibero-americana de Gráfica Digital (promovido pela SIGRADI/ Sociedade Ibero-americana de Gráfica Digital), bem como seminários de pesquisa de pós-graduação em diferentes instituições de ensino superior em todo país. Incluem-se também alguns eventos específicos da área de Design como o P&D Design (Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design) e o *Encuentro Latinoamericano de Diseño* (promovido pela Universidade de Palermo em Buenos Aires).

Atualmente integram o Grupo: doutores (02), doutorandos (05) mestres (10), mestrandos (05), especialistas (03), em formação de especialização (02), graduados (03), graduandos (03). Desde sua criação o Grupo de Pesquisa Arte e Design consolidou a formação de 14 (quatorze) especialistas, 12 (doze) mestres, além de iniciações científicas (PIBIC-CNPq, PROBIC-FAPERGS, PIBIT, FIPE-UFSM, FIEX-UFSM, FIT-UFSM, entre outros) com estudantes de graduação.

Pesquisas no percurso de uma década

Do traço ao espaço: perspectivas singulares redimensionadas

Na perspectiva de uma visão inicial, tal como demandou a produção em Arte e Tecnologia em seu início, listam-se aqui produções com foco na imagem impressa e suas interações posteriores, após manipulação e edição digital. As investigações de Luciana, Odete, Marianna, Luise e Ceila, afora particularidades, têm em comum a inter-relação entre desenho, imagem, fotografia e saídas em impressão, projeção ou animação, indo do traço ou registro primordial ao espaço de uma instalação.

Integrando a primeira turma de mestrandos vinculada ao GAD, com ingresso em 2008, Luciana Azambuja Alcântara parte do desenho analógico e investiga sua transposição no âmbito digital, revelando universos do micro ao macro. Pequenos frames, em minúsculas janelas de monóculos, confrontam-se com imagens trazidas do desenho matriz (original, 3D). Tais grafismos são transformados por meio de impressão transparente sobre vinil, em um conjunto de imagens que se somam, sucessivamente. A instalação ocupa o espaço expositivo através de planos translúcidos sobrepostos visualmente, em dimensões ampliadas do original. Na pesquisa intitulada “Entre [linhas] de uma poética: o desenho imagem como uma dinâmica de diálogos e passagens”, como refere em seu resumo:

(...) os jogos combinatórios de imagens por meios digitais e analógicos (...) partem de desenhos de características lineares, construídos manualmente pela modelagem em arame onde o processo se efetiva na passagem entre a tridimensionalidade e a bidimensionalidade, gerando possibilidades de criação e um novo modo de ver o objeto, agora denominado desenho-imagem (...) constroem-se limites ou falsos-limites através da linha, tensionando e desenhando, a cada montagem, novos territórios, fragmentos de um todo, em possibilidades de criação e repetição. Nessa prática, os [entre]cruzamentos lineares geram hibridações, misturas de linguagens, materiais e ações por entre as imagens (ALCÂNTARA, 2010, p. 7).

Por sua vez, com a investigação “Pele imagética: fronteiras híbridas em arte e tecnologia”, Marianna Elizabeth Stumpp propõe a criação de objetos híbridos através da projeção de imagens digitais sobre superfícies. As imagens, que revelam resíduos urbanos (lixo), foram captadas e tratadas em softwares gráficos, sendo misturadas à superfície de couro animal, que se apresenta irregular, orgânica e suspensa no ambiente da

instalação, remetendo à vida ali anteriormente existente. O estudo abarca as tensões geradas entre imagem-suporte, que atuam como fronteiras ao sobrepor, formando um terceiro elemento, híbrido, como diz: “dissolvendo especificidades e instalando tensões e contaminações tendo em vista a disparidade dos elementos físico (natural) e imagético” (STUMPP, 2012, p. 6).

Na pesquisa de Luise Dolinski Aranha, a questão inicial é: “De que modo pensar o corpo como território em uma produção poética no contexto da arte contemporânea com foco em Arte e Tecnologia?” (ARANHA, 2015, p. 7). Intitulada “Corpo-território cambiante e processos híbridos no contexto da arte contemporânea”, parte da fotografia (de seu próprio corpo), que se estabelece via manipulações digitais, resultando em um conjunto híbrido (imagens impressas/projetadas) no qual o corpo é elemento central, transvestido de “peles que o camuflam, assim como o protegem, envolvem-no, constroem-no e, ao mesmo tempo, desconstroem, refazendo-o em um processo de nascimento e morte” (*op. cit.*). Luise propõe pensar o “corpo como território, como um lugar de potência intensiva, movido por uma complexidade de forças cambiantes que efetuam dobras e redobras de peles sobre o plano das sensações, emoções, sentimentos e desejos” (*op. cit.*).

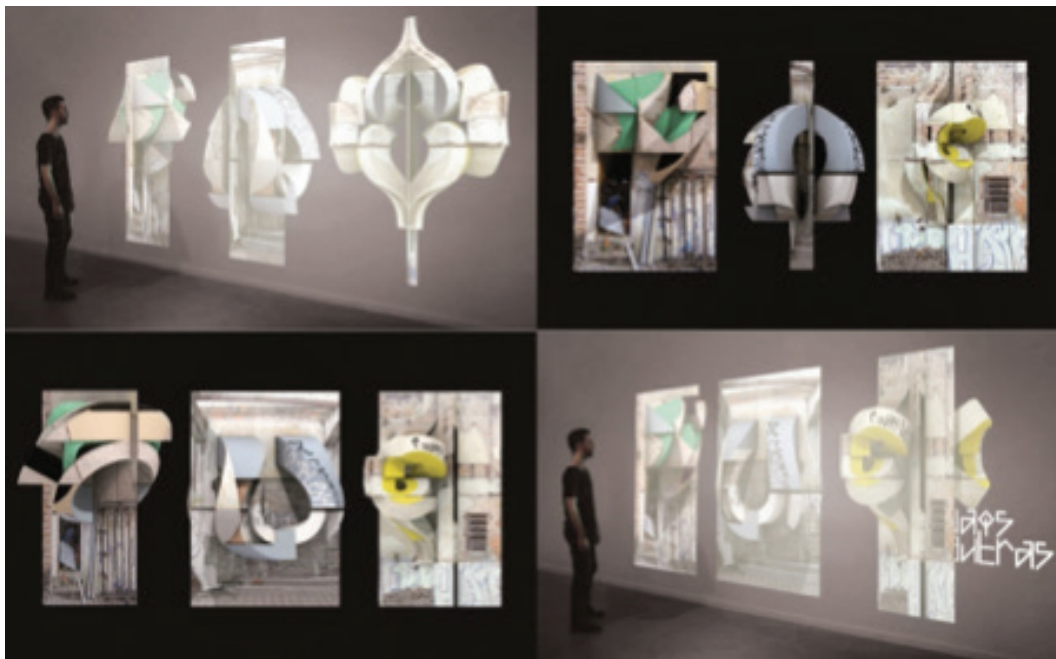


Figura 1 – Produção Poética de Elias Maroso, 2013-2015.
Fonte: MAROSO, 2014.

Relacionando, em sua investigação poética, a linguagem cerâmica, a fotografia e o vídeo, Odete Angelina Calderan busca estabelecer novas relações de sentido neste diálogo, sugerindo a associação de recursos digitais (projeção de imagens) a objetos materiais, físicos (peças cerâmicas), como “agentes de experimentação entre as linguagens, materiais, técnicas e como suporte de possibilidades híbridas” (CALDERAN, 2011, p. 7), na pesquisa intitulada “Objeto-imagem: [entre]meios de uma poética”. O resultado constituiu uma instalação que reuniu esferas cerâmicas produzidas pela autora, de diversas dimensões e configurações superficiais, sobre as quais incidiam projeções de imagens.

Com o título “A Imagem em Movimento na Cineinstalação: Poética em Arte e Tecnologia”, a pesquisa de Ceila Terezinha Bitencourt de Bittencourt adentra o universo da animação, abordando a relação do espectador com a imagem em movimento por meio da criação de fragmentos de histórias ficcionais, capazes de potencializar o imaginário. A referência foi a obra literária “A Fantástica Fábrica de Chocolate” de Roald Dahl, para a qual os personagens receberam versão pessoal através do desenho manual/analógico, posteriormente digitalizado e manipulado. Isso resultou em animações analógicas e digitais desenvolvidas sob o princípio da montagem cinematográfica e apresentadas na forma de uma cineinstalação.

Circuitos e interações: do sujeito ao coletivo participativo

Após um incremento inicial fundamentado no desenvolvimento da informática e seu impacto na produção imagética e nas visualidades artísticas, as abordagens posteriores na produção em Arte e Tecnologia voltam-se a uma perspectiva de maior participação, interação e interatividade, incluindo cada vez mais o espectador como sujeito ativo e mesmo co-autor das propostas. No contexto das pesquisas do GAD, registram-se as produções centradas nas abordagens colaborativas, no coletivo, no espaço urbano e nas interações daí advindas. Pontuam-se, assim, os trabalhos de Carolina, Elias, Mariana e Graça, que apresentam tais desafios, ampliando seu olhar para além da sala expositiva, na rua ou locais específicos da cidade.

Denominada “Cultmap: Cartografias Artísticas Urbanas”, a pesquisa de Carolina Reichert Andres utilizou tecnologias de georeferenciamento para inventariar e mapear manifestações de arte urbana em Santa Maria, RS, disponibilizando as informações em uma Web Art (www.cultmap).

com.br), além de fanpage na rede social Facebook. Relativo à pesquisa empreendida, conforme menciona a autora:

Nascida das superfícies analisadas da cidade de Santa Maria, RS, valida-se em trajetos cotidianos pelas vias públicas, juntamente ao pensamento de culto aos locais de arte urbana (...) estabelece ligações entre arte urbana - grafitti, sticker e stencil - à geografia aparelhada. Abrange a apropriação das intervenções artísticas urbanas existentes na cidade por meio de uma catalogografia visual georreferenciada dos lugares das manifestações (ANDRES, 2013, p. 6).

Carolina dialoga com conhecimentos e processos de outras áreas, explorando métodos geotecnológicos na aquisição de informações geográficas com uso de GPS (Sistema de Posicionamento Global), SIG (Sistema de Informação Geográfica) e Sensoriamento Remoto, os quais colaboram para a artista “tagear” os pontos de interesse da pesquisa. A *Web Art* resultante faz a divulgação dos dados captados e contribui na recuperação de manifestações que, com o tempo, pela efemeridade e características da arte urbana, alteram-se, perdem-se ou se transformam em outras.

Na mesma direção, pensando o contexto urbano e as possíveis inserções artísticas, Elias Edmundo Maroso desenvolve sua investigação refletindo a partir de um conjunto de ações e intervenções urbanas, envolvendo objetos analógicos e recursos digitais, em um direcionamento procedimental de *site specific*. Com a denominação “Contágios poéticos no espaço: por ações no contexto urbano”, a realização das propostas artísticas envolveu, no dizer do autor, “o método cartográfico e os princípios da *poiética* a partir de um trajeto que perpassa apontamentos filosóficos sobre o diagrama, o encontro e a combinação” (MAROSO, 2014, p. 7). As ações incluem, em sua execução, o registro fotográfico, o objeto construído em aplicativos gráficos digitais, bem como sua materialização e instalação na arquitetura da cidade. Neste conjunto, Elias realiza oito proposições em arte, em distintos recursos técnicos e configurações propositivas, “(...) ancorados por aportes e referenciais que tomam como problemas o uso ético-estético da linguagem, o atravessamento de lugares diversos e a arte implicada no âmbito sócio-político” (*op. cit.*).

Por sua vez, com a pesquisa intitulada “Ações artísticas públicas: superfícies urbanas em aderência híbrida”, Mariana Binato de Souza volta-se à realização de intervenções urbanas, a partir do território e

de elementos de cidades interioranas. A autora “busca aproximar a arte pública e urbana das comunidades do interior, locais que ficam, em muitos momentos, à margem das manifestações artísticas contemporâneas, usualmente concentradas nos maiores centros urbanos” (SOUZA, 2016, p. 10). As ações são realizadas de forma coletiva e colaborativa com o grupo envolvido, pretendendo “que os processos experienciados instiguem novos modos de subjetivação do indivíduo em sua relação com a arte no contexto atual” (*op. cit.*).

Igualmente focando sobre o espaço urbano e a memória das cidades, Maria das Graças Garcia Poll realiza uma instalação *in situ*, caracterizada por seu caráter efêmero, ou seja, apresentada de forma temporária e vinculada a um lugar/local específico e único, parte do conjunto arquitetônico da antiga Estação Férrea de Santa Maria (Gare). A pesquisa, intitulada “Multiterritórios e entrecruzamentos híbridos em uma experiência artística *in situ*”, envolveu:

(...) a questão da multiterritorialidade a partir do entrecruzamento de espaços singulares (...) em meios analógicos e digitais, gerando a reconfiguração de outros espaços, híbridos, que nascem dos fluxos e encontros a partir de práticas artísticas diversas (POLL, 2015, p. 4).

Graça teve como ponto de partida suas vivências no local, com base em uma experiência anterior em coletivo artístico (Atelier da Estação), cujo direcionamento remetia à produção em arte e à ocupação de espaços não institucionalizados na cidade, experienciada pela autora por longo período. Poeticamente, recupera memórias e vivências pessoais e coletivas nesta trajetória, vinculando-as ao ambiente cultural da cidade e sua história, para gerar novas percepções daquele espaço, através das ações artísticas propostas, que contaram com a participação dos moradores locais e transeuntes.

Fluxos e conexões: papéis reconsiderados e as redes

Cooperar, colaborar, estar junto sem estar fisicamente presente, conectar-se, interagir. Os desdobramentos das poéticas tecnológicas exploram a potencialidade dos espaços virtuais, os ambientes que possibilitam conexões e trocas sem necessitar a materialidade ou a presença física no mesmo local. Neste âmbito desenvolvem-se a *Software Art*, a *Net Art*, a *Web Art*, a *Game Arte* tantas outras manifestações que pressupõem a

mediação tecnológica via dispositivos, aparatos ou programas específicos, mas não menos intensos ou importantes em sua construção poética. Para tal, relacionam-se algumas pesquisas dos integrantes do GAD, vinculadas às redes sociais, aos espaços virtuais de interação, propiciando a colaboração online ou uso de softwares específicos. As investigações de Rogério, Paulo Vítor e Cíntia, com características singulares, compartilham dessas diretivas.

Participando da primeira turma do GAD com Mestrado defendido em 2010, Rogério Tubias Schraiber desenvolveu a pesquisa “Poética digital: criação colaborativa no fluxo comunicacional”, incluindo efetivamente a participação coletiva, de forma colaborativa na produção de sua poética, através de espaços de interação via redes de contatos no Orkut. Conforme o autor:

(...) as ações criativas tiveram como espaço de desenvolvimento o seu próprio fluxo comunicacional. A escolha do referido espaço se justifica pela significativa relevância que os meios de comunicação digital passam a ocupar cada vez mais na vida dos sujeitos. Para tanto, buscou-se investigar um processo de criação colaborativo cujo desenvolvimento dependesse das interferências e sugestões do próprio público virtual. A proposta consistiu em realizar manipulações em imagens de conteúdo religioso, sexual e em cenas de lutas corporais, criando outras composições com a combinação de fragmentos dessas. São temas presentes na vida cotidiana, muitas vezes banalizados pelo excesso de exibição. Essa condição foi explorada no processo poético pelos colaboradores de modo que as composições digitais resultantes despertaram novas possibilidades de leituras sobre seus conteúdos (SCHRAIBER, 2010, p. iv)

Como forma de apresentação e distribuição, os resultados imagéticos obtidos na proposta poética de Rogério permaneceram na rede Orkut para visualização e também foram impressos e projetados em espaços convencionais de exposição.

Sob o título “Tornando visíveis as ‘cidades invisíveis’: uma poética em arte e tecnologia no *Minecraft*”, Paulo Vítor Silveira dos Santos investiga a potencialidade do game Minecraft como suporte artístico, referenciando o jogo como um processo estético, cultural, como arte. A poética teve como instaurador a obra literária ‘Cidades Invisíveis’ de Ítalo Calvino, gerando as proposições práticas por meio da narrativa (cidades descritas na obra),

em uma série de produções em Game Art denominadas, homonimamente ‘Cidades Invisíveis’, abertas à colaboração e participação ativa do espectador.

Por sua vez, Cíntia Medianeira Bitencourt de Lima, com a pesquisa “Ficções e suas incursões entre a vida e a arte: uma produção em arte e tecnologia” aborda as fronteiras entre real e ficção na arte. Para tal, cria uma persona e seus factoides, legitimando-a por meio da performance e da *fotoperformance*, através da qual busca estabelecer relações entre os interatores com a obra em processo. Isto se dá pela veiculação de ações da persona nas redes sociais, sendo o público convidado a interagir.

Desdobramentos e perspectivas de pesquisa

Todo o percurso do Grupo de Pesquisa Arte e Design junto ao Mestrado em Artes Visuais da UFSM, iniciado na Turma de 2008 (dois orientandos) até a Turma que defendeu em 2017 (três orientandos), bem como os atuantes nesse intervalo e além (dez orientandos, mais uma co-orientanda), compõem um conjunto diverso e nem por isso menos coeso. Desse grupo, já qualificados, têm-se os projetos de Wagner (Calixto Bento²), bem como de Camila, co-orientanda. Como perspectivas de qualificação, agregam-se os projetos de Cristiane e de Renato.

Wagner de Souza Antonio (Calixto Bento) com a pesquisa em andamento “Variáveis cronológicas: singularidades e o audiovisual em tempo real” reflete sobre a relação entre interação e recepção no ato de editar uma peça audiovisual em tempo real, pela via do *Live Cinema*, que se dá a partir de variáveis externas captadas da *performance* corporal de colaboradores e/ou espectadores, como parâmetros de configuração e controle na exibição audiovisual. O estudo envolve questões de arte generativa e computacional, recorrendo a estímulos biológicos, fenômenos físicos e redes sociais, no âmbito digital e aplicando ferramentas técnicas, originais ou adaptadas, aproximando-se de conceitos inerentes ao *hacktivismo* e à cultura livre, em experiências que cruzam dados computacionais - obtidos de fontes não numéricas ou quantitativas - para conferir, à superfície imagética, variáveis singulares, na modelagem da malha estética e temporal.

Camila Zappe Pereira (co-orientanda³) com o projeto “Da Fotografia

² Nome artístico utilizado por Wagner de Souza Antonio.

³ Orientada por um ano, devido ao afastamento para pós-doc da orientadora, professora Darci Raquel Fonseca.

à Arte Digital: Percurso pelo Universo Gemológico” busca investigar a incorporação de materiais gemológicos referenciais nas linguagens contemporâneas da arte, reunindo fotografia, colagem e manipulação sonora, para relacionar objetos físicos e arte digital em desdobramentos híbridos, vinculando arte, ciência e tecnologia.

Por sua vez, com pesquisa recém iniciada, Cristiane Ziegler Leal propõe-se a investigar concepções atuais do corpo, em face de padrões estéticos impostos culturalmente, pela via midiática. O projeto, intitulado “Corpos-Objeto: por uma poética híbrida em arte e tecnologia questionando paradigmas de beleza ideal”, pretende discutir o corpo manipulado, fabricado, reconstruído, que se constitui em superfície de inscrição de acontecimentos e espaço experimental de conflitos ao carregar tais padrões sociais.

Renato Kuhn, também com perspectiva de qualificação, aborda as “Redes Sociais e Aplicativos Móveis de Edição de Imagem como Dispositivos na Criação Poética em Artes Visuais”, tendo como diretriz os conceitos e visualidades que rodeiam as identidades digitais, disponíveis nas redes sociais, como abordagem de instauração da poética.

Considerações finais

O contexto das produções artísticas digitais implica em uma relação direta entre arte, ciência e tecnologia, sendo que, primordialmente, constituíram investigações de pesquisadores e profissionais diversos (engenheiros, informatas, entre outros) sobre as possibilidades de uso dos meios informatizados em termos de representação. Muitas dessas produções foram elaboradas como potenciais possibilidades estéticas geradas por computador por matemáticos, e, nem por isso, deixaram de ser expostas em galerias e institutos oficiais. Destes códigos binários, reunindo matemática e informática, tais produções passaram a constituir uma possibilidade importante no campo da produção artística, compondo, desde o início, equipes híbridas em saberes e competências.

Percebe-se, assim, a transformação causada pela computação em muitos setores e como o posterior incremento da microinformática impactou de forma significativa, reorganizando também o sistema artístico, que cedeu lugar a outros atores/criadores, refletindo na recente produção artística e no incremento contínuo da tecnologia nas manifestações contemporâneas.

Neste contexto, percorrer estes espaços singulares das pesquisas desenvolvidas por integrantes do GAD (Grupo de Pesquisa Arte e Design), junto ao Mestrado em Artes Visuais da UFSM, no percurso de uma década, possibilita tomar parte ou agregar-se a esse *corpus* mais amplo da produção poética em Arte e Tecnologia. Trata-se de acompanhar e experienciar uma vertente crescente como possibilidade na arte atual, tendo em vista, sobretudo, que inclui ferramentas e dispositivos implicados na vida cotidiana, já assimilados como extensões do humano em suas manifestações de toda ordem, os quais, de forma potente, cada vez mais, abrem espaço ao artista-pesquisador.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Luciana Azambuja. **Entre [linhas] de uma poética**: o desenho imagem como uma dinâmica de diálogos e passagens. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2010.
- ANDRES, Carolina Reichert. **Cultmap**: cartografias artísticas urbanas. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2013.
- ARANHA, Luise Dolinski. **Corpo-território cambiante e processos híbridos no contexto da arte contemporânea**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2015.
- CALDERAN, Odete Angelina. **Objeto-imagem**: [entre]meios de uma poética. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2011.
- LIESER, Wolf. **Arte Digital**: Novos Caminhos na Arte. Potsdam: h. f. Ullmann, 2010.
- MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAROSO, Elias Edmundo. **Contágios poéticos no espaço:** por ações no contexto urbano. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2014.

POLL, Maria das Graças Garcia. **Multiterritórios e entrecruzamentos híbridos em uma experiência artística *in situ*.** 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2015.

SCHRAIBER, Rogério Tubias. **Poética digital:** criação colaborativa no fluxo comunicacional. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2010.

SOUZA, Mariana Binato de. **Ações artísticas públicas:** superfícies urbanas em aderência híbrida. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2016.

STUMPP, Marianna Elizabeth. **Pele imagética:** fronteiras híbridas em arte e tecnologia. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2012.

Reinilda Minuzzi

Artista visual, pesquisadora e docente no Departamento de Artes Visuais/ UFSM desde 1991. Tem formação de graduação em Artes Visuais e Design, Especialização em Estamparia, Mestrado e Doutorado na área de Design. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Design desde 2005, tendo atuação no Mestrado em Artes Visuais desde 2007. Atualmente Coordenadora Substituta do PPGART-UFSM e Coordenadora da Especialização em Design de Superfície-UFSM.

PPGART, LUGAR DE EXPERIÊNCIA E PENSAMENTO POÉTICO A PARTIR DE UMA REALIZAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Darci Raquel Fonseca

L'art, c'est le plus court chemin de l'homme à l'homme.

André Malraux

PPGART, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes e Letras, com três linhas de pesquisa, **Arte e Cultura, Arte e Tecnologia e Arte e Visualidade é um programa que mais que um diploma, oferece** uma competência profissional aos mestrandos pesquisadores nele inscritos. É certo dizer também que a pesquisa no campo da arte é complexa e exige um trabalho rigoroso que concilie o saber fazer com a reflexão crítico-teórica de maneira exigente capaz de identificar os descompassos possíveis que podem comprometer a coerência do trabalho realizado.

Na criação, o mundo imaginário e as técnicas de realização compõem o específico cenário da pesquisa em poética artística e solicita a inteligência de um espírito crítico que conjugue a prática e a teoria que ela gera. Sabendo-se que as técnicas e tecnologias são instrumentos que auxiliam a criação, estas não devem suplantam a poética que certifica a obra e funda este campo da pesquisa. É válido dizer também que o sucesso de cada mestrando resulta de um desafio que incita o conhecimento, a originalidade do trabalho a ser realizado no enfrentamento das questões específicas a cada sujeito pesquisado. Para tanto, são necessários dispositivos que favoreçam a iniciativa e a autonomia na aprendizagem e na construção da pesquisa como produção de conhecimento intelectual, questões imbuídas do aporte sensível e humano requeridos; equilíbrio

entre essas instâncias, aqui. O professor orientador tem um papel fundamental na condução do trabalho de pesquisa, disponibilizando uma orientação consistente e atividades de experimentação individual e coletiva que inovem e enriqueçam o difícil, mas não menos gratificante encaminhamento da pesquisa. A pesquisa em arte é uma aventura onde a utopia e a realidade, o inteligível e o sensível se cruzam e conduzem a uma *poiésis* singular que o PPGART assegura através de sua vocação estruturada nas artes visuais, mostrando que ele não é um lugar, mas o lugar para realizar e pensar a arte. A contemporaneidade da arte nos dias de hoje anima as pesquisas conduzidas numa relação de confiança e troca de experiências entre técnicos administrativos, professores e alunos pesquisadores. O aluno pesquisador tem ampla liberdade e responsabilidade sobre sua pesquisa, ou seja, o que ele propõe como análise crítica da poética desenvolvida e a pertinência das questões relativas ao sujeito pesquisado no campo da arte atual.

A questão é, no PPGART, de fazer um trabalho, de refletir e de se confrontar com as questões que impõem esta empreitada. Nesse percurso o aluno deve fazer escolhas, correr o risco da perda, eliminar o excesso para que este não suplante a específica maneira de existir através da arte. A arte transforma o mundo, logo transformar através da arte é transformar-se também. Jean Luc Nancy escreve que:

Se o « fazer » muitas vezes nos parece cada vez mais como uma produção de resultado, ele é, não obstante, indissociável de uma transformação incessante que exige sempre refazer ou aperfeiçoar o que ao mesmo tempo desfaz e libera o resultado de sua aparência final. Nós fazemos porque existimos. (NANCY, 2016, p.57)

Neste universo de grandes metamorfoses, o aluno não busca um resultado, mas um caminhar de experiências e de questionamentos que alimentam o processo de criação e devir da obra desejada. Se o trabalho aparenta a uma busca de resultado como ressalta Lancry¹, o que importa mesmo é o questionamento sobre o objeto e tudo que ele envolve e que a arte sustenta.

Portanto, na bagagem do aluno pesquisador devem conter muitas questões envolvendo seu objeto de estudo, pois é questionando que boas resoluções se apresentem. O aluno deve começar perguntando-se:

¹ LANCERY, Jean, Modestes propositions sur les conditions d'une recherche en Arts Plastiques à l'Université , Paris, <http://cerap.univ-paris1.fr/spip.php?article24>

por onde começar e como fazer? Essa é uma maneira de se liberar, se for o caso, do embaraço inicial propulsando-se a um devir possível de pesquisa em poéticas visuais. Não saber é a chance para começar e avançar através da experiência que anima o processo de realização prática através do qual o pensamento crítico é uma consequência exigida. Pesquisar significa buscar o que é desconhecido e, portanto, inovar pela experiência vivida, elegendo acertos e reconhecendo os prováveis tropeços que possam impedir o trabalho de avançar. Seguindo o conselho, que não é novo, mas eficaz, de Jean Lancy², deve-se simplesmente começar a pesquisa pelo meio, partindo de uma prática, de uma vida, de um conhecimento, de uma ignorância. Para esse autor, é do meio dessa ignorância que se deve buscar o que acreditamos ser o melhor para iniciar uma pesquisa em artes. Metodologia que me parece fundamental, pois é fazendo que podemos questionar, pensar e criar condições sensíveis necessárias ao desenvolvimento do pensamento crítico que a pesquisa em artes opera. Todo esse processo necessita do apoio dos professores que, coerentes com suas respectivas linhas de pesquisa, engrandecem o PPGART, e os alunos que saem do mestrado com certeza de um caminho percorrido e portador de inúmeras bifurcações propícias à continuidade dentro ou fora da vida acadêmica.

Em poéticas visuais, grandes mestres como René Passeron, poetas como Paul Valéry e artistas que, desde o final do século dezenove, nos mostram que sem poética não pode haver um pensamento próprio da realização em arte. O fazer artístico gera o pensamento e ao mesmo tempo esclarece as decisões que conduzem ao devir da obra e evita descompassos entre um e outro. Assim, o caminho a ser percorrido é o da experiência através da obra num processo de imersão subsidiado por obras de artistas confirmados e autores que enriquecem a realização assumida pelo aluno pesquisador em artes. Os caminhos e decisões a serem tomadas não devem ser só a expressão de um sentimento mas também a viva expressão de um pensamento crítico que certifica a pesquisa no campo da arte. É certo dizer que esta experiência em arte é profundamente humana e que nela o mundo se revela no seu tempo e, muitas vezes, avança seu porvir. Isso mostra a grande responsabilidade que repousa sobre o artista através do que ele faz e pensa. O artista é um pesquisador nato, um visionário que através da utopia antecipa ou grita a realidade do mundo a exemplo da

² LANCY, Jean, Modestes propositions sur les conditions d'une recherche en Arts Plastiques à l'Université, Paris, <http://cerap.univ-paris1.fr/spip.php?article24>

Guernica de Picasso. Picasso deu forma às atrocidades que certos homens são capazes de produzir mostrando que só a arte diz o que é indizível na forma vernacular.

O PPGART, em consonância com seu tempo, atenção particular dada ao horizonte contemporâneo da arte, suas interrogações e mutações, oferece meios para que seus mestrandos realizem uma criação plástica pessoal seguida de uma elaboração intelectual e crítica. A partir de experiências diversas o Programa de Mestrado em Artes Visuais avança para o futuro onde a Arte existe e, come ele, os alunos se destacam pela capacidade de criação, diante da diversidade de devires que a arte propõe, particularmente em arte e tecnologia no objeto da arte atual. Nesse tempo em que a arte é essencialmente tecnológica, nos deparamos com realizações sensíveis e significativas, pois portadoras de uma viva inteligência. Neste contexto, a pesquisa traz uma imensa contribuição no que tange o entendimento das transformações reais e representadas com as quais convivemos uma vez que a proximidade da arte com a realidade tangível é um fato inegável; elas se encontram, às vezes, se cruzam causando um certo embaraço diante do que é dado a ver ou quando a não arte se torna arte, quando a arte frequenta a vida.

Consciente dos desafios que uma pesquisa impõe, busco contribuir com o Programa de Mestrado enfrentando esses desafios, elaborando estratégias, abordando os paradigmas e mutações no campo das artes visuais nesse tempo tecnológico portador de inovações e questionamentos estéticos profundos. Buscar manter a coerência necessária com a linha de pesquisa Arte e Tecnologia, da qual participo, é uma necessidade que assegura a razão pela qual a pesquisa se realiza. Desde minha entrada no PPGART, soube que o desafio era tão grande quanto a responsabilidade exigida na qualidade de professor-pesquisador deste programa. Sempre me confrontando às questões objetivas e intelectuais, humanas e subjetivas, que tal engajamento supõe, pude encontrar o lugar compatível com a formação adquirida, da faculdade de Artes ao doutorado e deste ao pós-doutorado, na mesma área do conhecimento. A cada passo dado, o PPGART tornou-se uma realidade integrada onde as atividades de pesquisa se concretizam abrindo novas possibilidades de colaboração com os colegas do programa e exterior a ele. Como professora-pesquisadora do PPGART, procuro oferecer um trabalho que desperte a curiosidade, o espírito crítico e inovador do aluno pesquisador, baseando-me na confiança e cumplicidade intelectual. Procuro dar o apoio necessário esclarecendo as

dificuldades próprias deste engajamento, porém respeitando a liberdade de cada um face ao trabalho de pesquisa que realizam. Meu compromisso com o PPGART não é menos significativo e procuro responder às diversas solicitações necessárias à qualidade e progressão do mesmo através de contribuições artísticas e intelectuais.

Fotógrafa e teórica da fotografia, tive a oportunidade de orientar trabalhos exigentes e originais a partir da fotografia nesse curto tempo de integração ao PPGART. Se minha formação me conforta, de certa maneira, ela não exclui os desafios da pesquisa visto a especificidade de cada uma delas, o interesse que elas comportam para os alunos e, conseqüentemente, para o Programa. Acho pertinente mencionar as pesquisas dos alunos que, realizadores, mostraram que o PPGART não é vazio de sua vocação. Portanto, colocar o trabalho dos alunos que orientei nesta contribuição aos dez anos do programa é uma maneira objetiva de mostrar o que se faz no PPGART, de confirmar que sua base ativa é feita também pelos alunos.

Assim, a pesquisa de Luciana Swarovsky usou como ferramenta de criação fotográfica um smartphone. Luciana concluiu a pesquisa apresentando um trabalho rigoroso e representativo em arte e tecnologia. Interrogando a tecnologia digital e os meios de transmissão favorecidos pela Internet a partir da fotografia móvel obtida no decorrer da pesquisa, a poesia deste tipo de fotografia inovou e permitiu questionar a estética como especificidade desse protocolo. Durante a pesquisa intitulada *Instantes cotidianos por uma arte da fotografia móvel na contemporaneidade*, Luciana participou de vários colóquios, entre os quais, a ANPAP no Rio de Janeiro e SIGRAD na Argentina, com artigos onde ela coloca em destaque esse novo fazer fotográfico como processo das artes visuais. Questionando o processo como arte própria de seu tempo, a fotografia móvel foi experimentada e realizada como aventura poética e visual em arte e tecnologia. Inédita, essa pesquisa, abordou profundamente as questões tecnológicas ligadas aos processos de fabricação de imagens na era da comunicação de massa, sem, entretanto, perder a poesia que as artes visuais exigem. Sua prática fotográfica, para mim, iphoneográfica, exemplifica com originalidade a abordagem poética através de um objeto da não-arte deslocado para a esfera da arte com a pertinência que as fotos abaixo nos levam a constatar. O título significativo incita o pensamento e conduz ao sensível, quando o banal é transformado em signos.



Figura 1 e 2 Fotografia móvel, Entre o nada e alguma coisa, Luciana Swarowsky, 2011.

A pesquisa proposta por Rafael Happke sobre o retrato comporta, de início, duas complexidades: o retrato propriamente dito, por ser uma das categorias mais difíceis da fotografia, e a realização prática através de ferramentas de fabricação artesanal. Se a prática prometia inovar a face do retrato, o pensamento crítico só poderia ser compatível com tal procedimento que contrapõe as regras e técnicas da fotografia. O caminho foi fazer os retratos, refazer, pensar as consequências de tal prática e analisar a estética resultante numa pesquisa de artes visuais. Essa pesquisa evoluiu através de estratégias técnicas e poéticas requeridas no retrato fotográfico. Intitulada *Dispositivo e contra-dispositivo na construção poética do retrato*, indica o percurso percorrido pelo aluno-pesquisador. Visando a uma construção poética particular, o uso de uma câmera artesanal de construção caseira serviu de contraponto à tecnologia pré-determinada pela indústria e, ao mesmo tempo, instrumento de construção poética na busca de uma estética diferenciada do retrato. Penso que a área de artes visuais se viu enriquecida com a visão do retrato construída nesta pesquisa. Houve neste percurso o desejo de renovar e refrescar a face do retrato com novas aparências. Essa novidade técnica nos leva a pensar com Paul Valéry que a palavra técnica (habilidade, arte) derivada do grego *tecnê* é sinônimo de arte no sentido do saber fazer. Para Paul Valéry, “a palavra ARTE antes de tudo significa saber fazer, nada mais³. Logo é o procedimento de realização da obra que permite a obtenção voluntária de um resultado determinado. Conclui-se que o protocolo técnico

³ VALÉRY, Paul, *Notions générales de l'art*, Article paru initialement dans le numéro 266 de la Nouvelle Revue française du 1er novembre 1935, pp. 683-693.

usado confrontando dispositivos e contra dispositivos foram determinantes na expectativa de conclusões desejadas na construção poética requerida por Rafael Happke.



Figura 3 Retrato – Rafael Happke, 2013 Fonte: Rafael Happke

Pesquisar é, portanto, operar por desvios que levam a resoluções, às vezes inesperadas, outras satisfatórias no âmbito do livre exercício experimental através do qual o inédito se produz. É nesse processo, onde a articulação da prática em arte com o pensamento aí gerado, que as pesquisas realizadas balizam a especificidade do PPGART que, nestes dez anos, defendeu a pesquisa em arte e, particularmente, a arte atual, dita contemporânea. Cada sujeito trabalhado por nossos alunos do PPGART teve ter um único objetivo: a Arte. Não podemos nos distanciar deste objetivo, sobretudo quando há confluências e que as fronteiras nos parecem permeáveis. Bruna Berger com sua pesquisa, *Arte e publicidade: convergências*, aborda a difícil confrontação da arte com a publicidade; dois campos distintos que, no entanto, se esbarram e se a convergência é inevitável, a arte se impõe. Nesta pesquisa, trabalhos de artistas como Antoni Muntadas, Felix Gonzalez-Torres, Jeff Koons, Vik Muniz, Barbara Kruger, Cindy Sherman, Paulo Bruscky, fundam e esclarecem as convergências possíveis entre a arte e a publicidade. Convergência sem dúvida, complexa e cada vez mais frequente com o uso das novas tecnologias. A apropriação da linguagem

e a exploração dos espaços publicitários por artistas que se servem das brechas deixadas para construção de processos híbridos, hoje é uma realidade que a pesquisa questiona, indica os limites e revela as confluências possíveis. Nesse sentido, a pesquisa apresentada por Bruna provoca o debate sobre a natureza da arte quando a permeabilidade das fronteiras entre arte e publicidade se efetivam. Os trabalhos dos artistas acima citados exemplificam o apoderamento dos espaços públicos de comunicação de massa como lugar de exposição onde o espectador nem sempre compreende o objeto exposto como obra, mas que responde ao desejo do artista de manter a dúvida. Com sua pesquisa Bruna abre um precedente para que outros continuem a abordar este sujeito e esclarecer com outras questões a possível convergência entre arte e publicidade. A obra de Felix Gonzalez-Torres *Untitled, Billboard* de 1991 é uma das obras estudadas por Bruna; este artista se serve de um meio de comunicação de massa para a instalação de sua obra, ato que confunde as fronteiras entre a arte e a publicidade como podemos ver abaixo:



Figura 4 – *Untitled*, 1991, *Billboard*, Installation view of Felix Gonzalez-Torres
 Fonte: <https://www.moma.org/artists>

Camila Zappe, com uma pesquisa em andamento, *Da fotografia à Arte digital: percurso pelo Universo gemológico*, busca, a partir de uma imersão no meio gemológico e uso de procedimentos digitais, realizar uma poética que investiga a incorporação dos materiais gemológicos como temática

nas linguagens contemporâneas da arte. O protocolo de realização poética inclui fotografia, colagem, interfaces digitais e manipulação sonora. A gema, como sujeito condutor desta pesquisa, aborda questões geo-físicas, ambientais sem se distanciar das potencialidades poéticas no âmbito da arte e tecnologia. O tema é instigante e o resultado pode ser relevante com a transformação do objeto gemológico em objeto da arte; um trabalho que questiona e torna amplamente visível o universo gemológico, sua beleza e contradições.



Figura 5 – Perspectiva Gemológica
Fonte: Arquivo C. Zappe

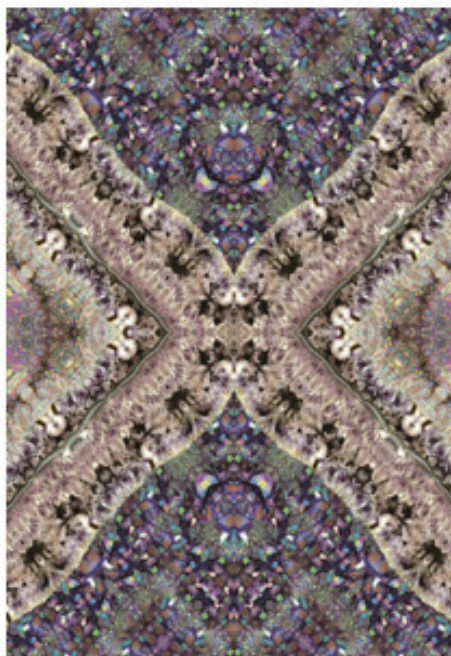


Figura 6 – Colagem digital II
Fonte: Arquivo C. Zappe

Os trabalhos destes mestres e futura mestre aqui apresentados justifica o PPGART como lugar onde a pesquisa em arte progride e inova, propiciando uma real competência aos egressos que, na continuidade, integram o doutorado ou se dirigem à vida profissional, levando com eles uma experiência intensamente vivida.

Como professora-pesquisadora do PPGART, procuro contribuir e zelar pela originalidade dos trabalhos realizados. Contribuição que se estende às atividades de pesquisa e de criação aos alunos de graduação. A docência orientada é um meio efetivo de enriquecimento mútuo dos alunos, como pude constatar.

Como coordenadora do PPGART durante dois anos e seis meses, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos relativos à instituição

e estabelecer relações com colegas de outras universidades, através de fóruns de coordenadores, seminários da CAPES, colóquios e demais atividades organizadas por colegas do programa. Deixei como legado, subsidiada pelos colegas, a criação da Editora PPGART.

Minha colaboração como fotógrafa e teórica da fotografia conta com uma realização artística nacional e internacional permeada de exposições, publicação de livros e artigos, diálogos, colóquios e apresentação de livros. A fotografia é o objeto por excelência da arte atual e essa condição me parece ideal, e me concede um posto privilegiado que permite transitar da fotografia analógica à digital e propor uma análise crítica destes dois protocolos na esfera da arte. Como a fotografia é uma arte eminentemente tecnológica, minha atuação em arte e tecnologia corresponde perfeitamente à minha formação universitária e pós-universitária; formação que engloba a estética e a tecnologia das imagens, hoje tão reivindicadas pelos protagonistas da arte. Neste contexto de realização e pesquisa em arte, meu objetivo é atentar para que não haja descompasso entre a realização prática e pensamento que ela gera. É bom lembrar que o pensamento sai da obra e nunca uma obra resulta de um pensamento. E se a tecnologia nos fornece instrumentos que facilitam a realização, essa condição não basta se desprovida de sentido poético. A pesquisa em arte é exigente; ela solicita a inteligência e o sensível ao mesmo tempo. Devemos estar atentos, uma vez que a pesquisa em arte se repousa numa incessante necessidade de fazer, refazer em busca de uma aparência final, que pode se confundir com uma produção final de resultados. Por isso, termino dizendo com James Joyce que « a arte é a maneira humana de combinar o sensível ou o inteligível numa finalidade estética »⁴, Reiterando, no PPGART essa premissa deve ser requerida e consolidada sempre.

REFERÊNCIAS

JOYCE, James - <http://dicocitations.lemonde.fr/citation-art.php>

LANCRY, Jean, **Modestes propositions sur les conditions d'une recherche en Arts Plastiques à l'Université**, Paris I. <http://cerap.univ-paris1.fr/spip.php?article24>

NANCY, Jean-Luc, **Que faire?**, Paris Galilée, 2016.

Malraux., André. <https://www.etudes-litteraires.com/malraux-voie-royale.php>

VALERY, Paul, Notions générales de l'art, Article paru initialement dans le numéro 266 de **la Nouvelle Revue française** du 1er novembre, 1935.

Raquel Fonseca

Tem pós doutorado na Universidade de Paris 8. É fotógrafa, doutora em Esthética, Ciências e Tecnologia das Artes, especializada em Artes Plásticas-Fotografia, Universidade de Paris 8, sob a orientação do Prof. François Soulages. Mestrado em Teoria e prática fotográfica na Universidade de Paris I-Panthéon-Sorbonne, sob a orientação do Prof. René Passeron, formação universitária em Artes Plásticas e Educação artística, na Fundação Armando Álvares Penteado em São Paulo. Expõe na França, Brasil, Tunísia, tem fotografias publicadas em revistas, livros, jornais, catálogos e cartões postais e a série de fotografias “Les enfants de Kaalat el Andalous, Tunísia, foi adquirida pela Biblioteca Nacional da França. Participou de inúmeros colóquios sobre a imagem e fotografia. Trabalhou como encarregada de missão junto à Presidência da Universidade de Paris 8, para a organização do colóquio “les Assises Internationales du corps transformé” em 2004/05, ano do Brasil na França. É professora de fotografia na graduação em Artes Visuais e professora pesquisadora permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria, RS, Coordenadora do grupo de pesquisa CNPq LabFoto (laboratório de pesquisa em fotografia).

LABINTER: PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Andréia Machado Oliveira

O Laboratório Interdisciplinar Interativo (LabInter)¹, criado em 2012, encontra-se vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria. Está direcionado para produções interativas que envolvem as áreas de Arte, Ciência e Tecnologia e que promovem inovação artística e tecnológica via diálogos interdisciplinares e colaborativos. Objetiva processos que promovam um novo discurso eletrônico, outras maneiras de lidar com a informação e comunicação, novos deslocamentos e descentramentos perceptivos, outros modos de subjetivação em rede a partir de complexidades e multiplicidades.

Ao se constituir como um espaço de pesquisa e criação de projetos interativos, interdisciplinares e colaborativos, o LabInter vem desenvolvendo trabalhos em: gamearte, aplicativos interativos, ambientes imersivos e interativos, realidade aumentada, instalações interativas, propostas em fulldome, telemática e narrativas digitais.

Bases Teóricas

O LabInter tem investigado, teoricamente, questões sobre ambiente/meio associado, imagem técnica, rede, interatividade, colaboração, conectividade, comunidade, comum, em uma visão sistêmica e processual a partir de uma abordagem da Cultura Técnica. Nesta perspectiva, os teóricos que norteiam suas pesquisas são: Baruch Spinoza, Gilbert Simondon, Gilles Deleuze, Vilém Flusser, Roy Ascott, Jean-Luc Nancy, Bruno Latour, Lev Manovich, Antonio Negri e Michael Hardt, entre outros contemporâneos preocupados com os novos paradigmas da Arte, da

¹ <http://labinter.com.br>, <https://www.facebook.com/labinterartec/>, <https://vimeo.com/152284907>

Ciência e da Tecnologia.

A arte e tecnologia surge como um campo inter e transdisciplinar decorrente da dissolução de fronteiras entre disciplinas específicas e do cruzamento das áreas da Arte, da Ciência e da Tecnologia, tanto em nível de procedimentos e conceitos operacionais quanto de produções colaborativas (ASCOTT, 2003; CHOUCHOT, 2003, REY, 2002, OLIVEIRA, 2010). Desde os anos 60, propostas artísticas em arte e tecnologia voltam-se para aspectos de multiplicidade, hibridação, colaboração, ubiquidade, sinestesia e interatividade em propostas artísticas, como: videoarte, instalações interativas, arte telemática, arte robótica, nanoarte, neuroarte, arte locativa, bioarte, dentre outras (PAUL, 2003; RUSH, 2006; SHANKEN, 2009), em diálogo com a contracultura, o movimento feminista, movimentos sociais, *critical studies*, *critical theory* etc. Arte, Ciência e Tecnologia se contaminam com aspectos pertinentes a um cotidiano ampliado e ramificado pelas tecnologias computacionais.

Tais produções se complexificam ao acrescentarem aspectos do humano e do não-humano em suas abordagens, ultrapassando dicotomias entre o indivíduo e a sociedade, o natural e o artificial, o humano e a máquina, o analógico e o digital. Tecem trocas com campos como *animal studies*; hackerativismo, cultura *maker*, *digital humanities*, *software culture*, *critical image science* etc (GRAU, 2011; MANOVICH, 2013). Abordagens sobre cibercidades, telemática, sistemas expandidos, ecossistemas, inteligência artificial, cartografias culturais, redes colaborativas, visualização de dados, internet das coisas etc., invocam outras concepções espaço-temporais e outras formas de ver, sentir, pensar, agir e se relacionar, em processos estéticos interativos e colaborativos.

Portanto, investigam-se relações entre humano e máquina em uma simbiose mais profunda entre o natural e o artificial (GIANNETTI, 2002); arte e natureza formando um *continuous sensorium* (LATOURE, 2006). Busca-se na Cultura Técnica a natureza das máquinas e suas operações técnicas (SIMONDON, 2015; FLUSSER, 2002), uma vez que o que se define por natureza humana já parte de um sistema tecnológico. Não se trata da técnica como ferramenta, mas como ato (SIMONDON, 2015), como o novo motor da cultura (MANOVICH, 2006, 2013).

Dentro deste contexto, com ênfase na imagética das propostas colaborativas, busca-se pensar a tecnologia como um disparador de potencialidades à própria experiência imagética. A imagem aporta forças

que habitam a própria experiência (NANCY, 2005). Propõe-se que a imagem somente ocorre dentro de uma cadeia associativa que integra realidades multifacetadas, híbridas e tecnológicas (OLIVEIRA, 2015).

Entende-se a imagem como uma realidade intermediária entre indivíduos e meios, associada dentro de uma diversidade tecnológica evolutiva que se concretiza em cada objeto tecno-estético (SIMONDON, 2013). Faz-se necessário considerar a gramática da interação de um ambiente interativo em rede (SIMANOWSKI, 2011). Nessas relações entre imagem, meio, indivíduo e interatividade, enfatiza-se a pertinência de pesquisas sobre a produção de ambientes interativos em rede que apóiem problematizações contemporâneas vinculadas às práticas de colaboração.

Bases Metodológicas

A metodologia que norteia o LabInter consiste nas inter-relações entre aspectos teóricos e práticos da pesquisa, uma vez que a metodologia de pesquisa em artes visuais implica na conjunção de problematizações teóricas e experimentações poéticas, já que “toda obra contém em si mesma a sua dimensão teórica” (REY in BRITES e TESSLER, 2002, p. 127). Assim, a metodologia da pesquisa em artes visuais precisa ser considerada em sua dimensão processual e sistêmica, sem preceitos definidos a priori a serem seguidos, já que o processo criativo e suas problematizações conduzem a pesquisa. Considera-se, também, o aspecto híbrido da pesquisa, como comenta Rey:

a instauração da obra pressupõe, em muitos casos, operações técnicas e teóricas bastante complexas, abrindo margem considerável a cruzamentos e hibridismos tanto de conhecimentos quanto de procedimentos, tecnologias, matérias, materiais e objetos, algumas vezes, inusitados (REY in BRITES e TESSLER, 2002, p. 125).

Ainda, agregam-se abordagens inter e transdisciplinares que questionam como as práticas produzem conhecimento e vice-versa, bem como o que entendemos e legitimamos por conhecimento. Adota-se como referência a metodologia de pesquisa-criação, implementada no *Hexagram-Concordia*, em Montreal, por Lynn Hughes e desenvolvida pelo grupo SenseLab, dentre outros. A coordenadora do SenseLab, Erin Manning (2016) aponta três princípios norteadores da pesquisa-criação: indissociabilidade entre prática e teoria, ou seja, no fazer prático encontramos uma das formas mais

profundas de elaboração do pensamento; investigação sobre como ocorre o processo de criação com foco na trajetória da construção do objeto e não no objeto finalizado; e a validação de outras formas de linguagem além da verbal, incluindo-se as pré-linguagens. “O pensamento não é o que articula a experiência em linguagem, mas é um pensar-no-ato, sendo o pensamento um ato de criatividade que dá qualidade para a experiência e aponta caminhos para a resolução do processo” (Manning, 2016, p. 40).

Os modelos disciplinares correntes, geralmente, trabalham visando categorizações, separações e quantificações. Todavia, esses modos de conhecer não dão conta das qualidades singulares de cada percepção, sobre o que ocorre entre as relações vivenciadas e suas experiências estéticas. Deste modo, aponta-se a necessidade de se indagar quais metodologias são utilizadas nas pesquisas, uma vez que, de acordo com Whitehead, “alguns dos maiores disparates da humanidade têm sido produzidos pela limitação de homens com boas metodologias” (WHITEHEAD, 1929, p. 12). De acordo com Whitehead (1929), a razão pode promover um pensamento pragmático e especulativo em direção à vida. A prática especulativa surge como um efeito da função da razão e da intuição, todavia, sendo motivado por um apetite whiteheadiano, por um gosto e vontade de conhecer.

Projetos de pesquisa e criação

Os projetos de pesquisa e extensão realizados pelo LabInter contam com o financiamento de editais do CNPq, CAPES, FAPERGS e com apoio do MEC, MINc, SEC e RNP. Tais projetos estão vinculados a dois projetos guarda-chuva.

1. AIR – Ambientes Imersivos, Interativos, Interdisciplinares em Rede.

O projeto de pesquisa AIR investiga questões sobre interatividade e imersividade em ambientes responsivos, podendo, ou não, estarem associados em rede. Algumas propostas artísticas desenvolvidas dentro do projeto AIR:

- AirCity: arte#ocupaSM 2013/2014² - explora as possibilidades de elaboração de narrativas nos espaços de intervenção físico e digital envolvendo o uso das redes sociais, mídias locativas, redes sem fio, áudio, imagens e ferramentas de localização virtuais de forma articulada através das linguagens e de sistemas de programação.

² Desenvolvida por Andreia Machado Oliveira, Hermes Renato Hildebrand, Daniel Paz, Efrain Foglia e Jordi Sale.

- Entremeios³ - vídeo instalação interativa que explora o ato de habitar e de se mover entre meios distintos. As imagens construídas em espacialidades e temporalidades diversas se hibridizam em um mesmo espaço em tempo real, propiciando interatividade entre a obra e os interatores (Figura 1).



Figura 1: LabInter, *Entremeios*, 2014
Fonte: LabInter

- Dialografias Sonoras⁴ - instalação interativa que propõe diálogos gráfico-sonoros que se estabelecem de modo caótico, com significados indeterminados.
- Game Over⁵ - gamearte instalação, produzido em ambiente virtual imersivo e interativo que propicia a criação de mundos virtuais com o tema corpo-de-delito.
- Video-cascata⁶ - videoinstalação composta por “3 projeções, 3 vídeos e 3 trilhas de áudio em progressão simultânea num mesmo e circunscrito

³ Desenvolvida por Andreia Machado Oliveira, Marcos Cichelero, Matheus Moreno, Evaristo do Nascimento e Fabio Almeida.

⁴ Desenvolvida por Andreia Machado Oliveira, Alexandre Montibeller, Evaristo do Nascimento e Barbara Pereira.

⁵ Desenvolvida por Marcos Cichelero e Fabio do Nascimento (programação).

⁶ Desenvolvida por Muriel Paraboni e Evaristo do Nascimento (programação).

ambiente, cada qual rodando em seu tempo, em seu ritmo, em seu modo” (PARABONI, 2017), instalando uma paisagem (Figura 2)



Figura 2 - Muriel Paraboni, “Video-cascata”, videoinstalação, 2016.
Fonte: arquivo Muriel Paraboni, registro da obra, fotografia por Cássio F. Lemos

- Transhabitat⁷ - instalação interativa que propõe a conexão entre ambientes do ciberespaço e do espaço físico, através do movimento do corpo e novas topologias (Figura 3).

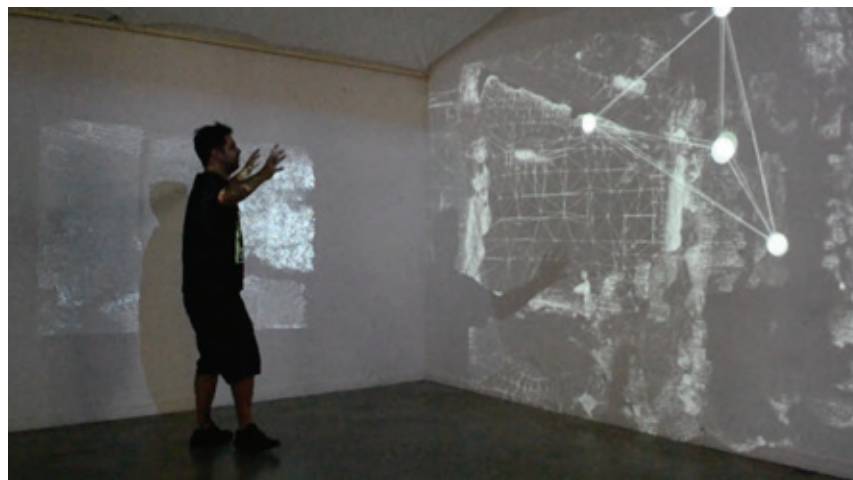


Figura 3: Matheus Moreno, *Transhabitat*, 2016.
Fonte: LabInterFonte: arquivo Muriel Paraboni, registro da obra, fotografia por Cássio F. Lemos

- Intermitências zerodimensionais⁸ - performance em rede telemática decorrente do projeto Rede LATI – MINC/RNP – UFSM, UFBA, UFC, UFG, UFPA.
- Cosmografias⁹ - propõe a construção de topologias abertas interativas a partir de grafismos sonoros gerados no cosmos, para formato fulldome.

CODATA – Comunidades Colaborativas de Dados

O projeto de ensino, pesquisa e extensão CODATA (Comunidade Colaborativa de Dados) envolve propostas artísticas que exploram práticas de colaboração em comunidades.

- APP CODATA¹⁰ - aplicativo interativo que propõe um modo de visualização de dados que promova a criação de comunidades colaborativas de dados (Figura 4). Disponível na Play Store com distribuição gratuita.



Figura 4: Página CODATA
Fonte: LabInter

⁸ Desenvolvido entre as IES: UFSM (LabInter), UFBA, UFC, UFG, UFPA. Financiamento: MinC/RNP 2015.

⁹ Desenvolvida por Andreia Machado Oliveira, Alexandre Montibeller, Matheus Moreno, Evaristo do Nascimento, Muriel Paraboni, Fabio de Almeida e Cristiano Figueiró (composição sonora).

¹⁰ Desenvolvido por Andreia Machado Oliveira, Ricardo Meira, Mara Radaelli, Gabriel Kolton, Tatiana Palma, Lissandra Boesio, Fabiana Duarte. Financiamento: Edital PROEXT 2014 e do Edital PICMEL/FAPERGS/CAPES 2014.

- Produção de Documentários Hiperfídia Participativos nos Assentamentos do Movimento Sem Terra do RS: Inovação Cultural para uma Inclusão Produtiva Rural¹¹ - consiste na investigação e produção de documentários hiperfídia participativos com comunidades do MSTRS.
- Rede_em_Rede¹² - problematiza-se como operar possíveis conexões por meio da arte e tecnologia em uma poética em web arte colaborativa com a comunidade da Vila Belga (Figura 5).



Figura 5: Registro da página inicial do site REDE_EM_REDE

Fonte: Tatiana Guerche, disponível em: <http://tatiguerche.wixsite.com/redeemrede>

- DNA Afetivo¹³ - produção artística colaborativa atrelada a questões de ordem sócio-cultural em comunidades indígenas.
- ReproCidade¹⁴ - trata da interação entre humanos e não humanos via objetos informacionais, com foco em questões animais.
- Educomunicação Intercultural para Inclusão Social: práticas de colaboração com comunidades¹⁵ - projeto de pesquisa para incrementar o intercâmbio acadêmico entre instituições de pesquisa e ensino superior

¹¹ Desenvolvido por Andreia Machado Oliveira e Felix Rebolledo Palazuelos. Participação de Muriel Paraboni. Financiamento: Edital CNPq/MinC/SEC N.º 80/2013.

¹² Desenvolvido por Tatiana Palma Guerche.

¹³ Desenvolvido por Kalinka Malmann.

¹⁴ Desenvolvido por Barbara Pereira.

¹⁵ Coordenadora: Profa. Dra. Rosane Rosa, participante em missão de trabalho Profa. Dra. Andreia Machado Oliveira. Financiamento: Edital Capes no 33/2012/ Programa Abdias Nascimento.

(IES), com parceria da Universidade Católica/Maputo/Moçambique.

O LabInter, além de ser um laboratório preocupado com a produção em arte e tecnologia, desde 2015, direciona-se para práticas de colaboração em experiências tecno-estéticas envolvendo comunidades. Em 2016, o LabInter ampliou suas ações e se tornou um laboratório interinstitucional em rede, com a participação das IES: UFSM, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Andréia Machado Oliveira e UNICAMP, coordenado pelo Prof. Dr. Hermes Renato Hildebrand.

Os projetos realizados no LabInter são desenvolvidos pelo gpc – interArtec/CNPq, contando com parcerias de outros grupos e instituições, estimulando um trabalho em conjunto entre artistas, cientistas e inovadores em tecnologia. O gpc – interArtec/CNPq apresenta quatro linhas de pesquisa: Arte e Tecnologia; Arte, Tecnologia, Comunidade e práticas de colaboração; Imagem, Interdisciplinaridade e Interatividade; e TIC e e-Learning.

REFERÊNCIAS

ASCOTT, Roy. **Telematic Embrace**: visionary theories of Art, Technology, and Consciousness. London: Iniversity of Califórnia Press, 2003.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte, da fotografia a realidade virtual**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GIANNETTI, Claudia. **Estética digital**: sintopía del arte, la ciencia y la tecnologia. Barcelona: ACC LAngelot, 2002.

GRAU, Oliver (Org). **Imagery in the 21st Century**. Cambridge: MIT Press, 2011.

LATOIR, Bruno. Air. In: JONES, Caroline (org.). **Sensorium**: embodied experience, technology, and contemporary art. Cambridge: MIT Press, 2006.

MANNING, Erin. **The Minor Gesture**. Durham, NH: Duke University Press, 2016. MANOVICH, Lev. **Software Takes Command**. Nova York: Bloomsbury Publishing Inc., 2013.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**: la

imagen en la era digital. Buenos Aires: PAIDOS, 2006.

MULDER, Arjen. **From Image to Interaction**: meaning and agency in the arts. Rotterdam: V2 _ Publishing, 2010.

NANCY, Jean-Luc, BARRAU, Aurélien. **The Ground of the Image**. New York: Fordham University Press, 2005.

OLIVEIRA, Andreia Machado. Corpo, Imagem, Meio: Uma Proposta Colaborativa em Ambiente Imersivo. In: **Revista Eletrônica MAPA D2**, Salvador, 2015, p. 62-73.

OLIVEIRA, Andréia Machado. **Corpos Associados**: Interatividade e Tecnicidade nas Paisagens da Arte. Tese de Doutorado em Informática na Educação. UFRGS, Porto Alegre, 2010.

PARABONI, Muriel. **A dissolução da paisagem**: imagem, espaço e tempo na video-instalação. Santa Maria, 2017

PAUL, Christiane. **Digital Art**. London: Thames & Hudson, 2003.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SHANKEN, Edward A. **Art and Electronic Media**. London: PHAIDON, 2009.

SIMANOWSKI, Roberto. **Digital Art and Meaning**: reading kinect poetry, text machines, mapping art and interactive installations. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

SIMONDON, Gilbert. **Cultura y técnica**. In: BLANCO, Javier et al. (org). Amar a las máquinas: cultura y técnica en Gilbert Simondon. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015.

WHITEHEAD, Alfred North. **The Function of Reason**. Boston: Beacon Press, 1929.

Andréia Machado Oliveira

Doutora em Informática na Educação pela UFRGS - Brasil e pela Université de Montreal/UdM - Canadá, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS e Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS. Idealizadora e coordenadora do LabInter (Laboratório Interdisciplinar Interativo) – UFSM e líder do gpc. InterArtec/Cnpq, desde 2012. Artista multimídia e pesquisadora com experiência nas áreas de arte e tecnologia e sistemas interativos; bem como em produção de projetos culturais e educacionais. Seus projetos de pesquisa e extensão contam com o apoio das agências de fomento CNPq, CAPES, FAPERGS, bem como MEC, MinC e RNP. Sua produção acadêmica e artística tem sido publicada em livros, anais e revistas acadêmicas indexadas, e apresentada em eventos nacionais e internacionais. Atualmente é professora do Departamento de Artes Visuais e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (2015-atual).

CONTRIBUIÇÃO

MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA NO PPG ARTE E NOTAS SOBRE O PROJETO DESDOBRAMENTOS DA PAISAGEM

Sandra Terezinha Rey/UFRGS-CNPq

Sobre minha experiência no PPGART da UFSM

Como me foi impossível estar presente no Seminário que marcou as comemorações do 10 anos do Programa de Pós graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, gostaria de iniciar o artigo com um depoimento, assim como parabenizando o corpo docente, discente, mestres egressos, coordenações e técnicos administrativos, pelo êxito em implantar, e fazer vingar no centro do Estado, um Programa que contribui para o desenvolvimento da arte e da cultura; cujas Linhas de Pesquisa estão alinhadas com a impulsão da criação artística e da reflexão sobre o papel cultural e social que as artes visuais desempenham na vida quotidiana, pública e privada.

Para que um Programa de Pós-graduação possa ser criado e implementado é preciso administrar certas circunstâncias e reunir muitas condições favoráveis. Quiseram as circunstâncias que eu estivesse, em 2006, ocasião da elaboração do projeto para a criação do mestrado, numa posição-chave para abraçar a ideia proposta pela Professora Nara Cristina Santos, doutora egressa do PPGAV-UFRGS, de criar um programa de Artes Visuais no interior do Estado. Como coordenadora do PPGAV UFRGS, cargo que desempenhei entre 2005 e 2009, colaborei ativamente na elaboração do projeto, propondo ao Conselho de Professores uma associação nesse projeto, e levando à realização um acordo de cooperação entre UFRGS e UFSM, com a finalidade de estabelecer uma Associação Temporária (durante os primeiros cinco anos) para a implementação do Programa da UFSM. A Associação deu-se devido, naquela ocasião, a UFSM ainda não contar com um quadro estável de professores-doutores na área de Artes e áreas afins. Dessa forma, o objetivo da Associação Temporária foi, então, fortalecer o Quadro Docente e as Linhas de Pesquisa do Programa recém

criado, com o credenciamento de três professoras da UFRGS (eu mesma, Icleia Cattani e Blanca Brites).

Assim, a partir de 2007 fui credenciada ao Quadro Docente Permanente para ministrar disciplinas, desenvolver e orientar pesquisas na Linha de Pesquisa de Arte e Tecnologia, onde permaneci atuando até o final do convênio, em 2011. Fui responsável pelas disciplinas de Seminário de Pesquisa Arte e Tecnologia e Processos Híbridos.

As comemorações pelos 10 anos do Programa são, também, uma ocasião de fazer um balanço e ver como podemos dar prosseguimento. De minha parte, apesar de alguns momentos difíceis por excesso de responsabilidades e trabalho, a experiência em participar da fundação do Programa foi muito rica, e é com alegria que sigo recebendo mestres egressos do PPGART-UFSM para orientar no doutorado de nosso Programa na UFRGS. No final do ano que passou, tive a satisfação de levar à defesa a tese de Karine Perez, egressa do mestrado em Artes Visuais da UFSM e atualmente professora do Quadro Docente do CAL-UFSM, e também iniciei a orientação da pesquisa para a tese de Carlos Donaduzzi, mestre pela UFSM. Essa é, portanto, uma história que continua a se desdobrar.

Igualmente, para nós que atuamos no campo da arte e da cultura, quando fazemos um balanço sobre nossa história ou sobre uma história que compartilhamos, talvez seja a ocasião de indagar e reafirmar sobre a importância da arte numa sociedade imersa em profundas transformações como a que vivemos.

Vivemos num mundo em transição em que os tempos não estão nada fáceis; um mundo conturbado pela velocidade avassaladora dos acontecimentos tanto para o bem como para o mal: os meios de comunicação anunciam praticamente todos os dias progressos fantásticos nos campos da medicina, das ciências e da tecnologia com descobertas e avanços de toda ordem, mas também denunciam toda sorte de tragédias trazendo à tona lutas insanas pelo poder, atrocidades cometidas em guerras, migrações em massa e escândalos de toda ordem, fazendo aflorar problemas sociais, econômicos e éticos que há bem pouco tempo sequer imaginariamos. Os sociólogos afirmam que os modelos e projeções não conseguem mais prever o que acontecerá na ordem social e na economia, a médio e longo prazo¹. O volume de informações que circulam no ciberespaço, a cada hora,

¹ Ver a esse respeito, por exemplo, ABRANCHES, Sergio. *A era do imprevisto. A grande transição do século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

não tem precedentes de fluxos similares, por outros meios, na história da humanidade. No ponto em que o tempo histórico se acelera impulsionado pelos avanços da ciência e do desenvolvimento das tecnologias, desafiam nossa capacidade de ter consciência plena das situações que se sucedem em ritmo cada vez mais rápido.

Na medida em que, desde as figurações inscritas nas paredes das cavernas pré-históricas, a imagem vem desempenhando um papel central na relação do homem com o mundo que o cerca, com a Natureza, o Cosmos, o Universo, com a Sociedade, a arte responde à necessidade de configurar as experiências e compartilhar certas vivências e acontecimentos no seio dos grupos.

Desse modo, no mundo agitado em que vivemos, produzir e refletir sobre arte, penso, se faz cada vez mais necessário, considerando que a produção de imagens e formas simbólicas envolvem formas de representação visual em diferentes materialidades e suportes, mas remetem, todas elas, para a necessidade de construir, seja no espaço bidimensional, ou seja no tridimensional, objetos aos quais se atribuem determinadas propriedades simbólicas e cujo significado é partilhado no interior de um certo grupo. No centro da produção das imagens está, portanto, o Sujeito como agente e como destinatário de trocas simbólicas.

Assim como o mundo está conturbado pela aceleração dos acontecimentos, a arte, mais do que nunca, penso, está no centro das questões do mundo contemporâneo.

E o que denominamos como arte contemporânea é um campo em processo de enorme expansão, podendo mesmo entender-se que a sua abertura implica em uma permanente reformulação do que se pode entender como arte, enquanto questão ontológica, ética, estética e econômica. Supõe, sobretudo, a reformulação das metodologias criativas, dos suportes, e dos processos de distribuição.

A arte contemporânea representa uma quebra da tradição de manufatura e com as categorias que orientaram a produção artística durante muitos séculos; a aparência industrial dos objetos artísticos que vêm sendo produzidos desde o pós 2a Guerra Mundial implica na deshierarquização dos processos criativos e marca o surgimento de práticas fortemente enraizadas nas tecnologias da imagem. A comunicação passa a constituir novos espaços de partilha artística.

Além do mais, a produção de arte contemporânea pressupõe a tendência para uma constante redefinição do que pode ser entendido como arte, seja através de processos híbridos que implicam em processos exógenos, isto é, numa saída da arte para fora de si mesma pela adoção de metodologias oriundas das ciências humanas, sobretudo da sociologia e da antropologia, da comunicação, e mesmo das ciências exatas, bem como uma concomitante tendência endógena, isto é, de alargamento do conceito de arte que define um campo de produção que se pretende situar fora da tradição artística e, portanto, fora da História da Arte (DANTO, 2006).

De meu ponto de vista, essa tendência, por si só, legitima a abordagem da produção artística pelo viés da pesquisa. E, provavelmente, encontraremos aí, na natureza híbrida que é a forte característica da arte contemporânea, a razão do grande crescimento dos programas de pós-graduação em artes visuais no país. Porque para aprofundar um processo artístico, dominar uma ou mais técnicas é necessário e importante, mas não suficiente, é preciso, também, conhecer profundamente o campo artístico, a história da arte e suas injunções teóricas e políticas; assim como aprender a manejar suas ferramentas conceituais.

Isso, pois a arte contemporânea é um campo em processo de enorme expansão, e as coisas se complicam, pois a sua abertura implica na permanente reformulação do que se pode entender como arte, tanto como questão ontológica, quanto ética, estética e econômica. Talvez, nunca a arte tenha estado tanto no centro das questões como no mundo contemporâneo. Estariam, então, do meu ponto de vista, validadas as contribuições e impulsos que os Programas de Pós-graduação em Artes Visuais vêm outorgando à sociedade e ao sistema da arte. E, ainda mais, de extrema importância os Programas se descentralizarem cada vez mais dos grandes centros hegemônicos. Temos muito espaço para crescer, vida longa, portanto, ao PPGART da UFSM.

Notas sobre o projeto Desdobramentos da Paisagem

O projeto que desenvolvo tem como título Desdobramentos da Paisagem: fotografia, experiência e heterogênesse e está vinculado ao grupo de pesquisas que criei em 2005, na base do CNPq, Processo Híbridos na arte contemporânea.

Assim como está configurado, o projeto propõe o aprofundamento de investigações sobre o dispositivo fotográfico e desdobramentos possibilitados por tecnologias digitais no tratamento contemporâneo do tema paisagem. A pesquisa se constitui como espaço de criação e de reflexão no contexto da arte contemporânea e propõe uma abordagem do ponto de vista da relação da prática artística com o campo teórico. Minha hipótese de trabalho incide sobre o conceito de paisagem enquanto elaboração cultural, produto de uma experiência perceptiva, envolvendo o conceito de experiência como desterritorialização.

A partir da convicção de que as imagens e as palavras produzem sentidos, criam realidades, o projeto se estrutura e se desenvolve frente a indagações sobre a estabilidade/instabilidade da fotografia enquanto representação do mundo visível e concreto em que vivemos. Do meu ponto de vista, o ato de criação tem a ver com o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. Ocorre que, no meu processo, o objeto artístico é instaurado por procedimentos que se cruzam e entrelaçam de maneiras a produzir processos de subjetivação que conduzam a uma produção de sentido. Nunca persigo uma ideia a fim de concretizá-la, mas ajo por experimentações, prestando muita atenção no que acontece durante o processo. Isso, na expectativa de desestabilizar minhas percepções e ressignificar o que inicialmente a imagem representa. Estou sempre mais interessada naquilo que não sei e que o processo de trabalho possa desvelar, do que colocar em ação o que já domino e administro bem, seja no nível técnico, seja no nível conceitual. Sou cética em relação à ideia romântica da arte como produto de uma suposta genialidade, ou dom. Para mim, o trabalho adquire significação à medida em que se torna sujeito de uma experiência que se define menos pelo saber fazer que por uma atitude de receptividade ao que acontece durante o processo. Minha expectativa em adotar uma postura passiva em relação ao que acontece no ato criativo é por uma abertura, uma pequena fissura que seja, na percepção, plausível de levar a mente para lugares mais vastos, abrindo novas possibilidades de compreensão da arte e da vida.

Mas, de maneira bem direta e prática, o objeto de estudos do projeto fica circunscrito ao processo artístico individual, que toma como base o desdobramento do ato fotográfico em ensaios e experimentações, abrangendo os conceitos de território, deslocamento, montagem e heterogênesse. O objetivo principal é aprofundar questões intrínsecas ao

meu processo artístico, tanto operatórias quanto conceituais, e interrogar seu campo referencial no sistema da arte.

O processo criativo ampara-se na invenção de estratégias que visam expandir os limites da imagem, desatando os laços que a ligam ao referente fotográfico.

A elaboração das propostas artísticas envolve entrecruzamentos e procedimentos heterogêneos que implicam no entrelaçamento de duas ou mais lógicas figurais. Desse ponto de vista, a fotografia é considerada como resultante de um somatório de construções que se inicia no trabalho de campo — junto à natureza — e desdobra-se no estúdio, em processos de pós-produção envolvendo montagens e cruzamentos com procedimentos oriundos do desenho e da pintura. Implicam-se nas invenções de protocolos para materializações de suportes, pesquisas sobre impressões e formas de apresentação das propostas. O projeto é balizado por pesquisas teóricas acerca da imagem, levando em conta possibilidades de desdobramentos e transmutações no regime de representação e reflexões sobre a abordagem metodológica e o lugar da pesquisa do artista no ambiente acadêmico e no sistema da arte.

Mas, sobretudo, o projeto é orientado pela noção de experiência tomada em seu sentido mais básico e fundamental: como o que se passa, o que nos acontece, *ce qui nous arrive*, em francês. No decorrer da nossa vida, em nosso cotidiano, se passam muitas coisas, mas poucas coisas, realmente significativas, nos acontecem. A experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Porque ficamos agitados pelo excesso de informações que recebemos e porque estamos sempre ocupados, indo de um lugar a outro, fazendo uma e outra coisa, para cumprir nosso roteiro cotidiano. Nesse ir e vir, tudo acontece demasiadamente depressa, a velocidade dos acontecimentos e nossa ansiedade pelo novo, que caracterizam o mundo moderno, impedem uma conexão significativa entre os acontecimentos, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas não deixa vestígios. Nesse contexto, somos pegos numa armadilha, estamos sempre descentrados de nós mesmos, não sobra espaço para a experiência.

O projeto busca a contra-corrente desse fluxo alucinatório que vivemos no dia a dia, abrir espaço para a experiência através de um deslocamento em que, em contato com a natureza, seja plausível suspender o automatismo da ação, parar para olhar, parar para escutar, olhar mais devagar, demorar



Sandra Rey: Ensaio sobre o visível I101, 2016.
Fotografia [montagem] e incrustação de desenhos, 150x120cm.
Impressão pigmento mineral sobre papel de algodão.

nos detalhes, suspender a vontade, evitar o julgamento, sentir mais devagar, cultivar a atenção e a delicadeza, aprender a lentidão, escutar, ficar calada, ter paciência, me dar um tempo... e fotografar.

Meu processo artístico propõe encurtar a distância entre experiência

comum e experiência estética, supondo um conceito de arte partícipe da vida, voltado à investigação de novos modos de percepção e de representação da natureza as quais busco a expandir através da arte. Desse modo, a proposta da pesquisa abrange a experiência artística desde seu “estado bruto”, através de ações que se desenvolvem a partir de caminhadas em lugares que propiciam o exercício da sensibilidade num fluxo contínuo de acontecimentos. Essa é, para mim, a noção de experiência na paisagem. Depois, no retorno ao estúdio, investigo e realizo experimentações sobre os desdobramentos dessas experiências que ocorrem nos trabalhos de campo.

Considerando procedimentos que investigam as tecnologias atuais não como aplicações previsíveis, mas operando por cruzamentos que respondem às questões poéticas implicadas no processo até a sua finalização em um conjunto de trabalhos. Dessa forma, o projeto Desdobramentos da Paisagem: *fotografia, experiência e heterogênese* prevê elaborações poéticas e narrativas visuais em todas as etapas do processo de criação, assim como reflexão das questões metodológicas aí implicadas.

Finalmente, as imagens que apresento pertencem à série “Ensaio sobre o visível”, produzidas a partir de uma experiência realizada em um deslocamento de barco pelos furos e igarapés da ilha de Combú, situada em frente à cidade de Belém. Durante o trajeto, fui observando e fotografando as margens da Floresta Amazônica. Depois, no meu estúdio, em Porto Alegre, a partir de um certo número de fotografias, fui desdobrando as imagens por procedimentos de justaposição e sobreposição como se fossem os planos de instauração de uma pintura, e incrustando intervenções gráficas que formam desenhos abstratos e direcionam, centralizam certas zonas da imagem, onde as conexões de espaço e tempo se encontram imbricadas, conectadas ou interligadas. O que denomino como “ensaio” seria uma espécie de especulação visual sobre a potência do real em produzir novas configurações e metamorfoses, desvelando um pensamento que se produz a partir de experiências que encurtam distâncias entre a arte e a vida e, principalmente, para instaurar um pensamento que se produz a partir da imagem e *na* imagem.



Sandra Rey: Ensaio sobre o visível I5I, 2016.
Fotografia [montagem] e incrustação de desenhos, 150x120cm.
Impressão pigmento mineral sobre papel de algodão.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sergio. **A era do imprevisto. A grande transição do século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BELTING, Hans. **O fim da história da arte.** São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- CAUQUELIN, Anne, **L’Invention du paysage.** Paris, Ed. Plon, 1989.
- Le site et le paysage. Paris: PUF, 2007.
- DANTO, Arthur. **Após o fim da arte.** São Paulo: Odysseus Ed., 2006.
- DEWEY, JOHN. **Arte como Experiência.** São Paulo: Martins Fontes Ed., 2010.
- LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** In Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Ed. Sulina. 2015.

Sandra Rey

Artista plástica, desenvolve produção a partir de pesquisas em fotografia e tecnologia digital produzindo trabalhos em grandes e pequenos formatos, vídeos, instalações, livros de artista. Doutorado em Arte e Ciências da Arte, Universidade de Paris I. Professora Titular do Departamento de Artes Visuais, Docente do PPGAV/UFRGS. Pesquisadora na área de Artes Visuais junto ao CNPq. Criou e coordena o Grupo de Pesquisas Processos Híbridos na Arte Contemporânea, plataforma de intercâmbios com e artistas pesquisadores nacionais e internacionais. De 2007 a 2011 atuou no quadro Docente do PPGART-UFSM, na linha de pesquisa Arte e Tecnologia.
